

UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO

CÍNTIA SERASUELA PAPILE

**REFLEXOS DA IMPLANTAÇÃO DO LEAD E DA
PIRÂMIDE INVERTIDA NO JORNALISMO IMPRESSO
BRASILEIRO – UM ESTUDO BAURUENSE**

BAURU
2013

CÍNTIA SERASUELA PAPILE

**REFLEXOS DA IMPLANTAÇÃO DO LEAD E DA
PIRÂMIDE INVERTIDA NO JORNALISMO IMPRESSO
BRASILEIRO – UM ESTUDO BAURUENSE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, sob a orientação da Prof^a. Me. Daniela Pereira Bochembuzo.

BAURU
2013

P216r

Papile, Cíntia Serasuela

Reflexos da implantação do lead e da pirâmide invertida no jornalismo impresso brasileiro: um estudo bauruense / Cíntia Serasuela Papile -- 2013. 122f.

Orientadora: Profa. Me. Daniela Pereira Bochembuzo.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade do Sagrado Coração - Bauru - SP

1. Jornalismo. 2. Jornalismo Impresso. 3. Lead. 4. Pirâmide Invertida. 5. Jornalismo Literário. I. Bochembuzo, Daniela Pereira. II. Título.

CÍNTIA SERASUELA PAPILE

**REFLEXOS DA IMPLANTAÇÃO DO LEAD E DA PIRÂMIDE
INVERTIDA NO JORNALISMO IMPRESSO BRASILEIRO – UM
ESTUDO BAURUENSE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, sob a orientação da Prof^a. Me. Daniela Pereira Bochembuzo.

Banca Examinadora:

Profa. Me. Daniela Pereira Bochembuzo
Universidade do Sagrado Coração

Profa. Dra. Vanessa de Matos Santos
Universidade do Sagrado Coração

Prof. Dr. Cláudio Rodrigues Coração
Universidade Paulista

Bauru, 19 de junho de 2013.

Dedico este trabalho aos meus pais que me ensinaram a trabalhar a vida com ideias e palavras e ao meu irmão que me acompanha desde sempre com abraços e sorrisos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos primeiros que me conheceram neste mundo, com quem tive os primeiros ensinamentos, sentimentos e a sensação do poder do abraço, os meus guias: meus pais.

Agradeço a minha mãe pela paciência em me ensinar suas habilidades na minha infância, mesmo que eu não tivesse o seu dom; por sempre acompanhar meus passos, mesmo quando eu parava por um tempo no caminho; pelo apoio, incentivo, torcida e sorrisos que foram meus combustíveis da vida e, agora que moro longe de casa, pela força transmitida em todas as ligações telefônicas que fiz quando estava a sós com um problema ou momento difícil. Também agradeço por me acompanhar em várias entrevistas, filmagens, fotografias e na árdua jornada deste trabalho. Obrigada por ser a melhor mãe do mundo. Você é meu exemplo de coragem e vida.

Agradeço ao meu pai por me mostrar o colorido de viver, por me ajudar a escrever a primeira frase para a escola e me fazer perceber que se eu tratasse as palavras com carinho, elas poderiam ser minhas amigas. Agradeço também por sempre plantar sementes de sonho em mim e me regar com a persistência, por me dizer no momento certo a frase que me acompanhou: “nunca diga ‘eu não consigo’, sem antes tentar”. Obrigada pelas prazerosas conversas de todos os assuntos, pelas viagens de Torrinha-Bauru para correr comigo atrás de oportunidades ou para uma boa estadia e por todo incentivo durante esse trabalho. Você é o melhor pai do mundo, obrigada por ser meu exemplo de sabedoria e vida.

Também agradeço a quem sempre me acompanhou nestes 21 anos de vida, meu irmão Silas, o meu eterno companheiro. Agradeço por me cuidar quando eu ainda era um ‘pedacinho de gente’; por todas as aventuras, desde as estratégias para roubar queijo na geladeira antes do almoço até a ida a cavalo para a cachoeira, aliás, obrigada por me salvar aquele dia, não é em vão que você é meu herói em meus sonhos, você também o é na vida real. Obrigada por compartilhar a vida comigo, por me dizer a frase do filme que assistíamos todos os dias (O Rei Leão), “Lembre-se de quem você é”, nas situações mais oportunas. Obrigada pelas inúmeras risadas, pelos abraços confortantes e por poder ter o brilho desses olhos azuis pra me animar. Você é meu exemplo de sensatez, melhor ‘maninho’ do mundo. Também agradeço a sua namorada, Joice, que se tornou uma irmã pra mim.

Agradeço, ainda, uma pessoa que conheço há muito tempo, mas me acompanha mais de perto há 5 anos; obrigada, Tadeu, por ter sido meu pilar em muitos momentos, como namorado e amigo; por sempre me socorrer nas horas de desespero, por me levar doces pra animar meu dia, pelas aventuras e muitas risadas, por me acompanhar em matérias, entrevistas e fotografias durante o curso e pela paciência de me ouvir falar desse trabalho. Obrigada por caminhar comigo, partilhar suas experiências, por ter seus braços sempre disponíveis, como eu te disse uma vez, obrigada por misturar suas cores com as minhas, essa mescla pintou a minha vida de felicidade. Obrigada por ser meu companheiro, até debaixo de chuva.

Agradeço também quatro pessoas essenciais na minha vida, os meus amados avós que me acompanham desde a minha infância, quando passava horas do dia com eles; o avô Guilherme me ensinando a “nadar” em uma piscina imaginária e me deixando espalhar todos os grãos de café que ele havia acabado de juntar; a avó Cida me fazendo pipoca e doce de leite enquanto eu brincava com os ursinhos e me deixando brincar com seus cabelos enquanto assistíamos desenho; o avô Mauro sempre fazendo brincadeiras comigo, alegrando minha infância e me deixando comer todas as batatinhas da festa de que tanto gosto; a avó Inês me cuidando ao máximo quando ficava doente e me deixando fazer cabaninhas de sombrinhas em sua sala.

Agradeço por ter o prazer da companhia de vocês, com os almoços e jantares juntos aos finais de semana, as boas conversas em que sempre aprendo muito da vida, por suas delícias produzidas na cozinha que levo até Bauru, por todo apoio em meus estudos e por sentir o abraço cheio de carinho de vocês. É maravilhoso me ver em um pedaço de cada um de vocês.

Nessa caminhada de curso, agradeço aos meus colegas de sala pelos momentos compartilhados, mas em especial a dois amigos incríveis que deixaram essa parte da história de minha vida muito mais alegre e bonita: Juliana, que desde o primeiro ano se tornou minha companheira de jornada, até mesmo em Ribeirão Preto ou em Ouro Preto. Obrigada pelos risos e até lágrimas trocadas, pela parceria nos trabalhos, pelos passeios divertidos, pelas conversas de todos os assuntos compartilhando experiências e pela amizade que permanecerá sempre nesse bauzinho de coisas chamado coração; e o Mateus, que também permanecerá sempre nesse bauzinho, por ser uma amizade que prezo muito, seja aqui ou em

Ouro Preto; obrigada pelas conversas prazerosas, pelo esforço compartilhado nos trabalhos, pelas inúmeras risadas e pela compreensão, assim ficou mais fácil e melhor trilhar esse caminho. Obrigada por sua companhia em todos os momentos.

Agradeço aos professores que tive por toda minha vida. Quanto aos da escola, faço agradecimentos especiais para duas que ainda hoje são minhas amigas: Alair, que me ensinou mais que geografia, me fez sempre buscar mais, sair do lugar comum, mostrou que o conhecimento é um vício bom e agradeço, principalmente, pela época do Projeto Internacional, aquelas experiências foram úteis até mesmo para esse trabalho; e a Carmen, que além de história, me ensinou a ter consciência crítica, força de vontade e que o mundo pode sim ser melhor a partir das nossas ações.

Aos professores da graduação, agradeço todo o conhecimento acerca do jornalismo e também aprendizados da vida. Agradeço minha professora e orientadora Daniela, que sempre me acompanhou, incentivou para novos desafios, foi companheira em todos os momentos, colocou novas perspectivas para a minha caminhada durante o curso, bem como os conhecimentos transmitidos e a base para os trabalhos, agradeço em especial por confiar em nossa produção do radiodocumentário. Obrigada por me ajudar a utilizar das melhores formas as pedras do caminho, dividir conquistas e por todo conhecimento e orientação durante esse trabalho. Nestes anos, te tenho como exemplo de profissional.

Também agradeço a professora Vanessa, que me apoiou em situações diversas, inclusive nas que pareciam impossíveis, por ensinar com alegria e pelo alto nível de conhecimento adquirido com ela. Agradeço ao professor Marcelo, pela ótima parceria em trabalho, pelo incentivo à busca de conhecimentos e pelas conversas enriquecedoras. Agradeço também a professora Sandra, com seus ensinamentos sobre o cotidiano do jornalismo e situações da vida, indicando como sermos cidadãos melhores, também agradeço pela oportunidade de poder incluir meus avós no documentário de televisão. Agradeço, ainda, a professora Joyce que ensinou sobre a arte de fotografar em aulas prazerosas e das conversas para me reanimar diante dos obstáculos. Também agradeço a professora Érika, por seus ensinamentos em aulas e também pelo carinho e incentivo que sempre me direcionou. Agradeço ao professor Fábio, que desde o primeiro ano acompanha meu trajeto pelo curso, sempre ajudando em trabalhos e me passando novos conhecimentos através de boas conversas, uma pessoa doce que tem muito a

oferecer para o mundo. Também agradeço ao professor Sebastião, por seus valiosos ensinamentos que são a base para a formação, não só do profissional, mas do indivíduo.

Os agradecimentos também devem ser feitos para os técnicos do Laboratório de rádio Leandro e Alex, e do Laboratório de Televisão, João e Felipe. Sem a presença desses profissionais e amigos, os trabalhos de todos os alunos de comunicação não seriam possíveis; sempre dispostos a fazer o melhor, ajudar até no que parece impossível e regado a bom humor e brincadeiras. Obrigada pelas tardes de gravação, edição, de conversas e risadas, vocês tornaram o caminho mais alegre.

E agradeço também àqueles em que mais recorri nos momentos difíceis e agradei nos mais felizes, Deus e o meu protetor Santo Expedito.

Enfim, obrigada a todos por mesclarem suas histórias com as minhas, ao revirar novamente essas páginas, elas trarão ainda um gosto de saudade boa.

“As histórias são como pessoas, temos que ouvi-las com carinho, antes que desapareçam levando consigo seus segredos”.
(Hans Christian Andersen)

RESUMO

Partindo do fato de que o lead e a pirâmide invertida têm sido utilizados no Brasil como as principais técnicas de construção da notícia nos últimos sessenta anos, tempo significativo para o jornalismo, a presente pesquisa avalia como essas técnicas consolidaram-se, transformaram conforme o contexto histórico e se realizam atualmente na prática jornalística. Para tanto, trata-se aqui dos temas comunicação, principalmente como processo social, o jornalismo e seu histórico, a concretização do jornalismo impresso, os gêneros e formatos jornalísticos, a história da imprensa brasileira desde o início até o contexto da implantação das técnicas redacionais: lead e pirâmide invertida e as possibilidades da narrativa do jornalismo literário diante do contexto atual, bem como a mescla dos dois tipos de linguagem no atual fazer jornalístico como mecanismo de sobrevivência do jornal impresso. Para o embasamento de tais conceitos, entre os autores consultados estão: José Marques de Melo, Nelson Werneck Sodré, Felipe Pena, Nelson Traquina, Nilson Lage, Mario Erbolato, Jorge Pedro Sousa e Adelmo Genro Filho, além de outros nomes do meio jornalístico. Após a apresentação de tais temas por pesquisa bibliográfica, há análises de entrevistas em profundidade realizadas com seis jornalistas de dois jornais impressos da cidade de Bauru, com objetivo de averiguar o uso dessas técnicas no cotidiano redacional atual, que demonstra caminhar para uma forma de construção da notícia em que há uma dosagem entre as técnicas redacionais e elementos do jornalismo literário.

Palavras-chave: Jornalismo. Jornalismo Impresso. Lead. Pirâmide Invertida. Jornalismo Literário.

ABSTRACT

Starting from the fact that the 'lead' and the inverted pyramid have been used in Brazil as the main construction techniques of news in the last sixty years, a significant time for journalism, this research evaluates how these techniques have been strengthened, transformed according to the historical context and as it is taking place currently in journalistic practice. Therefore, this is about the communication issues, mainly as a social process, journalism and its history, the realization of printed journalism, journalistic genres and formats, the history of the Brazilian press from the beginning to the context of implementation of redactional techniques: 'lead' and inverted pyramid and the possibilities of literary journalism narrative given the current context, as well as a blend of two types of language in the current journalism as a survival mechanism of printed newspaper. In order to support the concepts, the consulted authors are: José Marques de Melo, Nelson Werneck Sodré, Felipe Pena, Nelson Traquina, Nilson Lage, Mario Erbolato, Jorge Pedro Sousa e Adelmo Genro Filho, and other names of journalism. After the presentation of these issues by literature research, there are in-depth analysis of interviews conducted with six reporters from two printed newspapers in the city of Bauru, in order to ascertain the use of these techniques in the current daily editorial, that shows moving towards a form of news construction which has a blend between the techniques and redactional elements of literary journalism.

Keywords: Journalism. Printed Journalism. Lead. Inverted Pyramid. Literary Journalism.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	COMUNICAÇÃO	16
2.1	JORNALISMO.....	25
3	JORNALISMO IMPRESSO	32
3.1	GÊNEROS E FORMATOS.....	37
3.2	JORNALISMO IMPRESSO BRASILEIRO: DO INÍCIO AOS ANOS 50.....	42
4	TÉCNICAS REDACIONAIS: LEAD E PIRÂMIDE INVERTIDA	48
4.1	OUTRAS FORMAS DE NARRAR: JORNALISMO LITERÁRIO.....	59
5	PERCURSO METODOLÓGICO	66
6	ANÁLISES DAS ENTREVISTAS	72
6.1	LEAD: O USO ATUAL.....	72
6.2	ADAPTAÇÕES DO LEAD.....	73
6.3	LEAD: UMA AMARRA?.....	74
6.4	A PIRÂMIDE ESTÁ MESMO INVERTIDA?.....	75
6.5	QUANDO SERÁ A VEZ DO JORNALISMO LITERÁRIO?.....	77
6.6	REFORMULAÇÃO DO JORNAL IMPRESSO: ANOS 50 E ATUALMENTE.....	79
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
	REFERÊNCIAS	87
	APÊNDICE A – ROTEIRO E ENTREVISTAS	91
	ANEXO A – CERTIFICADO DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA USC	122

1 INTRODUÇÃO

Apesar de haver, entre os pesquisadores, diversas acepções acerca da comunicação, sua importância para o ser humano se evidencia desde tempos remotos, já que as pessoas são seres eminentemente sociais e fazem uso da comunicação, também, como mecanismo de sobrevivência.

O processo de comunicação social, que se entende como a comunicação em sociedade para grande número de receptores com dispositivos técnicos, realiza-se, então, conforme o tempo e a evolução das civilizações.

Uma das modalidades da comunicação social é o jornalismo que também possui várias definições, bem como o papel exercido pelo jornalista na sociedade. Mas quaisquer que sejam as delimitações, é ponto comum entre pesquisadores da Comunicação e das Ciências Sociais que o papel primeiro do jornalismo é informar a sociedade e que o jornalista é um agente social.

Segundo Koszyk e Pruys (1976 apud KUNCZKI, 2002), o jornalismo é a profissão das pessoas que reúnem, avaliam e difundem as notícias, as quais são compostas pelos fatos jornalísticos, definidos por Genro Filho (1987) como a menor unidade de significação do processo de comunicação jornalística. O modo como é feito esse processo de construção da notícia passa por várias modificações conforme a época, dada a evolução da civilização, desde os critérios de noticiabilidade até o modo como serão publicadas as notícias. Assim, um olhar além da informação é de que a função social do jornalista é levar à opinião pública fatos que orientem as pessoas para as suas atividades diárias. Daí a importância do exercício crítico e ético na atividade jornalística.

O jornalismo pode ser dividido em cinco eras, como define Marcondes Filho (2000), que têm como marco 1789, ano da Revolução Francesa, cujos paradigmas “liberdade, fraternidade e igualdade” impregnaram o exercício jornalístico do ensejo de informar de maneira transparente, plural e com isenção. Sob esse ponto de vista, a notícia seria uma forma de lançar luz sobre fatos obscuros.

Desde então, essas premissas se mantêm. O que mudou, porém, foi a técnica de relatar tais fatos e compor as notícias, principalmente por conta do impacto dos avanços tecnológicos, que aumentaram a velocidade de produção do material jornalístico. No Brasil, essa mudança se caracterizou, principalmente, pela implantação da técnica de construção de notícia denominada ‘Lead’ (em inglês,

“guia”), que consiste em responder as seis perguntas básicas: “O que? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê?” logo no início do texto.

Outra revolução no fazer jornalístico foi a técnica da pirâmide invertida, que objetiva trazer ao início do texto todas as informações de maior relevância, com intuito de prender a atenção do leitor, deixando para o final apenas informações secundárias e detalhes que seriam dispensáveis.

O lead surgiu na Guerra Civil norte-americana (1861-1865), mas o marco inicial desta técnica nas redações brasileiras deu-se no *Diário Carioca*, em 1951, pelos jornalistas Pompeu de Souza e Danton Jobim, e que Luís Paulistano, chefe da reportagem, acrescentou a isso o sublead brasileiro.

Tais técnicas já revolucionavam as redações norte-americanas há alguns anos, de forma a buscar a objetividade que se fazia necessária na produção jornalística da época e, pouco tempo depois, se espalhou para as redações de todo o planeta.

As transformações sociais, econômicas, políticas e culturais presentes no cenário brasileiro na segunda metade do século XX propiciaram a adoção dessas técnicas redacionais que persistem até hoje, sessenta anos após a implantação.

A despeito de apontamentos como o de Pena (2012), o qual afirma que o lead pode se tornar uma prisão de estilo para os jornalistas, para em seguida concordar ser inegável a transformação do jornalismo mundial a partir de sua utilização, outros pesquisadores constataram que a técnica está incorporada nas redações e registra mudanças em sua aplicação. Entre eles encontra-se João de Deus Corrêa, tido por Pena como um dos maiores estudiosos do lead no Brasil, que propõe mais três perguntas junto às seis tradicionais; são elas: A quem? Para quê? Com que desdobramentos? Tais questões, na visão do autor, alterariam o sujeito da notícia de passivo para ativo, ou seja, transformando-o em um agente do fato jornalístico.

Outras considerações são feitas acerca das técnicas redacionais e do padrão da objetividade, como Genro Filho (1987), que contesta o fato de que o lead deve estar no primeiro parágrafo da notícia, já que o autor o coloca como a singularidade do fato e que pode estar em qualquer lugar do texto jornalístico. Do mesmo modo, afirma que a pirâmide invertida, na realidade, está assentada com sua base natural, pois parte do singular para o particular, ou seja, a especificidade do fato para o seu contexto e, depois, para o universal.

Esse percurso conceitual ampara a primeira etapa deste trabalho, que tem como objetivo avaliar como as principais técnicas de construção de notícia, denominadas lead e pirâmide invertida, são trabalhadas em duas redações de jornalismo impresso de Bauru, no interior de São Paulo, bem como demonstrar como tais técnicas têm sido adaptadas no cotidiano do fazer jornalístico, indicando possíveis mudanças nesse uso.

Para tanto, além de trazer as discussões teóricas acerca do tema, a presente pesquisa também traz os resultados obtidos a partir de entrevista em profundidade com seis jornalistas de dois jornais impressos diários da cidade de Bauru: Jornal da Cidade e Bom Dia Bauru, escolhidos de acordo com a faixa etária e tempo de profissão.

Paralelo a essa discussão teórica entre a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo, cabe uma reflexão se os jornalistas estariam atentos a essa mudança ou se a mesma foi incorporada de maneira irreflexiva no dia a dia profissional. O percurso metodológico seguia pelo seguinte problema: o lead e a pirâmide invertida são técnicas tão intrínsecas ao fazer jornalístico que já permitem novas formas de construção da notícia?

Tomada como parâmetro a ideia que o texto jornalístico reflète as mudanças da linguagem da sociedade, que, por sua vez, está em constante transformação, figuram as seguintes hipóteses à questão norteadora desta pesquisa: o uso dessas técnicas jornalísticas muda entre diferentes gerações de jornalistas; o cotidiano redacional interfere na qualidade do uso dessas técnicas e, a partir da incorporação dessas técnicas, outras formas de narrar a notícia têm sido adotadas nas redações.

Acredita-se que investigar tais questões se mostra pertinente ao exercício profissional e à reflexão acadêmica na medida em que podem contribuir sobre o fazer jornalístico e sobre a incisão dessa prática na sociedade, principalmente se for considerado que Bauru é polo de pesquisa, ensino e extensão na área de Jornalismo.

Esta contribuição é fruto de pesquisa de Iniciação Científica iniciada em agosto de 2012 e, atualmente, em junho de 2013, encontra-se em fase de redação do relatório final. O trabalho foi financiado pela Fundação de Apoio à Pesquisa – FAP/USC.

Em relação ao relatório parcial, entregue em fevereiro de 2013, e o relatório final, cujo prazo de entrega é agosto de 2013, este Trabalho de Conclusão de Curso

apresenta como conteúdo adicional o Capítulo 2 acerca da comunicação e do jornalismo, desde suas origens, percurso histórico, as funções e influências exercida em cada época e a importância para a atualidade, entre outros. O conteúdo dos demais capítulos foi redimensionado para o formato deste TCC, envolvendo a inclusão do histórico e características do jornal impresso, a ampliação da discussão acerca dos gêneros e formatos jornalísticos, a melhor contextualização do jornalismo impresso brasileiro, busca de novos conceitos e pensamentos de outros autores sobre as técnicas redacionais, assim também, novas considerações acrescentadas sobre a forma de construção da notícia ao longo das décadas e melhor pesquisa e explicitação do jornalismo literário, permitindo melhores noções da ligação desse estilo com as técnicas redacionais. Além disso, também há as análises das entrevistas em profundidade com jornalistas.

2 COMUNICAÇÃO

A comunicação é uma necessidade do ser humano. Desde tempos remotos, os homens comunicam uns aos outros sobre as novidades ou histórias socialmente relevantes como maneira de sobrevivência ou por herança cultural (SOUSA, 2001).

Aliado a essa ideia da comunicação como forma de sobrevivência, Bahia (1971, p. 74) coloca que a “comunicação é por onde respira uma comunidade. A sociedade não existiria sem a troca de idéias, de emoções, de informações, sem o discurso – essas unidades criadoras de laços humanos”. Assim, a comunicação é o elo das relações sociais e, por consequência, vitais, dos seres humanos. Dessa forma, “a natureza dos processos de comunicação de uma sociedade está significativamente relacionada com praticamente todos os aspectos da vida diária de sua gente” (DEFLEUR; BALL-ROKEACH, 1993, p. 25).

A história da comunicação acompanha a evolução da humanidade, esta usando a primeira para sanar as necessidades que surgiam, como colocam Letria e Goulão (1986, p.9): “A comunicação constitui uma das necessidades primárias da vida em sociedade [...] Comunicar é no fundo tão natural e necessário como respirar”. O ser humano tende a se comunicar, desde a Era dos Símbolos e Sinais até a Era da Comunicação de Massa, conforme as necessidades que surgem e os aprendizados que obtêm com as novas descobertas.

Ora, é óbvio que os homens sempre se comunicaram, que os primeiros agrupamentos humanos, aquilo que podemos instituir como o embrião da vida social, apenas se constituíram sobre a base das trocas simbólicas, da expressividade dos homens. É óbvio que a comunicação – processo social básico de produção e partilhamento do sentido através da materialização de formas simbólicas – existiu desde sempre na história dos homens, e não foi inventada pela imprensa, pela tv, pela Internet (FRANÇA, 2008, p. 41).

A autora acrescenta que a modernidade não é criadora da comunicação, apenas a complexificou, dando origem a diversas formas e modulações em sua realização na sociedade. Esse processo passou por transformações conforme a época.

De acordo com DeFleur e Ball-Rokeach (1993), as primeiras formas humanas somente eram capazes de se comunicar através de rosnados, roncões, guinchos e por linguagem corporal e, posteriormente, desenvolveram capacidades para se

comunicarem de formas mais complexas e eficientes, com regras de interpretação em comum. Foram precisos milhões de anos para obterem mudanças significativas, com invenção de ferramentas e tecnologias para transmissão de soluções e informações às gerações seguintes.

Na Era da Fala e da Linguagem, as pinturas dos primitivos Cro-Magon, provavelmente, foram as primeiras tentativas de armazenamento de informações e, possivelmente, esses ancestrais possuíam capacidade para falar, já que tinham uma estrutura craniana como a de hoje em dia. Dessa forma, é possível que a fala e linguagem se originaram entre 35 mil e 40 mil anos atrás.

Os Cro-Magon evoluíram com a agricultura e, posteriormente, na cultura e início da civilização. O desenvolvimento humano veio tanto de práticas de trabalho quanto de lazer. O uso da linguagem não provocou, diretamente, grandes modificações, mas certamente possibilitou à existência humana avançar na transmissão de informações e, conseqüentemente, na vida em comunidade.

E mesmo com o uso da linguagem, demorou muitos séculos para que a escrita fosse descoberta. Defleur e Ball-Rockeach (1993, p. 32) colocam que “a história da escrita é a passagem da representação pictória para sistemas fonéticos, da representação de idéias complexas com imagens ou desenhos estilizados para a utilização de simples letras dando a entender determinados sons”.

A primeira forma de escrita foi a pictografia convencional, composta por imagens que representavam objetos, ações e situações com uma padronização de significados para que houvesse uma interpretação e entendimento dos desenhos por quem os visse.

Assim, a comunicação se tornava efetiva, pois era possível construir uma história e armazenar informações, já que as representações de idéias de alguém podiam ser entendidas por outra pessoa que vivesse em outro local e que a veria vários anos depois, destarte, “a escrita desponta como solução para manter em comunhão indivíduos e grupos humanos separados por longas distâncias” (BELTRÃO; QUIRINO, 1986, p. 22).

Os egípcios criaram um sistema complicado de hieróglifos, parecido com o chinês atual. Tanto quem escrevia a mensagem quanto quem a lia teriam de ter um domínio por grande parte de tais modelos e, no início, poucos sabiam escrevê-los e interpretá-los, estes eram os denominados escribas.

A grande diferença veio com um sistema sumério, em que cada símbolo estilizado representava um som e não uma idéia, o que facilitou a comunicação, já que era preciso um número bem menor de símbolos para representar os sons de cada sílaba. “Não obstante, o uso de caracteres para representar sílabas foi o primeiro passo na criação da escrita fonética e foi um grande avanço na comunicação humana” (DEFLEUR; BALL-ROCKEACH, 1993, p. 34). Esses progressos facilitavam também a alfabetização.

A escrita alfabética disseminou e se consolidou entre os povos e, depois de várias modificações, os gregos padronizaram e simplificaram o sistema alfabético. Posteriormente, o alfabeto grego foi passado para Roma, e de lá é que herdamos o uso das letras maiúsculas e minúsculas.

A invenção e a disseminação dessa forma de escrita possibilitaram ainda mais a expansão de ideias. De acordo com Rizzini (1977), a preservação das gestas e trovas, além da anotação de acontecimentos e a transmissão dos mesmos, aumentavam gradativamente, atendendo ao aguçamento da curiosidade e à sede crescente de conhecimento das pessoas.

Assim, grandes realizações de diversas áreas foram possíveis pela invenção da escrita alfabética, mas outro grande passo foi com o uso de mídia portátil, ou seja, quando a escrita na pedra foi substituída por veículos leves e portáteis o que permitiu, segundo DeFleur e Ball-Rockeach (1993), que as ideias pudessem ser armazenadas, acumuladas e consultadas por gerações subsequentes, permitindo mudanças na organização social e cultural da sociedade.

Depois da escrita, uma das grandes invenções humanas foi a impressão. Antes do século XV, os livros eram reproduzidos de forma manuscrita, o que limitava muito a propagação dos mesmos. Um ponto contribuinte para a difusão da impressão foi a substituição do pergaminho pelo papel, que, de acordo com Rizzini (1977), foi um processo que passou por diversas transformações.

Os chineses chegaram a fazer a impressão cavando letras em blocos de madeiras para depois passar tinta e apertar contra um papel, daí surgiu o primeiro livro do mundo, o *Sutra do Diamante*, de 800 a.C, mas esse era um sistema longe daquele de letras individuais moldadas no metal.

A revolução da impressão veio pelas mãos de Johann Gutenberg, na Alemanha, que inventou o tipo móvel:

[...] um molde de aço para cada letra, laboriosamente entalhado numa determinada forma. Então, ele poderia perfurar a imagem em um pequeno quadrado de metal mais mole, como o bronze. Fez um pequeno molde de barro em torno do caracter, de modo que o chumbo quente pudesse ser despejado dentro para fazer um molde da letra (DEFLEUR; BALL-ROCKEACH, 1993, p. 37).

Gutenberg descobriu depois uma liga do chumbo com outros metais que funcionou melhor. Os moldes, ainda, poderiam ser usados repetidamente e as letras eram alinhadas para formar palavras e frases, que formavam imagens nítidas quando molhadas na tinta e comprimidas sobre o papel.

Assim como lembra Rizzini (1977), os elementos primordiais para a impressão e a tipografia se realizarem foram o papel, a tinta e a prensa, esta última Gutenberg também aperfeiçoou, modificando uma prensa de uvas, ao arrumar uma plataforma para a bandeja de tipos e uma superfície plana para a compressão do pergaminho ou do papel; quando os tipos já estavam com a tinta, eram colocados em cima da folha com alguns anteparos para manter a página estática, posteriormente, ele aparafusou a prensa e a página pôde, então, ser impressa.

Há controvérsias sobre qual teria sido o primeiro livro que Gutenberg imprimiu e o ano em que isso teria ocorrido. De acordo com Rizzini (1977), foi o *Weltgericht, o Juízo Final*, no ano de 1445. Já Straubhaar e Larose (2004) indicam que tal novidade tenha se realizado em 1450. E Sousa (2006) ainda coloca que o primeiro livro impresso foi uma Bíblia de 42 linhas, conhecida como a *Bíblia de Gutenberg*, em 1456.

Esse feito foi o início de uma comunicação mais abrangente que a sociedade começava a tomar como necessidade, o que demonstra que a evolução de ambas andam juntas já que, de acordo com Beltrão e Quirino (1986, p. 22), “a história da civilização é também a história da invenção de meios cada vez mais eficientes para a difusão e intercâmbio de informações que permitissem às sociedades estruturadas a obtenção de suas metas”.

Dessa forma, pode-se afirmar que a comunicação é inerente ao ser humano. Atualmente, é praticamente impossível pensar em uma sociedade em que não haja comunicação entre as pessoas, mesmo que seja através de meios simples, como por palavras ou gestos, expressões de alegrias, tristezas, sonhos e revoltas (LETRIA; GOULÃO, 1986).

Por ser uma atividade natural e abrangente é que as definições de comunicação são variadas, e a principal delas é enquanto processo, que, segundo Berelson e Steiner (1964 apud HOHLFELDT; VALLES, 2008a, p. 35), “se refere à transmissão de informação, idéia, emoção, habilidades, etc., pelo uso de símbolos – palavras, imagens, números, gráficos, etc.”.

Sob essa perspectiva da comunicação enquanto processo, Schramm (1982, apud STRAUBHAAR; LAROSE, 2004, p. 5) divide a troca de informações em oito componentes: a fonte: originadora da comunicação; - a mensagem: conteúdo da comunicação, informação a ser trocada; o codificador: traduz a mensagem para um formato passível de ser comunicado, que geralmente não pode ser diretamente interpretado pelos sentidos humanos; o canal: meio ou sistema de transmissão utilizado para transferir a mensagem de um lugar a outro; o decodificador: reverte o processo de codificação; o receptor: destino final da comunicação; o feedback: mecanismo de resposta entre emissor e receptor para regular o fluxo de comunicação; e o ruído: qualquer distorção indesejada ou erro que pode ser introduzido durante a troca de informação.

Também nesse aspecto, Sousa (2006, p. 28) coloca que “a comunicação é um processo precisamente porque se desenvolve num contínuo espaço-temporal em que coexistem e interagem permanentemente múltiplas variáveis”. O autor ainda define que a comunicação não tem um princípio e um fim bem definidos, já que as cadeias de causas e consequências de um ato comunicativo são indetermináveis e infinitas.

Um pouco além, Melo (2003a) coloca a comunicação como um campo do saber e, assim, a divide em duas áreas: comunicação interpessoal que se define como longo processo do século III a.C., na Grécia, até o século XVIII, na França; e comunicação massiva, com início no século XVII na Alemanha, quando o jornal diário exerce influência sobre a sociedade e se intensifica no século XX, nos Estados Unidos, surgindo as indústrias midiáticas.

Exatamente por haver variações em sua definição é que Bahia (1971, p. 73) afirma ser a comunicação um “fenômeno complexo e naturalmente sujeito aos mais diversos critérios de classificação”. O autor traz, ainda, divisões das principais formas de comunicação, que seriam: comunicação direta: transmissão de forma imediata; comunicação indireta: com distância de espaço e tempo; comunicação recíproca: troca de mensagens; comunicação unilateral: não há troca de emissão e

recepção; comunicação privada: dirigida a número determinado de pessoas; e comunicação pública: com objetivo amplo e indeterminado.

As formas com que os diversos tipos de comunicação são divididos também possuem variáveis conforme os autores; Sousa (2006) divide em seis grandes formas: Intrapessoal, Interpessoal, Grupal, Organizacional, Social e Extrapessoal.

A Intrapessoal é aquela comunicação de alguém consigo mesmo por meios conscientes (pensamentos) e inconscientes (sonhos). A comunicação consigo mesmo reflete nas relações sociais, por isso se torna importante para as outras formas de comunicação.

A Interpessoal é a comunicação entre dois indivíduos ou pequenos grupos informais. Nesse tipo de comunicação, os componentes não-verbais (gestos e expressões, por exemplo) são tão importantes quanto a verbal, pois ajudam em um feedback imediato do interlocutor.

A Grupal trata-se da comunicação que ocorre no interior de grupos formais de média ou grande dimensão, como família, grupo de amigos ou associações. No caso da família, o comportamento pode ser mais intenso, diferente do caso das associações, por exemplo. Os membros do grupo também não terão participações iguais entre si na emissão e recepção das informações. Sempre há, ainda, a liderança por parte de algum integrante.

A Organizacional é a comunicação desenvolvida em grandes empresas e para o exterior. As organizações se mantêm enquanto há efetiva comunicação entre os membros que as compõem (comunicação interna) e com o público com o qual ela se destina (comunicação externa). Para obterem informações relevantes para a evolução dentro e fora da empresa, é preciso que o processo de comunicação na organização seja eficiente, sem distorções ou ruídos nas mensagens.

A Social refere-se à Comunicação entre grupos grandes e heterogêneos de pessoas, denominada também de difusão, comunicação coletiva ou comunicação de massas. As possibilidades de interação e feedback são menores. A comunicação social está normalmente relacionada ao jornalismo, publicidade e propaganda, indústria de entretenimento, relações públicas e marketing, isso quando a mensagem é enviada a um grande número de receptores, através de um meio de difusão. A comunicação social oferece mobilidade psíquica e, ao mesmo tempo, “é um agente de socialização e aculturação, de disseminação de informação e de modelação social do conhecimento” (SOUSA, 2006, p. 57). Assim, essa forma de

comunicação pode ter repercussão positiva ou negativa, a depender do uso que se faz dela por parte dos produtores e receptores de mensagens e efeitos que ocasionam.

E a Extrapessoal é tida como a comunicação com animais e máquinas, ou ainda, com entidades do qual não existe provas físicas nem de comunicação, como espíritos ou extraterrestres.

Em definição conciliadora com a de Sousa (2006) acerca da comunicação social, Bahia (1971) aborda que, na sociedade moderna, há a comunicação coletiva ou comunicação de massa, a qual, numa perspectiva científica, entende-se como a forma com que as mensagens são transmitidas publicamente, sem definição dos receptores, por meios técnicos de comunicação, com distância temporal e espacial e sem muitas possibilidades de troca de mensagens entre os participantes.

Apesar da variedade de conceitos e divisões, a comunicação se configura como parte vital do ser humano. O progresso do homem acompanha a evolução da comunicação. Esse percurso reflete em mudanças nos meios de comunicação. Nesse sentido, McLuhan (1971, p. 21) coloca que o meio é a mensagem:

Isto apenas significa que as consequências sociais e pessoais de qualquer meio – ou seja, de qualquer uma das extensões de nós mesmos – constituem o resultado do novo estalão introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensão de nós mesmos.

Para explicitar melhor, o autor utiliza como exemplo a luz elétrica, em que afirma ser informação pura e um meio sem mensagem e que o conteúdo deste meio será, ainda, outro meio. Não importa a finalidade com que a luz elétrica é utilizada, se é para uma intervenção cirúrgica ou para uma partida noturna de beisebol, essas atividades constituem o “conteúdo” da luz elétrica, já que não seriam concretizadas sem a presença dela.

Em contrapartida às visões de McLuhan sobre o tema, Martino (2008) coloca que uma mensagem somente é comunicação se aquele que a vê a toma como tal, e exemplifica que uma página de um livro não será nada além de um objeto para um animal ou pessoa analfabeta; dessa forma, o autor afirma que não se pode confundir o papel e a tinta com a mensagem, estes são apenas suportes e condições para que a comunicação se concretize.

Mas, nessa perspectiva, McLuhan (1971, p. 22) coloca que “o conteúdo da escrita é a fala, assim como a palavra escrita é o conteúdo da imprensa e a palavra impressa é o conteúdo do telégrafo”, dessa forma, os meios não são meros canais de reprodução da informação; com suas peculiaridades, influenciam no conteúdo que será transmitido e, ainda, com capacidade de interagir com os receptores através dos cinco sentidos humanos, aliados ao senso crítico e psíquico. Assim, o efeito de um meio se torna mais forte e intenso justamente porque o seu “conteúdo” é um outro meio.

Destarte, o autor afirma que os meios são extensões do homem. Qualquer invenção ou tecnologia é uma extensão do corpo humano que exige novas relações entre os outros órgãos ou extensões do mesmo corpo. Assim, o homem é modificado pela tecnologia, seja no cotidiano, nos costumes, na maneira de pensar e agir, mas, em compensação, o próprio homem possui a capacidade de modificar a tecnologia.

Aliado a isso, Hohlfeldt (2008b, p. 63) afirma que há “uma íntima relação entre os processos comunicacionais e os desenvolvimentos sociais”, ou seja, os sistemas comunicacionais caminham com o desenvolvimento civilizacional, a tecnologia é gerada dentro de um contexto propício pelas próprias mãos do homem que, por sua vez, modifica o próprio desenvolvimento ao tomar contato com as novas tecnologias.

Além disso, ao prolongar o corpo, os membros ou os sentidos reconfiguram a realidade de acordo com uma nova forma de conhecimento. Portanto, se as tecnologias são extensões do homem, pode-se dizer que são traduções de um modo de conhecimento em um outro modo; por exemplo, a mecanização é uma tradução da natureza, e das nossas próprias naturezas, em formas ampliadas e especializadas (MCLUHAN, 1971).

Nessa alteração de percepções e extensões de sentidos, o autor ainda afirma que a luz ou a energia elétrica, mesmo em desuso, eliminam fatores de tempo e espaço da associação humana, e o mesmo acontece em relação aos meios de comunicação, que criam uma participação em profundidade, e o homem nem mesmo percebe isso.

Quanto a essa participação, o autor distingue meios quentes e meios frios, sendo o meio quente aquele que prolonga um único sentido humano e em alta definição – estado de alta saturação de dados -, como o rádio, cinema, fotografia. Estes meios também não permitem que a audiência complete a mensagem, ou seja,

há uma menor participação do público, ao inverso do meio frio, que aceita um maior envolvimento por parte dos receptores, até mesmo emocional, com a mensagem.

Portanto, é preciso usar os tipos de meios adequadamente para cada cultura, que também pode ser quente ou fria. Se for transmitida uma mensagem pelo rádio, que é um meio quente, para uma cultura fria ou não letrada, o efeito será violento e ineficiente, ao inverso do que seria em um local em que o rádio é considerado divertimento.

Apesar de um meio provocar efeitos perturbadores em uma cultura distinta do mesmo, sempre que há uma nova tecnologia, todas as culturas se sentem perturbadas pela presença daquele novo elemento, por este ser desconhecido. O homem tribal obteve efeitos traumáticos com a invenção da escrita, assim como quando os meios elétricos surgiram e perturbaram o homem, mas este depois se adaptou e tem vivido em meio às suas influências sociais, culturais, políticas e econômicas (MCLUHAN, 1971).

Essas transições da capacidade de comunicação revelam que desde o uso de imagens, da fala, escrita, palavra impressa, dos meios de comunicação: jornal, revista, rádio, televisão e a internet, as inovações comunicacionais acompanham a existência humana e a necessidade da troca de informações por formas diferentes. Segundo DeFleur e Ball-Rockeach (1993), cada uma delas proporcionou mudanças significativas que podem ser trazidas para o pensamento humano, organização da sociedade e acumulação de cultura.

Essas modificações do fenômeno comunicacional com relação ao desenvolvimento das tecnologias e avanços culturais e sociais, na civilização ocidental, podem ser divididos em cinco diferentes épocas, de acordo com Hohlfeldt (2008b), que seriam: Grécia, século V a.C; Roma, entre o século I a.C. e século I d.C.; Itália, entre os séculos XV e XVI; França, a partir do final do século XVIII e ao longo do século XIX; Europa e Estados Unidos, a partir da segunda década do século XX até o momento. Cada uma com características e modos especiais de realizar os processos comunicacionais, assim, cada período atende a objetivos e funções distintos da comunicação, desde a discussão acerca da oratória e retórica, bem como dos modelos comunicacionais, dos primeiros formatos próximos ao jornalismo até os meios de comunicação atuais.

Se a sociedade está em constante mutação, a comunicação evolui junto e, por vezes, torna-se até o motivo da mudança. O século XX é tido como o século da

comunicação (LETRIA; GOULÃO, 1986), já que foi nesse período que boa parte dos meios atuais surgiram, como o rádio, a televisão e a internet, e os já existentes, como jornais e revistas, tomaram proporções ainda maiores.

As novas formas de comunicação trouxeram consequências sociais e pessoais para a sociedade que, por sua vez, tem modificado o contexto histórico para abrir espaço para outras formas ainda mais inovadoras de comunicação.

2.1 JORNALISMO

Uma das modalidades da comunicação social é o jornalismo, e as conceituações da atividade jornalística variam conforme os autores. Apesar de ser tratada como uma profissão de comunicação, Kunczik (2001, p. 16) coloca que o jornalismo tem uma definição mais estreita do que a de comunicador.

Nesse âmbito, Bahia (1990, p. 9) define de forma mais específica a profissão de jornalista, sendo este o profissional responsável por “apurar, reunir, selecionar e difundir notícias, ideias, acontecimentos e informações gerais com veracidade, exatidão, clareza, rapidez, de modo a conjugar pensamento e ação”. Essa noção de jornalismo se restringe ao ato de transmitir de informações de forma precisa, mas o autor acrescenta uma função social do jornalista, este colocado como intermediário da sociedade e o profissional que leva a comunidade a participar da vida social.

Outra definição mais próxima dessa função é a de que o “jornalismo é a informação de fatos correntes, devidamente interpretados e transmitidos periodicamente à sociedade, com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, no sentido de promover o bem comum” (BELTRÃO, 1992, p. 67).

Ou, ainda, como na conceituação de Letria e Goulão (1986, p. 16), que colocam o jornalista como agente social e, assim, o jornalismo como “agente e reflexo das grandes transformações sociais, políticas e econômicas”. Com essas variações, mas sob o mesmo prisma, Sousa (2001) acredita que o jornalismo é uma modalidade de comunicação social rica e diversificada. E que há vários jornalismo, por diferentes órgãos jornalísticos, diversos jornalistas e até contextos distintos para o fazer jornalístico.

As variações correntes dentro do próprio jornalismo, para Kunczik (2001, p. 97), se dividem, de forma geral, em dois tipos contraditórios: “Um é o jornalismo objetivo e neutro, distanciado passivamente dos eventos de que trata. O oposto é o

jornalismo ativamente comprometido, participativo e socialmente engajado, que promove causas”, e, em seguida, o autor pondera que essas duas formas não se excluem mutuamente.

Há, ainda, outras formas com que o autor define os jornalistas: uma delas é como mediador, para facilitar a mútua comunicação entre os diferentes grupos da sociedade e, nesse caso, pode haver um conflito entre o profissional e a sua “auto-imagem” de mediador, mas, segundo Kunczik (2001, p. 101), “a subjetividade e a reportagem feita com consciência não se contradizem. A objetividade significa simplesmente não distorcer nem suprimir os fatos”, assim, o jornalista enquanto mediador facilita o diálogo entre as informações e o público.

A outra forma, que se torna complementar, é como guia ou professor, já que os jornalistas detêm mais informações e, no caso da ciência, por exemplo, deve superar as barreiras da comunicação para a divulgação do conhecimento, assim “o jornalista não deve funcionar como tradutor passivo, mas transmitir ativa e criativamente as descobertas científicas” (KUNCZIK, 2001, p. 102).

Retornando às raízes do jornalismo, Bahia (1971) afirma que este é um processo social e histórico, portanto, antecede a imprensa. Mas Letria e Goulão (1986) lembram que mesmo que o homem sempre tenha buscado formas de transportar a informação para lugares mais longes e com maior rapidez, o jornalismo somente toma forma e se consolida quando a sociedade já estava em um estágio maior de desenvolvimento.

Mesmo assim, Bahia (1971) coloca que existe um jornalismo escrito antes do impresso, e que, se a escrita nasceu pela necessidade de comunicação do ser humano e para se obter um registro permanente das ideias, o jornalismo tem a mesma origem e, ainda, acrescenta novas necessidades, vindas da evolução social, cultural e tecnológica da sociedade. Dessa forma, “o jornalismo não pode ser estudado e compreendido fora do contexto histórico” (LETRIA; GOULÃO, 1986, p. 16).

Assim, pelo percurso da história, os escritos e a forma de transportar as informações foram se aproximando do que hoje conhecemos como jornalismo, assim como lembra Sousa (2001, p. 18): “Na antiga Grécia floresceu a historiografia de acontecimentos vividos, forma mista entre o jornalismo e a história” e acrescenta que Julio Cesar antecipou formatos jornalísticos utilizados atualmente, quando

escreveu a crônica Guerra das Gálias; além disso, foi ele quem criou as *Actas Diurnas*, consideradas por teóricos como um pré-jornalismo.

As *Actas* passaram a referenciar uma panóplia de assuntos, como acontecimentos importantes para o Império, combates de gladiadores, actos públicos da família imperial, etc. As *Actas* talvez sejam, no Ocidente, as antepassadas mais remotas dos actuais jornais (SOUSA, 2001, p. 18-19).

Além de transmitir os acontecimentos, de acordo com Bahia (1971), o que aproxima as *Actas* do jornal são três características que estes meios têm em comum: periodicidade, atualidade e a variedade.

Essas características foram ganhando espaço nas publicações da época, como nos *Annales Maximi*, que, segundo Letria e Goulão (1986), possuíam periodicidade regular e maior preocupação com a atualidade do que as *Actas*, o que representava um avanço em relação à função de informar.

Há teóricos que consideram que o jornalismo surgiu de uma pequena gazeta na corte imperial chinesa, chamada *Tsing-Pao*, que já despontava como satisfação da curiosidade em saber dos acontecimentos da época.

Segundo Letria e Goulão (1986), em meados do século XIII, surgem as folhas manuscritas, as notícias, com informações úteis, que na Itália eram chamadas de *Avisi* e na Alemanha, *Zeitungen*, estes, segundo Lage (2012), antecipavam os meios de comunicação social por se direcionarem a um público relativamente aberto e por conterem materiais não governamentais e informações de interesse privado. Essas folhas eram redigidas pela burguesia, que depois seria responsável pela ascensão da imprensa.

Em relação a isso, Melo (2003b) coloca que o jornalismo somente surgiu com o aparecimento do jornal, e mesmo que essas formas embrionárias de jornais e mensagens de comunicação social possuíam características como atualidade, periodicidade e universalidade, não obtinham realmente uma recepção coletiva, ou seja, sem restrições de público. O autor também defende que isso somente ocorre após dois eventos significativos historicamente: a produção em massa proporcionada pela Revolução Industrial e a liberdade de imprensa advinda da Revolução Burguesa.

Dessa forma, Marcondes Filho (2000) afirma que o surgimento do jornalismo tal como se propagou está relacionado também à desconstrução do poder da Igreja

e da Universidade, já que o acesso aos documentos, antes da invenção dos tipos móveis de Gutenberg, estava somente nas mãos da Igreja e, após tal invenção, o saber começa a se espalhar.

O autor, então, coloca o jornalismo como filho legítimo da Revolução Francesa, mas ressalva de que antes já haviam jornais que possuíam as características básicas do veículo. “Ele expande-se a parte da luta pelos direitos humanos nesta que foi a “revolução símbolo” da destituição da aristocracia, do fim das monarquias e de todo o sistema absolutista herdado da Idade Média, assim como da afirmação do espírito burguês” (MARCONDES FILHO, 2000, p. 10). Destarte, segundo o autor, a partir da Revolução Francesa é que veio a conquista pelo direito à informação e nasceu o mito da transparência.¹

O papel da imprensa como instrumento de informação se abre para uma faixa da população cada vez maior, mas as características do texto jornalístico ainda se mantêm, como a forte presença do opinativo e a relação com lutas sociais e movimento de ideias.

Outro fator apontado como contribuinte, e até decisório, para o desenvolvimento do jornalismo é o capitalismo.

A história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista. Controle dos meios de difusão de ideias e de informações – que se verifica ao longo do desenvolvimento capitalista em que aquele está inserido – é uma luta em que aparecem organizações e pessoas da mais diversa situação social, cultural e política, correspondendo a diferenças de interesses e aspirações (SODRÉ, 1999, p. 1).

A evolução do jornalismo caminha ao mesmo passo da burguesia, que passa de uma classe revolucionária para uma privilegiada. Dessa forma, o proletariado também utiliza os jornais como instrumento social para defender seus direitos. Alguns foram: *Cooperative Magazine* e *Northern Star*, na Inglaterra e o *Neue Rheinische Zeitung*, na Alemanha. Mas, agora, é a burguesia que decreta a censura.

¹ O mito da transparência é filho direto da filosofia das Luzes, uma corrente de pensamento do filósofo Immanuel Kant que dizia que as pessoas deveriam ter coragem de “se servir de seu próprio entendimento”. Para Georg W. F. Hegel, era a afirmação da razão contra a fé, a qual apontava como estreiteza de pensamento.

Assim, Melo (2003b) afirma que o aparecimento da imprensa é uma conjugação de diversos fatores, tanto de suas significações socio-históricas quanto pelo aspecto econômico.

Diante disso, fica evidente que o jornalismo é parte também das mudanças sociais, e o contexto histórico é um fator que influencia nos diferentes modos do fazer jornalístico.

À medida que se aproxima o século XX, o jornalismo vai-se desenvolvendo do ponto de vista tecnológico. De uma fase artesanal em que vegeta durante quase dois séculos, passa ao período industrial, beneficiando do desenvolvimento de novos instrumentos tecnológicos (LETRIA; GOULÃO, 1986, p. 16).

Nessa perspectiva, os jornais tornaram-se um negócio oportuno no panorama do capitalismo, já que vender jornais significa vender ideias, e para um olhar mercantil, é a venda de publicidade e aquisição de poder.

Portanto, é notório que, nesse longo período de tempo, a imprensa passou por diversas transformações conforme o contexto histórico-social em que estava inserida e as novidades que surgiam. Uma das divisões cronológicas do jornalismo é a de Marcondes Filho (2000), em cinco eras distintas:

Pré-história do jornalismo: de 1631 a 1789. Com produção artesanal e semelhante ao livro. Os valores jornalísticos dominantes eram o espetacular e o novo. A economia era elementar e os agentes desse tipo de jornalismo eram empreendedores isolados.

Já como marco a Revolução Francesa, o autor denomina o surgimento do *Primeiro jornalismo:* de 1789 a 1830. Efervescência do jornalismo literário-político, texto crítico cuja autoria prevalece entre escritores, políticos e intelectuais. Nessa fase, o jornal se profissionaliza, a redação se torna um setor específico, o diretor é personagem diferente do editor, impera o artigo de fundo e a autonomia redacional. Os valores jornalísticos giram em torno da razão, questionamento das autoridades, crítica política e confiança no progresso. A economia é deficitária, já que esse jornalismo literário colocava em segundo plano os fins econômicos. Os jornais possuíam fins pedagógicos e formação política. Esse período também foi marcado por uma imprensa partidária.

Enquanto a liberdade de imprensa era reivindicada pelos grupos que promoviam as lutas sociais em busca de espaço e uma imprensa popular crescia, os

donos das empresas jornalísticas planejavam o contra-ataque. O que iniciou com acaloradas discussões político-literárias se transforma em grande empresa capitalista; segundo o autor, o romantismo é substituído por uma máquina de produção de notícias e lucros.

Dessa forma, inicia-se o *Segundo jornalismo*: de 1830 a 1900. O jornal torna-se grande empresa capitalista por conta das inovações tecnológicas na produção dos mesmos, o que faz com que uma atividade livre de pensar e fazer política se transforme em algo que precisa vender muito para se auto-sustentar. O espaço destinado aos anúncios publicitários começa a possuir prioridade maior que aquele destinado às notícias. Com uma imprensa de massa, que mantém características da atividade jornalística: o “furo”, a busca da notícia, a aparente neutralidade e caráter de atualidade; a liberdade desaparece, mas o entretenimento surge. Também ocorre a profissionalização dos jornalistas, o início de reportagens e manchetes e os títulos passam a ser feitos por editores. A tecnologia começa a surgir com mais força, aparecem as rotativas, os linotipos, o telégrafo e o telefone. Com aumento das tiragens de 35 para 200 mil, o jornal se consolida com uma economia de empresa.

Com a concretização do jornal como empresa, formam-se os grandes conglomerados da indústria da imprensa, que marcam o *Terceiro jornalismo*: de 1900 a 1960. Caracterizado por grandes rubricas políticas ou literárias e páginas magazines: esporte, turismo, rádio, teatro, cinema, feminina e infantil. Com imprensa monopolista, essa época também é assinalada pelas grandes tiragens, e pela interferência da comunicação na informação, no caso, influência das relações públicas no jornalismo; propagandas são estrategicamente incluídas como notícias de interesse público nos jornais, que Hans Magnus Enzensberger apresentou como “indústria da consciência”, um estágio mais avançado que a indústria cultural.

A expansão dessa indústria em escalas maiores constitui o *Quarto jornalismo*: de 1970 em diante. Materiais fornecidos por assessorias de imprensa se misturam com informações jornalísticas vindas da reportagem. A informação também se torna eletrônica e interativa, o que ocasiona mudanças nas funções do jornalista, segundo o autor, a ideia do repórter como contador de histórias e de comentarista como “explicador do mundo” estão prejudicadas com a crise dos meta-relatos. As novas tecnologias atuam em duas vertentes: virtualizam a atividade jornalística impressa e interferem no conteúdo, favorecendo ou depreciando certas linguagens, como a imagética se sobrepondo à escrita. Além disso, o jornalista fica ainda mais

sobrecarregado; com maior tecnologia e mais velocidade na transmissão de informações, possui um novo ritmo de trabalho e até uma nova ética jornalística.

Em todas as fases, o jornalismo acompanha os acontecimentos históricos, a realidade econômica, social e cultural da época. Embora mantenha a essência da missão de informar, com adaptações quanto às novas tecnologias e necessidades da sociedade.

3 JORNALISMO IMPRESSO

O jornalismo realmente se expande e toma forma com a chegada do jornalismo impresso, já que é este que melhor perpetua os acontecimentos e distribui de forma mais eficaz e abrangente as notícias. Por conta dessa característica, o jornalismo impresso foi considerado o alicerce das atividades jornalísticas. Além disso, para alguns autores, ele nasce com um ideal, Noblat (2010, p. 21) afirma que “um jornal é ou deveria ser um espelho da consciência crítica de uma comunidade em determinado espaço de tempo. Um espelho que reflita com nitidez a dimensão aproximada ou real dessa consciência. E que não tema jamais ampliá-la”.

Outros teóricos atribuem um sentido de instituição da notícia, mas também defendem a autoridade e autonomia do jornal impresso, com sua origem, função e forma. Nessa soma de fatores, já é um meio consolidado na sociedade com poder estabelecido.

Pela sua própria presença, o jornal funciona como forma uniformizadora, alinhadora, organizadora do real: a sua presença como institucionalizador dos fatos políticos e sociais como notícias confere-lhe a autoridade enquanto meio. A expressão “o meio é a mensagem”, tão difundida na área de comunicação, corresponde a essa ilustração do meio *jornal*, que, enquanto forma (e independente do que possa veicular), funciona como instituição, portanto, como esvaziador de experiência, e como poder instituído (MARCONDES FILHO, 1989, p. 49).

A invenção do tipo móvel e aprimoramento da prensa por Gutenberg propiciam a implantação e desenvolvimento da imprensa, assim como as condições econômicas, sociais e políticas, além disso, a visão de mundo advinda do Renascimento também contribui para o surgimento dos primeiros jornais e a expansão do que começava a tomar forma como jornalismo, descobre-se também a potencialidade do texto escrito, da informação e da propaganda (LETRIA; GOULÃO, 1986).

Quanto ao que teria sido o primeiro jornal impresso do mundo, Sousa (2001) relata que há controvérsias entre os teóricos e historiadores. Segundo Costella (1984), para alguns historiadores, foi o *Noviny Poradné Celého Mesice Zari Léta*

1597 – traduzido como *Jornal Completo do Mês Inteiro de Setembro de 1597*-, porém outros pesquisadores apontam o semanário *Nieuwe Tijdinghen*, em 1605.

Os primeiros jornais publicavam informações sobre atividades sociais, cerimônias religiosas, festas, catástrofes e epidemias, e, ainda, noticiário sobre o movimento do comércio. Marcondes Filho (2000) também lembra que muitas das notícias que compunham tais “jornais” eram sobre assuntos relacionados aos reis e ações de bom comportamento. Conforme Letria e Goulão (1986), o primeiro jornal a assumir importância social e política foi produzido em Londres, em 1622.

Os jornais diários aparecem para satisfazer as necessidades de informações rápidas, atuais e dinâmicas. Para os autores, o primeiro foi o *Einkommende Zeitungen*, em 1650, na Alemanha, assim como também indica Pena (2012); o autor coloca em segundo lugar de aparecimento o jornal diário inglês *Dairy Current*, em 1702, na Inglaterra, que Sousa (2001) afirma ser o primeiro jornal diário do mundo.

Com surgimento de vários jornais em intervalos curtos de tempo, Lage (2012) coloca que a imprensa periódica atendia às necessidades sociais difusas; notícias do estrangeiro eram conteúdo de jornais primitivos, com assuntos comerciais e políticos, mas o incomum e o sensacional já apareciam no texto.

Como instrumento de manutenção ou conquista pelo poder, as gazetas começam a ter um caráter mais político. Os periódicos multiplicam-se no final do século XVII, na Holanda. O periódico *The Spectator* atinge a tiragem de 20 mil exemplares em 1712, número elevado para a época.

Segundo Melo (2003b), essas publicações periódicas eram submetidas a uma censura prévia, o que dificultava que se impusessem como veículos de informação, e a cobrança de impostos começa a funcionar como impedimento da rápida difusão da imprensa e a sua influência na sociedade.

Mas, durante o século XVIII, na França, a imprensa inicia um desenvolvimento notório em jornais como *Le Journal de Paris*, o primeiro diário do país. De acordo com Letria e Goulão (1986), os Estados Unidos e a França foram os primeiros países em que a liberdade de expressão e a imprensa se tornaram leis como direitos naturais dos indivíduos, porém, na prática, a realidade não é a mesma. Essa liberdade de imprensa viria se concretizar, realmente, após a vitória dos ideais libertários da Revolução Francesa.

A partir daí, a imprensa teria um desenvolvimento excepcional, tornando-se pouco a pouco uma imprensa de massas, condição que se avultaria no século XIX, com o crescente aumento das tiragens, não apenas dos livros e das revistas, mas principalmente dos jornais diários (MELO, 2003b, p. 58).

Posteriormente, a liberdade de imprensa propicia o surgimento de novos jornais profissionalizados e intervenientes. O autor ainda afirma que esse desenvolvimento da imprensa não se deve somente à extinção da censura prévia, mas a uma soma de fatores, como expansão da alfabetização e êxito do industrialismo e da urbanização, além disso, a necessidade da informação faz com que a sociedade procure cada vez mais os jornais, numa busca por atualização. Lage (2012) aponta outros dois fatores que contribuiriam para essa liberação: a Revolução Industrial e a inclusão da publicidade na vida dos jornais.

A Revolução Industrial avançou, no século XIX, o processo do capitalismo e trouxe a mecanização na produção dos jornais, com avanços técnicos que facilitaram o desenvolvimento da imprensa e o aperfeiçoamento das formas de divulgar a palavra escrita, alguns deles, lembrados por Letria e Goulão (1986), foram: invento do prelo mecânico e a máquina de John Gamble e Sealy Fourdrinier que fazia papel sem fim; a descoberta de Friedrich Gottlob Keller de que podia fabricar papel a partir da madeira, a rotativa de William Bullock que imprimia frente e costas do papel enrolado em bobine, além da fotografia, por Joseph Nicéphore Niépce, em 1826, que depois Louis Jacques Mandé Daguerre aperfeiçoa e cria o daguerreotipo, abrindo caminho para a fotogravura e a imprensa ilustrada.

Além disso, Lage (2012) coloca outras invenções e melhorias técnicas que impulsionaram a atividade jornalística, como: a impressora mecânica, inventada pelo alemão Frederick Koenig, utilizada em 1814 na impressão do *Times*; a prensa de quatro cilindros, a rotativa, inventada por Hippolyte Marinoni, mais rápida que qualquer outra máquina existente. A linotipo inventada por Ottmar Mergenthaler, a partir de 1880, também aceleraria a composição.

O autor pondera que a publicidade permitiu a redução do preço dos jornais, tornando-o mais acessível para a população recém-alfabetizada, além de integrar a empresa jornalística ao setor econômico, que lhe garantia sobrevivência.

Dessa forma, a reprodução dos jornais aumentou consideravelmente e, segundo Habermas (1965 apud MARCONDES FILHO, 2000), essas mudanças para uma base econômica representavam somente uma possibilidade de investimento

lucrativo, mas o fato é que passou a ser uma necessidade para os diretores de jornal.

Em contrapartida, a imprensa sindical ou partidária torna-se uma voz uníssona e esses jornais passam a utilizar da persuasão, doutrinação e confirmação de ideias, tornando-se veículos mais analíticos e teóricos (MARCONDES FILHO, 2000).

Assim, o autor também coloca que os outros jornais avançam em direção das massas, em busca de leitores. As tiragens aumentam e a quantia de jornais também. O primeiro jornal de massa foi o *Sun*, em 1833, que continha processos de justiça, execuções, ocorrências locais e mundiais e suicídios. Surge, então, uma imprensa marcada pelo sensacionalismo para atrair ainda mais o público, já que, segundo Lage (2012), as notícias também foram refinadas e apresentadas tecnicamente no jornal *World*, de Joseph Pulitzer, em 1883. A constante presença desse tipo de notícia, que gera vendas maiores, faz com que o escândalo e a indiscrição sejam chamados de “interesse humano”.

Além dessa forma sensacionalista, por outro lado, se consolida uma imprensa que gera um entendimento fundado na imparcialidade, objetividade e veracidade da informação que se equilibra com a opinião. Assim, nasce o conceito de objetividade, que consiste em descrever os fatos tal como aparecem, o que se torna um mito, já que até para a escolha do ângulo da matéria o jornalista utiliza de critérios subjetivos.

De acordo com Lage (2012), o jornalista do século XX, por esse motivo, tem a ilusão de que domina os acontecimentos do mundo. Mas o autor coloca que, embora a objetividade seja um mito, o uso dessas técnicas proporciona um equilíbrio para que a notícia seja contada de uma forma mais justa, em certos casos.

A notícia passa a ser mercadoria que precisa ser vendida, assim, investe-se em aparência, como manchetes, logotipos, reportagens e capa. Essa ideia da notícia como mercadoria permanece entre vários autores.

A notícia é a informação transformada em mercadoria com todos os seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais; para isso a informação sofre um tratamento que a adapta às normas mercadológicas de generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo (MARCONDES FILHO, 1989, p. 13)

Essa característica de mercadoria tornava-se ainda mais acentuada no jornalismo impresso quando este sobrevivia da notícia em primeira mão. A partir do surgimento dos meios instantâneos como o rádio, televisão e, mais recentemente, a internet, o jornal mudou dois propósitos que obtinha, segundo Erbolato (2008), o furo (informe veiculado em primeira mão) e a edição extra (em caso de algum fato sensacional).

Mesmo com o surgimento de outros meios, o jornal impresso apresenta algumas vantagens em relação aos outros meios, como a possibilidade de aumentar o limite de páginas em detrimento de novas matérias, algo não assegurado pelo rádio ou televisão. As três maiores vantagens do jornal impresso perante o rádio e a televisão, colocadas pelo autor, são: - tempo: o leitor decide o momento e o lugar em que lerá o periódico; - espaço: possibilidade de maior profundidade e extensão às reportagens que o rádio e a televisão, que as divulgam em formato de boletins; - durabilidade: permite a recuperação da informação e uma consulta permanente, o que se converte em arma poderosa da imprensa.

Mas a necessidade de reformulação desse meio já dava indícios desde a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), quando os diretores de jornal perceberam que faltava algo. As primeiras modificações se realizaram na coluna interpretativa com análises e comentários feitos por especialistas, que ofereciam sua opinião sobre um fato e apresentavam antecedentes de assuntos nacionais e internacionais correntes.

O autor ainda coloca que na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), essa preocupação aumentou. Os jornais diários passaram a oferecer os escritos de Walter Lippmann, Marquis Childs, Howard Blakeslee e Hanson Baldwin. Alguns eram editorialistas, apresentando a interpretação baseado em fatos concretos, ao explicarem a notícia; outros expunham os fatos reais com maior ou menor proporção em relação às análises e explicações próprias.

Portanto, as notícias necessitaram, cada vez mais, de um tratamento mais aprofundado, já que “a concorrência com a televisão exigiu que o jornalismo impresso se especializasse nas formas opinativas e interpretativas, deixando a abordagem puramente informativa a cargo do jornalismo de televisão (MARCONDES FILHO, 2000, p. 35-36).

Dessa forma, o jornal impresso necessita ir além do relato simples do fato: a tendência é oferecer em maior parte um jornalismo interpretativo. Entre essas mudanças necessárias, Noblat (2010) cita: humanização do noticiário, presença de

reportagens como diferencial, publicação de textos que emocionem, comovam e inquietem, pois defende que “o modelo dos jornais está em xeque [...] porque o medo de mudar é maior do que o medo de conservar algo que se desmancha no ar (NOBLAT, 2010, p. 16). O autor ainda justifica que é o conteúdo que vende o jornal, portanto, este fator também deve passar por reformulação em momentos de crise.

Conforme define Bond (apud Melo, 2003c), o jornalismo tem o primeiro propósito de informar e o jornalista tem a responsabilidade de fazer chegar a informação ao seu público, mas o autor também afirma que a necessidade de explanação e interpretação das notícias se torna mais acentuada em nossa época atual, com questões mais complexas. O autor ainda considera que o opinativo também faz parte do jornalismo, já que os jornais se esforçam por influenciar seus leitores através de editoriais, artigos, entre outros. Além disso, ele afirma que junto ao propósito sério de informar, interpretar e moldar opiniões, o jornalismo se esforça com a crescente função de entreter.

Destarte, o jornalismo pode ser dividido em várias categorias ou gêneros, subdivididos em formatos.

3.1 GÊNEROS E FORMATOS

Os gêneros jornalísticos causam controvérsias sobre suas divisões entre os autores. Segundo Melo (2003c), a identificação dos gêneros constitui tarefa dos pesquisadores acadêmicos, mas se originou na práxis. O autor lembra que quando Samuel Buckeley resolveu separar *news* e *comments* no jornal *Daily Courant*, no início do século XVIII, iniciou o processo de classificação de gêneros jornalísticos.

Desde então, a mensagem jornalística vem experimentando mutações significativas, em decorrência das transformações tecnológicas que determinaram as suas formas de expressão, mas sobretudo em função das alterações naturais com que se defronta e a que se adapta a instituição jornalística em cada país ou em cada universo geocultural (MELO, 2003c, p. 42).

O autor ainda coloca definições de diversos estudiosos, como Gargurevich, que define os gêneros jornalísticos como formas que o jornalista busca para se expressar e seus traços se definem no “estilo”, Dovifat compartilha dessa mesma

idéia, acrescentando a obrigação de ser uma leitura interessante e inovadora sem ser confundida com a literária.

Complementando, Melo (2003c) ainda traz a concepção de Foliet, que determina a linguagem jornalística como utilitária e a diferença entre os gêneros reside na correspondência dos textos. Assim, a essência do estilo jornalístico está na tentativa de relato do cotidiano utilizando uma “linguagem da vida”, termo que adere de Martín Vivaldi, e pressupõe recursos expressivos e vitais para relatar sobre a variada gama de acontecimentos diários.

Nesse caso, o autor conclui que se os gêneros provêm do “estilo” que, por sua vez, depende da relação dialógica do jornalista com o seu público, apreendendo seus modos de expressão (linguagem) e expectativas (temáticas), o que resulta em que a classificação dos gêneros fique restrita a universos culturais delimitados.

Dessa forma, as divisões mudam conforme o país ou região. O pioneiro a criar uma divisão com os gêneros e formatos no Brasil foi Luiz Beltrão, que efetuou seus estudos com a trilogia: *Imprensa informativa* (1969), *O jornalismo interpretativo* (1976) e *Jornalismo opinativo* (1980). O autor dividiu da seguinte forma os gêneros e cada formato que os compõe: Jornalismo Informativo: notícia, reportagem, história de interesse humano e informação pela imagem; Jornalismo Interpretativo: reportagem em profundidade; Jornalismo Opinativo: editorial, artigo, crônica, opinião ilustrada e opinião do leitor.

O critério adotado por Beltrão é funcional, segundo Melo (2003c): a separação é feita de acordo com as funções que cada gênero desempenha na sociedade: informar, explicar e orientar. Além disso, são levadas em consideração as tendências que marcaram a atividade jornalística, assim como as mudanças tecnológicas e socioculturais.

Mesmo apontando pontos contrários, além dos favoráveis, sobre a divisão do autor, José Marques de Melo realizou seus estudos e divisões de gêneros e formatos baseado nos estudos de Luiz Beltrão, ao qual alterou a distinção da seguinte forma: Jornalismo Informativo: nota, notícia, reportagem e entrevista; Jornalismo Opinativo: editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta.

Apesar de divergentes, ambas as divisões seguem a mesma proposta,

1) finalidade do texto; 2) estilo; 3) modos de escrita; 4) natureza do tema; e 5) articulações interculturais (cultura). As sistematizações de Marques de Melo também levam em conta a geografia, o contexto sociopolítico, a cultura, os modos de produção e as correntes de pensamento (PENA, 2006, p. 19).

Até o século XXI, Marques de Melo mantinha essa divisão e afirmava que o jornalismo se articula nesses dois núcleos de interesse: a informação, para saber o que ocorre, e a opinião, para saber o que se pensa em relação ao que ocorre. Para a existência da teorização acerca dos gêneros de Jornalismo Interpretativo e Jornalismo Diversional, Melo (2003c) afirmava que estes não se ancoravam na práxis jornalística, já que ambos somente podiam se realizar a partir dos âmbitos informativo ou opinativo.

Mas, a partir de obras que coordenou chamadas *Gêneros de comunicação massiva* (2006) e *Gêneros jornalísticos no Brasil* (2010), Marques de Melo passou a considerar os três gêneros como igualitários ao informativo e opinativo e, além da divisão já citada desses dois gêneros, dividiu outros três gêneros com seus devidos formatos da seguinte forma: Jornalismo Interpretativo: análise, perfil, enquête, cronologia e dossiê; Jornalismo Diversional: história de interesse humano e história colorida; Jornalismo Utilitário: indicador, cotação, roteiro e serviço.

Quanto às especificidades de cada gênero, Melo (2003c) coloca que o informativo depende da eclosão dos acontecimentos e da relação dos jornalistas para com os protagonistas da ação, portanto, é exterior à instituição jornalística. Para a divisão dos formatos, o autor justifica:

A distinção entre a nota, a notícia e a reportagem está exatamente na progressão dos acontecimentos, sua captação pela instituição jornalística e a acessibilidade de que goza o público. A nota corresponde ao relato dos acontecimentos que estão em processo de configuração e por isso é mais freqüente no rádio e na televisão. A notícia é o relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social. A reportagem é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística. Por sua vez, a entrevista é um relato que privilegia um ou mais protagonistas do acontecer, possibilitando-lhes um contato direto com a coletividade (MELO, 2003c, p. 65-66).

Já no caso do opinativo, o autor afirma que a mensagem fica mais sob controle da instituição em dois aspectos: a autoria de quem emite a opinião e a

angulação, sendo a perspectiva de tempo e espaço que atribui sentido à opinião. Em relação à autoria, o comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta são identificadas e definidas, já o editorial é divulgado como espaço da opinião institucional. Quanto à angulação, o comentário, o editorial, a coluna e a caricatura possuem angulação temporal que exige continuidade e imediatismo com o repercutir dos acontecimentos; já a resenha, o artigo, a crônica e a carta não são freqüentes, embora também acompanhem os acontecimentos. Na angulação espacial, somente a caricatura se estrutura com o ambiente peculiar da instituição jornalística, já a carta se distancia, demonstrando o outro lado: o da recepção, enquanto a crônica e a coluna se inserem na mediação entre a comunidade e a instituição jornalística.

Em relação ao gênero interpretativo, Beltrão (1976) afirma que a interpretação pode se disfarçar de opinião do jornalista, mas para se manter na base do interpretativo, o profissional terá que atender aos limites da busca das “forças” da situação sem submeter os dados colhidos aos valores pessoais. Assim, define como:

Um jornalismo em profundidade, à base de investigação, que começa a representar a nova posição da imemorial atividade social da informação de atualidade. Um jornalismo que oferece todos os elementos da realidade, a fim de que a massa, ela própria, a interprete (BELTRÃO, 1976, p. 42).

O autor ainda coloca como formato a reportagem em profundidade para reforçar o sentido de que a interpretação demanda por pesquisa e investigação de antecedentes do fato e prognóstico sóbrio e inteligente.

Conforme já citado anteriormente, Erbolato (2008) afirma que esse tipo de jornalismo teve início na Primeira Guerra Mundial, acompanhando as necessidades da sociedade e as novas tecnologias e ainda acrescenta que a tendência da imprensa futura será se tornar ainda mais interpretativa para ter um noticiário mais compreensível, diante da complexidade que o toma.

Reunindo diversas explicações sobre o gênero interpretativo, o autor sintetiza três pontos em comum que outros teóricos citam: a explicação das causas de um fato, a localização no contexto histórico-social e as consequências desse fato. Enfim, o autor completa que interpretação, até certo ponto, significa mostrar o que está debaixo da superfície, em um sentido mais puro, é uma superdefinição de algo.

Em certos pontos, o gênero diversional se aproxima do interpretativo, porém, com maior aprofundamento e linguagem distinta, mais próxima da literária, além disso, como define Melo (2010), possui caráter emocional.

Para Erbolato (2008), a origem do jornalismo diversional está no *New Journalism* que nasceu após a segunda metade do século XX, nos Estados Unidos, revolucionando as redações, com o uso de recursos da ficção para o texto jornalístico. No Brasil, elas chegaram na década de 60 em revistas ilustradas, e também em vários jornais como o *Jornal da Tarde*, que incentivava o texto de viés literário e o *Zero Hora* que, na década de 70, também começou a utilizar desses recursos, entre outros.

Nesse gênero, as matérias descrevem as situações e até reproduzem diálogos; os entrevistados, por vezes, tornam-se personagens da matéria, com seus sonhos e anseios ressaltados. “No Jornalismo Diversional, o repórter procura viver o ambiente e os problemas dos envolvidos na história, mas não pode se limitar às entrevistas superficiais” (ERBOLATO, 2008, p. 44). O autor acrescenta que é preciso observar tudo e descobrir sentimentos; apesar de demandar tempo, a nova técnica reaviva assuntos e prende o leitor.

O gênero diversional ainda pode ser analisado pela corrente do jornalismo literário, que defendem alguns autores, pois também é produção jornalística com técnicas literárias.

Mais distante desse propósito, o gênero utilitário engloba a parte de prestação de serviços do jornalismo. O intuito é guiar e orientar para informações do dia a dia. Esse gênero cresce na mídia, já que, segundo Melo (2010), surge na sociedade da informação, onde é preciso tomar decisões rápidas acerca do mundo financeiro e questões do cotidiano.

Quanto às escolhas das informações nesse âmbito, Dines (1996) afirma que as informações mutáveis devem ser aproveitadas, principalmente pelo jornal impresso, como o tempo e a programação de espetáculos, por exemplo. Além dessas informações pontuais, há também aquelas que orientam os consumidores e protegem os interesses de usuários de serviços públicos.

3.2 JORNALISMO IMPRESSO BRASILEIRO: DO INÍCIO AOS ANOS 50

O desenvolvimento da imprensa brasileira foi retardatário, como coloca Melo (1985), o Brasil foi um dos últimos países das Américas a obter o funcionamento da imprensa.

Os historiadores se divergem quanto às possíveis razões. Melo (2003b) coloca que alguns autores enfatizam os aspectos políticos, direcionando a culpa do atraso da imprensa brasileira aos interesses de Portugal como metrópole colonizadora, que impede o funcionamento da tipografia na colônia sul-americana e a emancipação política brasileira. O autor não contraria essas opiniões, mas argumenta que não há necessariamente provas disso, e que esse não seria fator único e suficiente para o atraso.

O autor ainda relata que Sodré foi o único autor que justifica esse retardamento com uma posição original, através de uma diretriz econômica, isso porque Sodré afirma que a imprensa constituiu em decorrência da estruturação do capitalismo e este torna-se condição indispensável para a existência e desenvolvimento da imprensa. Mas, ainda assim, Melo (2003b) declara que esse pensamento é pertinente e claro, mas com questões conceituais ainda frágeis, sendo insuficiente como única explicação.

Portanto, Melo (2003b) afirma que o motivo para esse retardamento é também uma soma de fatores socioculturais, sendo eles: natureza feitorial da colonização; atraso das populações indígenas; predominância do analfabetismo; ausência de urbanização; precariedade da burocracia estatal; incipiência das atividades comerciais e industriais; reflexo da censura e do obscurantismo metropolitanos.

Os relatos convergem para versão que, após algumas tentativas frustradas da implantação da imprensa no Brasil, ela chega depois da vinda da Corte de D. João para o país, em 1808. Também há divergências quanto ao que foi o primeiro jornal do Brasil, isso porque, como relata Sodré (1999), Hipólito José da Costa fundou o *Correio Braziliense*, no dia 1 de junho de 1808, em Londres e depois o enviava para o Brasil – através de transporte marítimo, que levava certo tempo para chegar - e, em 10 de setembro de 1808, foi criado o *Gazeta do Rio de Janeiro* na Corte, com circulação pelo país. Além disso, segundo o autor, há diferenças quanto ao formato e ao conteúdo dos jornais, enquanto o *Correio Braziliense* se assemelhava mais a

um livro e trazia os problemas brasileiros, segundo condições internacionais, o *Gazeta do Rio de Janeiro* já se aproximava do jornal, com periodicidade concreta e relatava informações da Corte. Mas, quanto às supostas oposições entre os jornais, Morel (2011) afirma que, em uma comparação atenta, é possível observar convergências entre os dois jornais, assim, “tanto a *Gazeta* quanto o *Correio* defendiam idêntica forma de governo (monárquica), a mesma dinastia (Bragança), apoiavam o projeto de união luso-brasileira e comungavam o repúdio às ideias de revolução e ruptura” (MOREL, 2011, p. 31).

Além disso, o autor ainda coloca que a *Gazeta do Rio de Janeiro* passa a defender o liberalismo e a modernidade política, com posição favorável à independência do Brasil antes mesmo do *Correio Braziliense*, já que este estava a uma distância geográfica do país, o que fazia com que a comunicação demorasse. Ambos partilhavam de mesmo contexto e referências, mesmo com algumas diferenças. Quanto ao primeiro jornal diário brasileiro, Sodré (1999) lembra que foi O *Constitucional*, de São Paulo, em 1853.

A história da imprensa brasileira, segundo Sodré (1999), se divide em: Imprensa colonial – com o surgimento do jornal e da tipografia, predominância de jornais áulicos², que pretendiam combater a influência do *Correio Braziliense*.

Imprensa da Independência – que, apesar do período, não se livrou da censura, porém vieram jornais que não pertenciam à imprensa áulica. O primeiro foi *Aurora Pernambucana*, em 1821. Também nessa época surgiu o mais antigo jornal em circulação da América Latina, o *Diário de Pernambuco*. Segundo Melo (1985), é nessa época que a imprensa passa a ter uma função social explícita, como canal de expressão das classes dominantes que disputam o poder político. A imprensa também assume duplo papel de instrumento de combate aos adversários políticos e de pressão ao Estado para aquisição de privilégios.

Durante a Imprensa da Independência, surgem os Pasquins – com propagação do jornalismo pelo território nacional, com estilo panfletário, linguagem violenta e aperiódicos, segundo Morel (2011), com capacidade de convencer e atacar, além de fazer uso da sátira. “São veículos criados e mantidos em função de movimentos políticos, oscilando de acordo com as flutuações dos seus proprietários no controle de aparelho burocrático do Estado” (MELO, 1985, p. 122-123). No

² Os jornais áulicos eram aqueles que somente divulgavam notícias relacionadas às autoridades, por esse motivo eram tidos como “bajuladores do poder”.

mesmo período, o *Diário do Rio de Janeiro* (1821) inova com publicação de anúncios, depois *Diário Mercantil* (1824 – do Rio de Janeiro) e *Jornal do Commercio* (1827 – também do Rio de Janeiro), que se tornaria um dos mais importantes do país.

A terceira divisão de Sodré é: Imprensa do Império - “os homens de letras faziam imprensa e faziam teatro” (SODRÉ, 1999, p. 192), como José de Alencar, que escrevia para o *Correio Mercantil*, unindo literatura ao jornalismo e também outros grandes nomes, como Machado de Assis e Euclides da Cunha. Nessa época também surge a *Gazeta de Notícias* (1874) e *A Província de São Paulo* (1875) que, em 1890, se tornaria *O Estado de S. Paulo*. Melo (1985) lembra que essa ainda foi uma imprensa artesanal.

Na quarta divisão, o autor traz a Grande Imprensa – já no período republicano e com avanços tecnológicos, a *Gazeta de Notícias* foi o primeiro a utilizar a zincografia enquanto *A Notícia* foi o pioneiro a fazer uso do telégrafo. Outras inovações também vieram, como as rotativas, o telefone, a fotografia e a ilustração a cores. Melo (1985) ainda aponta diversos fatores para a expansão da imprensa nessa época, como a dinamização do comércio interno, a aceleração da industrialização, a expansão da urbanização, o crescimento das escolas públicas enfim, nasce uma classe operária e ocorre uma descentralização administrativa. Somado a isso, o autor traz a imigração estrangeira como fator de uma mudança cultural e comportamental tipicamente urbana. Em compensação, foi um período de surgimento de poucos novos jornais. Um deles foi o *Jornal do Brasil* (1891), marco para o jornalismo brasileiro, com grande número de correspondentes na Europa e nos Estados Unidos e com o formato standard³. Na virada do século XIX para o século XX, aparece o jornal-empresa; o *Jornal do Comercio* e a *Gazeta de Notícias* foram organizações empresariais com estratégias comerciais e anúncios publicitários, além de linhas editoriais noticiosas. Sodré (1999) coloca que esse foi um período de mistura entre jornalismo e literatura; os homens de letras notabilizavam-se por meio da imprensa e até os anúncios publicitários eram redigidos com linguagem mais literária. Ele também declara que “o noticiário era redigido de forma difícil, empolada” (SODRÉ, 1999, p. 283), isso porque jornalistas escritores como Lima Barreto ou Monteiro Lobato, além de políticos jornalistas como

³ Tamanho padrão dos jornais, sendo o maior formato, com área de impressão de 31,6 cm de largura e por 56 cm de altura.

Rui Barbosa, escreviam nos jornais sobre política nacional ou internacional com textos de elevação estilística. Mas “gradualmente, a grande imprensa tornou-se menos literária” (SODRÉ, 1999, p. 323).

Na década de 20, há um fato novo, “a imprensa brasileira não é mais um canal de comunicação utilizado exclusivamente pela classe dominante. Começa a ser intensamente usado pelas classes trabalhadoras” (MELO, 1985, p. 123). O que coincide com o surgimento das primeiras empresas jornalísticas que, além de poder político, detêm lucro.

O jornalismo brasileiro consolida-se ainda mais como empresa ou comércio industrial, e a imprensa artesanal torna-se arcaica, assume, então, estrutura operacional capitalista. Foi um período de crescimento e mudanças na arte e no jornalismo.

[...] exemplificam esse tipo de trânsito social as rodas da boemia jornalística e literária da cidade, cujo espírito modernista fermentava no contato com a rua e se beneficiava – da mesma forma que em São Paulo – da expansão da imprensa. Nos grandes jornais, nas revistas ou nas pequenas publicações, a crônica, a ilustração e a caricatura absorviam influências estilísticas internacionais, e procuravam uma linguagem atual, sintética e direta para falar com o público (GONÇALVES, 2012, p. 235).

Nesse contexto, entra em cena, segundo Sodré (1999), um personagem fundamental para a imprensa brasileira: Assis Chateaubriand. Em 1924, Chatô, como ficou conhecido, adquire *O Jornal* e esse é o início do primeiro grande grupo de comunicação, denominado Diários Associados; de acordo com Morais (1994), o inusitado jornalista deixou de herança para seus empregados um conglomerado de noventa empresas. Mas, em seu livro “Chatô: o Rei do Brasil”, Morais (1994) mostra que não era a bondade uma característica evidente no jornalista, que utilizava seus veículos espalhados por todo o país para o poder que objetivava alcançar, inclusive em relação aos Presidentes da República.

Muitos dos meios mais importantes do país integravam o grupo, como *Diário de Pernambuco*, *Jornal do Comércio*, *Diário da Noite* e a revista *O Cruzeiro*, primeira revista brasileira ilustrada de circulação nacional e que mais investiu no fotojornalismo. O jornalista empresário também foi o pioneiro da televisão na América Latina, com a *TV Tupi*, e, apesar disso, sempre manteve grande paixão pelo meio impresso, para onde mais escrevia seus artigos.

A partir da década de 30, o país aumenta o ritmo de industrialização e a imprensa começa a mobilizar a classe média para o consumo de produtos fabricados em indústria nacional e, de acordo com Melo (1985, p. 125), “o jornal vislumbra, assim, a possibilidade de se tornar um empreendimento rentável, capaz de sobreviver com a renda obtida na comercialização dos seus produtos típicos – o espaço publicitário e os exemplares avulsos”.

Com a ditadura varguista do Estado Novo, iniciado em 1937, a imprensa passou por censura, e o órgão que a fiscalizava era o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), chefiado por Lourival Fontes, “o famigerado DIP controlava a imprensa e o rádio e baixava listas de assuntos proibidos” (SODRÉ, 1999. p. 381). Os censores ficavam em cada jornal, e nenhum sairia sem o ‘visto’ do fiscal do governo.

Dessa forma, os meios de comunicação foram utilizados para difundir uma imagem positiva do regime, já que, no artigo 122 da Constituição de 1937, a imprensa era tida como serviço de utilidade pública.

Em nome de garantir a paz, a ordem e a segurança pública, justificava-se a censura prévia à imprensa, teatro, cinema e radiodifusão, além de se facultar às autoridades para proibir a circulação, difusão ou a representação do que que fosse considerado impróprio (DE LUCA, 2011, p. 171-172).

Assim, os impressos deveriam se registrar no DIP. Conforme De Luca (2011), por volta de 30% deles não conseguiram autorização e foram extintos. Os jornalistas passavam pela mesma exigência, já que muitos ocupavam funções públicas.

No início da década de 40, a polícia militar ocupou a redação do *Estado de S. Paulo*, que ficou subordinado ao DIP e encampou *A noite* e a Rádio Nacional. O órgão também distribuía verbas para jornais e emissoras e poucos não se corromperam, caso de o *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro.

A Segunda Guerra Mundial (1937-1945) causaria efeito profundo no Brasil; no início, o avanço das forças nazistas fortaleceu o totalitarismo do Brasil. Mas, a partir da entrada dos Estados Unidos na Guerra, em 1941, o Estado Novo começou a se deteriorar. A imprensa, que antes se mostrava neutra, agora combatia o nazifascismo.

Nessa época, reapareceu o interesse pelos problemas nacionais, principalmente os econômicos; os veículos que surgiram neste âmbito foram a

Revista Industrial, órgão da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, e o *Digesto Econômico*, órgão da Associação Comercial do Estado de São Paulo, ambas publicações mensais iniciadas em 1944. Novos jornais também começaram a circular, como o *Folha Carioca*, do Rio de Janeiro.

Mas esse clima de liberdade terminaria em 1945, com o golpe que depôs Getúlio Vargas; o prolongamento da ditadura com violência aconteceu no governo do general Eurico Gaspar Dutra (1946-1951). Nessa época, houve a intensificação de grandes grupos, como exemplo os *Diários Associados*, diminuindo a pequena imprensa no Brasil.

Houve, ainda, o desaparecimento de numerosos jornais e revistas, mas surgiram outros poucos, entre eles a *Tribuna da Imprensa*, fundada por Carlos Lacerda em 1949. Lacerda lançou críticas a Vargas antes mesmo das eleições, de que não deveria governar o país. Era um jornal de pequena tiragem, não chegando a 40 mil exemplares.

Segundo Laurenza (2011), Getúlio sabia que a *Tribuna* estava a serviço das tendências da UDN⁴. Então, financiou um jornal que divulgasse a política intervencionista do Estado na economia e a plataforma sindicalista do PTB aos leitores. Seguindo a ideia do ex-repórter Samuel Wainer de que a imprensa contra ajuda a perder eleição, em 1951, vai às bancas o jornal *Última Hora*.

Wainer capta as novas tendências editoriais na Europa pós-guerra e define a dinâmica do jornal. Ele não cortava as matérias pelo pé, para evitar desperdício de tempo do repórter. As inovações gráficas do argentino Andrés Guevara, respeitado no jornalismo impresso, eram apoiadas pelo editor, que também trabalhou ele em *Diretrizes*. Ambos valorizavam as fotos, charges e bom humor. De acordo com Lage (2012), a diagramação e a redação foram modificadas. O modelo foi mantido até 1979, quando o jornal foi extinto.

Todas essas condições de mudanças e adaptações preparariam a entrada de novas técnicas redacionais no jornalismo brasileiro, a serem estudadas no capítulo seguinte.

⁴ UDN – União Democrática Nacional; partido político brasileiro fundado em 1945 em oposição às políticas de Getúlio Vargas.

4 TÉCNICAS REDACIONAIS: LEAD E PIRÂMIDE INVERTIDA

Em meio a um contexto de mudanças econômicas e políticas, Sodré (1999) coloca que a segunda metade do século XX foi marcada por transformações no meio jornalístico, chamadas de Crise da Imprensa, por esta se desprender de formas antigas e, assim, passar por uma transição.

Uma das principais mudanças da época foi a utilização de novas técnicas redacionais no texto jornalístico; “a técnica redacional é aquela que opera formas de transformação da notícia na própria redação do jornal, para enquadrá-la em padrões e normas da empresa” (MARCONDES FILHO, 1989, p. 48).

Essa mudança, segundo Lage (2005), se deve também ao espírito de desenvolvimento da década, que correspondia à influência das agências de notícias internacionais, como a France Press, United Press e Associated Press.

Assim, incorporam-se técnicas redacionais já então utilizadas nas redações norte-americanas, caso do lead e da pirâmide invertida.

O jornalismo norte-americano criou, por exemplo, o *lead*, cujos princípios se fundaram na regra dos cinco *W* e um *H*; qualquer *foca* americano sabe que toda notícia deve conter, obrigatoriamente, os seguintes elementos: *Who*, quem; *what*, que; *when*, quando; *where*, onde; *why*, por que; e *how*, como [...] Essa técnica jornalística está, hoje, plenamente incorporada à imprensa brasileira (SODRÉ, 1999, p. 394).

O lead e a pirâmide invertida, no entanto, vieram pela Guerra Civil norte-americana (1861-1865). Tal conflito demandou mudanças significativas para o jornalismo, como a presença de repórteres que entrevistavam pessoas à procura de fatos; a explicação para o lead é de que o equipamento utilizado para enviar as notícias era o telégrafo que, por vezes, falhava, e as informações mais importantes eram enviadas logo no início do texto, para assegurar que chegassem ao destino:

À medida que as notícias começaram a ser tratadas como um produto, uma forma nascente de “empacotamento” apareceu. As notícias tornaram-se crescentemente estandardizadas ao tomarem a forma a que chamamos hoje “pirâmide invertida”, enfatizando o parágrafo de abertura, o *lead* (TRAQUINA, 2005, p. 59).

No Brasil, o pioneiro na reforma de apresentação da notícia foi o *Diário Carioca*, em 1951, quando Pompeu de Souza retorna dos Estados Unidos e

compreende melhor as técnicas com o jornalista e professor universitário Danton Jobim, de quem Pompeu era assistente. Os dois reúnem estudantes de diversos cursos universitários e os fazem praticar as novas técnicas. Um dos jornalistas que também integrou a reforma foi Carlos Castello Branco, “em 1950, Pompeu de Souza convidou-o para ajudar na reforma do *Diário Carioca*” (CARVALHO, 2001, p. 335). Além disso, o chefe de reportagem Luís Paulistano acrescentou o brasileiro sublead⁵ ao lead norte-americano.

De acordo com Lage (2005), as modernas técnicas de redação eram também dominadas por jornalistas com experiência no exterior, como Joel Silveira e Rubem Braga, que foram correspondentes de guerra.

As mudanças daquele momento foram passadas pelas mãos de vários nomes do jornalismo.

Já ia a caminho a reforma estilística que entrou para a história da imprensa brasileira como a primeira experiência mais sistemática de modernização, obra dos jornalistas Danton Jobim, Pompeu de Souza e Luís Paulistano; e de uma equipe de jornalistas que mais tarde teria participação expressiva na imprensa brasileira. Entre eles, Carlos Castello Branco, Evandro Carlos de Andrade, José Ramos Tinhorão, Maneco Müller, Ferreira Gullar, Gilson Campos, Armando Nogueira e o próprio Janio, sem contar os cronistas Sérgio Porto, Paulo Mendes e Antônio Maria (CARVALHO, 2001, p. 248).

Mas mesmo antes de ser implantado o lead, Lage (2005) afirma que o *Diário Carioca* trazia colunas antecedendo as reformas, e estas eram, provavelmente, escritas por Danton Jobim, sob o pseudônimo de Joaquim Manoel.

As colunas saíram na página 2 do jornal nos dias 4, 7, 8, 9, 10 e 11 de agosto de 1945. O título geral era “Cartas a um foca”, com uma nota explicativa todos os dias “Num país em que todos se julgam jornalistas, eis uma pequena seção para discutir todos os dias os assuntos do jornalismo”. Os títulos também foram “O primeiro parágrafo”, “Elementos da notícia”, “A arte de opinar”, “Ser exato e poupado (?)”, “Primeiro a concisão” e “O que é notícia?”.

Lage (2005, p. 60-61) traz o conteúdo das colunas:

No dia 4, o autor das colunas cita o livro *City Editor*, de Stanley Walker, e defende que a notícia seja iniciada pela informação:

⁵ É um desdobramento do lead norte-americano, um complemento no parágrafo seguinte com informações adicionais para as questões que compõem o lead ou respostas a algumas das questões não utilizadas no lead.

O primeiro parágrafo, em certos casos também o segundo, deve satisfazer a curiosidade do leitor e estimulá-lo a prosseguir na leitura. Isso se obtém respondendo clara e diretamente as seis perguntas latentes e fundamentais. Em inglês, são cinco W e um H: who?, what?, when?, where? e, frequentemente, why? – ou, em certos casos, how? Em português, são pelo menos três Q: quem?, quê?, quando? e onde? e, frequentemente, por quê? ou, em certos casos, como?”.

No dia 7, analisa esses elementos da notícia: “Quanto a distinguir esses elementos numa notícia, separá-los, pesar o valor de cada um e lhes dar uma ordem de proeminência decrescente [...]”.

No dia 8, trata do texto opinativo: “[...] De certo será impossível e mesmo inviável chegar um jornal à perfeição de dar informações imparciais. [...] Mas sejam ou não ‘imparciais’, elas devem ser objetivas [...]”

No dia 9, denuncia uso de expressões vagas e os chavões da imprensa na época.

No dia 10, denuncia enfaticamente o “nariz de cera⁶”.

A última coluna utiliza uma estratégia de George Bastian⁷, que dava nota zero e um ao que não era e ao que era notícia.

Os redatores que migraram do *Diário Carioca* para o *Jornal do Brasil* levaram a nova maneira de redigir para o veículo. Assim, em 1956, o *Jornal do Brasil* também aderiu à reforma. Com excelentes profissionais como Reinaldo Jardim e Ferreira Gullar, Jânio de Freitas revolucionou o jornal com apresentação totalmente nova à matéria, de acordo com Lage (2012, p. 42) “aperfeiçoou o processo de produção das notícias”.

O procedimento utilizado pelo *Jornal do Brasil* para modificar o estilo de texto do jornal foi o mesmo que o *Diário* usou: “Reescrever as matérias, ampliando as atribuições do *copidesque*, seção de redação existente na imprensa americana com a incumbência de revisar os originais” (LAGE, 2005, p. 69). As inovações também vieram por Samuel Wainer no *Última Hora*, com mudanças gráficas e em seus métodos de informar e opinar.

Antes da renovação formal chegar aos grandes jornais paulistas, *O Estado de São Paulo* e o *Jornal da Tarde* deram às matérias noticiosas um estilo inspirado no

⁶ Expressão designada para as matérias que iniciavam de forma rebuscada, com ausência de objetividade e pouca informação.

⁷ Autor do livro *Editing the day's News*.

dos magazines. Lage (2005, p. 71) lembra que “a incorporação do novo modo de escrever ao noticiário tradicional fez-se aos poucos, com base em modelos americanos, de modo que algumas das criações mais originais do *Diário Carioca* não chegaram ou demoraram a chegar à imprensa paulista”.

Depois de São Paulo, a expansão pelo país foi rápida. Lage (2005), aponta ainda um estudo feito com mostras aleatórias de textos noticiosos do jornal *A Razão*, de Santa Maria, Rio Grande do Sul, com datas entre 1935 e 1995, considerando: fala popular, preciosismos e estrangeirismos; adjetivação; advérbios de modo, intensidade e afirmação; uso de verbos na primeira pessoa, itens que demonstram a modificação do texto jornalístico também na região sul do país, depois de já aderida em São Paulo.

Já os primeiros livros de técnicas de redação no jornalismo traduzidos para o Brasil foram *Introduction to Journalism* (Fraser Bond, tradução de Cícero Sandroni), em 1959, e o *The Professional Journalist* (John Honhenberg, tradução de Ruy Jungmann), em 1962.

Lage (2005) lembra que a implantação da técnica do lead foi favorecida pelo surgimento de outras inovações na forma de narrar, como as vindas desde a Semana de Arte Moderna de 1922, nas escolhas léxicas e gramaticais, que consistiam na adoção de critérios propostos pelos próprios modernistas para a proximidade da escrita com a fala, além disso, houve acréscimo de humor e ironia aos textos.

É ponto comum entre pesquisadores que a consolidação dessas técnicas no Brasil, desde os anos 50, vem por meio de um padrão de objetividade que, entre outros, gera rapidez na produção dos fatos.

Assim, como define Pena (2012, p. 42), “o lead nada mais é do que o relato sintético do acontecimento logo no começo do texto, respondendo às perguntas básicas do leitor: o quê, quem, como, onde, quando e por quê?”, para o indivíduo se informar logo no início da notícia do que ela trata.

Além disso, os autores trazem variações na forma em que o lead aparece na notícia, Corrêa (2003 apud PENA, 2012) apresenta os estilos que frequentemente aparecem no jornalismo diário. O lead *Clássico*: com elementos essenciais com hierarquização dos dados; de *Citação*: inicia pela transcrição de um depoimento de um personagem; *Circunstancial*: começa com elemento “como” ou circunstância; *Clichê*: apresentação com ditado ou chavão; *Conceitual*: emprega uma ideia ou

definição para atrair o leitor; *Cronológico*: os dados se exibem na sequência que ocorreram; de *Apelo Direto*: foca em um fato que envolva diretamente o leitor; de *Contraste*: inicia com ideia vaga e que contrasta com a informação da notícia; *Descritivo*: reconstitui o cenário e personagens para instigar o leitor pelo sentido visual; de *Enumeração*: lista de condições, hipóteses ou consequências que tenham grande relevância na matéria; *Dramático*: cria suspense para o desfecho inesperado do sublide; *Interrogativo*: matéria abre com questão perturbadora que remeta à curiosidade; *Rememorativo*: inicia com dados mais antigos resumidos para dar entendimento aos fatos recentes de mesma ordem; *Adversativo*: abre com advérbio que cria expectativa frustrada, como “apesar de”; *Explicativo*: inicia com justificativa, explica o contexto em que o fato se deu, uma função didática; *Apelativo*: faz uso de uma ambiguidade dos dados para narrar maliciosamente; *Multilide*: apresenta os dados essenciais aos poucos, não exatamente no primeiro parágrafo.

Erbolato (2008, p. 69) traz outra divisão, com doze tipos de leads, mas que, em geral, se assemelha ao proposto por Corrêa. O autor também lembra do *lidão*, que “dará um resumo de todos os enfoques e servirá também como roteiro e índice”, ele também coloca que esse *lidão* é utilizado quando há matéria especial ou quando o jornal destina uma página inteira a um assunto.

Baseado na divisão de Erbolato (2008) acerca dos tipos de leads, Lage (2012, p. 96-97) os analisa da seguinte forma:

O lead clássico: ordenado segundo o princípio da precedência da notação mais interessante; constituído de um único período, ocupando mais ou menos de três a cinco linhas (72 toques por linha); composto de um única oração principal, ou seja, de uma proposição declarativa que podem ser palavras isoladas, locuções ou orações subordinadas.

O autor considera que o lead *flash*, lead integral e lead direto são redutíveis, estruturalmente, ao modelo do lead clássico. Quanto ao lead composto e lead resumo, os considera como praticamente iguais, com uma proposição em que o sujeito, o complemento do verbo ou uma circunstância são compostos de vários termos, no caso, orações coordenadas entre si. A estrutura do período é por subordinação, o que se aproxima do lead clássico.

Em relação ao lead contraste, lead-chavão e lead pessoal, o autor afirma que são usos estilísticos e não diferem muito do modo geral. No caso do lead suspense ou dramático, a estrutura é narrativa e seu uso é restrito a situações peculiares, com

intensidade crescente e que aponta para um desfecho inesperado, com funções discursivas relevantes.

E o lead-citação deve ser usado quando se trata de uma declaração interpretativa ou opinativo que o alcance dependa do enunciador e, no caso de informativo, seja polêmica ou duvidosa, nesse caso, as duas proposições a serem articuladas seriam a do conteúdo declarado ou a proposição pela qual a fonte se enuncia.

Entende-se que com o mesmo intuito de estabelecer a objetividade, “na *pirâmide invertida* a sequência é esta: a) entrada ou fatos culminantes; b) fatos importantes ligados à *entrada*; c) pormenores interessantes; d) detalhes dispensáveis”. (ERBOLATO, 2008, p. 66).

Destarte, têm-se as informações mais importantes logo no início do texto, hierarquizadas de forma objetiva. Mas Genro Filho (1987) coloca que acreditar no nascedouro dessas técnicas através das condições tecnológicas e que elas tenham se generalizado por comodismo para o leitor é um pensamento simplista. Essa ideia pode ser fundamentada na teoria de que o lead, na realidade, nasceu já na Roma Antiga através de Marco Túlio Cícero, baseado na retórica dos gregos, em *De Inventione*, ele afirma que um texto completo deve responder às perguntas: quem? O quê? Onde? Como? Quando? Com que meios ou instrumentos? E por quê?

Outro teórico, Karam (2000 apud LAGE, 2005, p. 81), coloca que quando a pressa, o telégrafo e outros fatores da modernidade são usados como razões exclusivas para a origem e permanência do lead, “desmentem-se pela necessidade de uma arte de dizer e convencer, no que gregos e romanos foram mestres”.

Além disso, Genro Filho (1987) desconstrói a tese de que a pirâmide invertida começa do fato “mais importante” para o “menos importante”. O autor propõe que a notícia caminha do singular para o particular, entende-se como do fato em si e sua especificidade para o contexto que o envolve, para depois partir para a universalização. Portanto, a pirâmide não estaria realmente invertida, mas assentada com sua base natural.

Além do propósito da instauração da objetividade no jornalismo, as técnicas do lead e pirâmide invertida pretendiam proporcionar uma narrativa concisa e agradável para o texto jornalístico.

[...] o jornalismo é uma atividade que consiste em relatar de forma leve, concisa e agradável os fatos que ocorrem, interpretando-os fotograficamente sempre que possível. O caráter efêmero do texto jornalístico não implica que ele seja estilisticamente pobre e descuidado, como pensam algumas pessoas, pois em geral ocorre justamente o inverso. Para *funcionar jornalisticamente*, uma notícia precisa ser trabalhada e retrabalhada muitas vezes, até chegar a um nível desejável de objetividade (EMERY, 1974 apud ERBOLATO, 2008, p. 107).

E é justamente a efetividade do *lead* como narrativa jornalística de forma criativa que alguns autores questionam, caso de Pena (2012, p. 42), para quem tais técnicas podem se tornar “uma prisão de estilo para muitos talentos em formação”. Essa prisão pode estar relacionada às restrições verbais que o lead condiciona ao jornalista. E é por estas amarras que, muitas vezes, a escrita não cumpre o papel de ser agradável. Analisando sob essa perspectiva, há diversas regras e condições para a construção de uma notícia.

O jornalista, a rigor, não escolhe como narrar. A ele não são “oferecidos” condicionantes que regulam e delimitam o seu campo de atuação – sejam as técnicas que impõem o uso do *lead* ou, além de outros determinantes, as questões mais subjetivas que o obrigam a narrar os fatos na perspectiva da verdade mais absoluta (RESENDE, 2006, p. 170).

Condizente a essa ideia, Amaral (1997, p. 51) coloca que “o lead foi um avanço na técnica e no estilo, mas reduziu muito a dimensão dos fatos” e mesmo sendo uma ‘fórmula’ eficiente, há o perigo da monotonia. A solução apontada é uma dose equilibrada das técnicas com percepções do jornalista, o estudioso afirma que o uso de regras fixas não pode ser uma obediência integral, mas que estas regras ainda devem permanecer, já que muitos redatores fluem melhor com a disciplina imposta por esse estilo.

Há alguns autores com postura um pouco mais radical, como Noblat (2010), que afirma que o lead convencional morreu, já que data de uma época em que era necessário uniformizar os textos dos jornais, com privilégio para a objetividade, mesmo que não tenha sido inventado com esse propósito.

Quanto a essa questão, Bahia (1990) afirma que o lead pode se tornar um estilo de comunicação uniforme e monótono, com uma excessiva padronização do texto jornalístico, mas propõe que há maneiras de evitar o padrão; sair da rigidez do

primeiro parágrafo ultradireto, reduzindo seu âmbito e criar um segundo parágrafo – o sublead – que o complementa ou, ainda, utilizar de um dado aparentemente secundário, mas que fará diferença no desenvolvimento da história, ou seja, a criatividade ainda pode se fazer presente.

Nesse mesmo sentido, Genro Filho (1987) declara que é o jornalista quem se deixa amarrar por tais técnicas, e propõe até que o lead, mesmo sendo uma síntese da singularidade, não precisa estar situado no primeiro parágrafo, mas pode ser encontrado no segundo ou até mesmo no último parágrafo em um texto de um redator criativo. Assim, ele declara que:

Sem dúvida, esse problema existe. Mas ele decorre muito mais da perspectiva empirista patrocinada pela "pirâmide invertida" e o *lead* - o que leva a maioria dos redatores a pensar que se deve sempre responder monótona e mecanicamente as famosas "seis perguntas" no primeiro parágrafo - do que realmente pela apreensão singularizada do fato, na qual o *lead* seria apenas a expressão mais aguda e sintética (GENRO FILHO, 1987, p. 191).

Dessa forma, há também o constante questionamento sobre a efetivação dessa objetividade na prática jornalística, contrário ao que coloca Erbolato (2008) sobre a tentativa de se buscar a maior objetividade possível, já que este, assim como a maioria dos autores, admite ser impossível um texto jornalístico de plena objetividade. Genro Filho (1987) defende que deve ser feito o pensamento inverso: olhar de forma positiva a potência da subjetividade do homem perante a impossibilidade da objetividade, já que o autor declara que essa "objetividade jornalística" vem de uma ideologia burguesa para reproduzir as relações capitalistas.

Além disso, o autor defende o fato de que a atividade jornalística não se restringe à coleta e reprodução de fatos de forma objetiva, mas que há uma significação subjetiva na intermediação do jornalista para a produção da notícia e também por parte do receptor. Assim, o jornalista é colocado como sujeito socio-histórico.

Mas através do jornalismo temos a reprodução dos acontecimentos a partir da reconstituição fenomênica e singular, como algo que estivesse sendo imediatamente vivido. A mediação, neste caso, não apenas está interiorizada subjetivamente por emissores e receptores, de forma simultânea, mas se exterioriza em termos materiais, técnicos, sociais e lógicos precisamente para reproduzir a mediaticidade do mundo, através das notícias como algo imediato. A linguagem jornalística, no sentido amplo, que pode envolver quaisquer dos modernos meios de comunicação de massa, é estruturada para cumprir essa tarefa. Eis a sua razão de ser e o horizonte histórico-social capaz de explicar sua organização lógica e linguística (GENRO FILHO, 1987, p. 128).

Nesse sentido, a subjetividade não segue um padrão: as técnicas de construção da notícia estão sujeitas a transformações tanto pelo contexto histórico quanto pela interferência do cotidiano nas redações e, ainda, pelas próprias mãos dos jornalistas.

Em relação ao processo de produção da notícia, Traquina (2005) coloca que, sob a ótica da Teoria Interacionista, os jornalistas estão submetidos à ditadura do tempo. Ela contém a base dos estudos de Gaye Tuchman (1973-1978) sobre o *newsmaking*. O teórico afirma que a Teoria Interacionista encara esse processo como interação de vários agentes sociais com papel ativo em uma constante negociação.

Dessa forma, há diversas etapas para a realização do produto final do jornalista, portanto, “as notícias são o resultado de um processo de produção definido como a percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (acontecimentos) num produto (as notícias)” (TRAQUINA, 2005, p. 180).

Uma das consequências colocadas pela teoria é sobre o ritmo do trabalho jornalístico, cujo valor do imediatismo se sobrepõe aos critérios de noticiabilidade e também às formas de construção da notícia.

Os acontecimentos estão concretamente enterrados na *teia da faticidade* (Tuchman, 1978), ou seja, o tradicional quem, o quê, quando, onde, como e por quê do *lead* tradicional. Os acontecimentos são mais facilmente observáveis porque estão definidos no espaço e no tempo (TRAQUINA, 2005, p. 184).

Como afirma a teoria, o ritmo de trabalho influencia na forma de construção da notícia, o que pode ser outro fator para possíveis transformações da redação, já que o cotidiano dos anos 50 sofreu alterações se comparado ao contexto atual do

jornalismo. Além disso, Tuchman (1978 apud TRAQUINA, 2005, p. 189) afirma que a “formação da rede noticiosa e a forma como os jornalistas nela estão distribuídos têm importância teórica, dado que são a chave da construção da notícia”.

Como já dito, esse processo não é fixo, passa por transformações conforme vários fatores. Um dos maiores pesquisadores das técnicas redacionais, Corrêa (2003 apud PENA, 2012) afirma que o jornalismo já possui um novo tipo de lead, ao qual foram acrescentadas mais três perguntas junto às seis tradicionais; são elas: A quem? Para quê? Com que desdobramentos? Tais questões, na visão do autor, alterariam o sujeito da notícia de passivo para ativo, ou seja, transformando-o em um agente do fato jornalístico.

Além disso, Erbolato (2008) acrescenta que atualmente há uma valorização dos diferentes elementos do lead; a depender da situação, para dar ênfase para a notícia, escolhe-se para qual pergunta será dado maior valor: Quem? O quê? Quando? Onde? Como? Por quê? Assim, a notícia ganha um tratamento diferenciado.

O teórico também pontua que os jornais impressos obtinham o monopólio da informação até o término da Primeira Guerra Mundial. E com o aparecimento de outras mídias, como o rádio, na década de 20, e a televisão, na década de 50, além da popularização da internet no final do século XX, “os jornais impressos tiveram que preparar a sua estratégia. As notícias, que eram superficiais, limitando-se a narrar os acontecimentos, sofreram alterações em sua estrutura” (ERBOLATO, 2008, p. 30). Dessa forma, o jornalismo impresso passou a tratar os fatos noticiosos de forma mais aprofundada, por meio da interpretação das notícias.

Por este motivo, os jornais impressos não mais sobrevivem da rapidez na reprodução dos fatos, o que justifica uma alteração na forma de narrar as notícias, numa missão de instigar o leitor e aprofundar o assunto já tratado pelos outros meios, com intuito de oferecer outra perspectiva para o leitor – não sendo essa uma oposição ao padrão da objetividade, mas um complemento que garanta a importância e até sobrevivência do meio impresso.

O problema não é a exigência de objetividade e homogeneidade nos textos, mesmo porque as necessidades industriais fazem os jornais fecharem cada vez mais cedo. Reportagens, em princípio, não podem ser parciais e enfeitadas, mas isso não pode justificar que sejam escritas de modo rudimentar e reducionista. Algum teor autoral é importante porque, numa era em que há tantas fontes de informação a quente (TV, Internet, etc.), em que o grande “furo” não vive mais que 15 minutos, a diferenciação da escrita é o que poderá manter a atenção do leitor (PIZA, 2002, p. 135).

Dessa maneira, Hohenberg (1960 apud ERBOLATO, 2008, p. 69) declara que a pirâmide invertida “constitui herança absurda dos dias em que o jornal vivia na base da notícia em primeira mão”. Nessa nova missão do impresso no aprofundamento dos fatos, Dines (1986) afirma que os jornais diários também se tornaram mais seletivos quanto aos assuntos que vão se concentrar e esquecerem a tendência quantitativa que antes predominava as páginas dos jornais.

Assim, estabelece mais um motivador de uma possível transformação das técnicas de construção de notícia.

Nesse momento, o *lead* clássico, contendo as seis questões primárias de kipling (Quem? Quê? Quando? Onde? Por quê? Como?), avançou, para buscar circunstâncias mais profundas, como a dimensão, a remissão e a explicação dos fatos, já que a TV satisfazia às iniciais [...] Não apenas mais bem paginados, os jornais passaram a organizar o seu conteúdo, dando à informação aspecto mais profundo e mais permanente (DINES, 1986, p. 70).

Essa mudança se deve ao fato de que, segundo Erbolato (2008, p. 30), os outros meios de comunicação “não podem competir em profundidade, colorido, dramaticidade e na busca de antecedentes de um fato com qualquer boa reportagem escrita”. E é nesse fator em que o jornal impresso precisa investir para garantir seu diferencial, como afirma Noblat (2010), é preciso repensar a forma de escrever o lead, mesmo que continue atendendo por esse nome.

Essas características se fazem presentes no texto do jornalismo impresso quando há trabalho cuidadoso de pesquisa e entrevista com fontes que podem dar sua contribuição e visão sobre os fatos narrados. E, posteriormente, quando a redação envolve atenção aos pressupostos de coesão, coerência e clareza textuais, associados às técnicas jornalísticas.

Escrever sobre o que se sabe e contar bem o que há para contar representam, em última análise, os principais ingredientes da enunciação jornalística. Mas pode ser-se criativo, pode contar-se bem o que há para contar, respeitando-se as regras que fazem do texto jornalístico um texto informativo capaz de chegar a um grande número de pessoas (SOUSA, 2001, p. 121-122).

Assim, mesmo que o jornalista seja norteado pelas técnicas jornalísticas, e que faça uso da precisão, Bahia (1990) coloca que ela não pode ser tão rigorosa a ponto de prejudicar o relato nem frouxa para não banalizá-lo. O autor também aponta que o lead reclamava por períodos mais curtos, mas nem sempre esse estilo mais direto se torna mais agradável: períodos curtos não são necessariamente mais legíveis que períodos longos, portanto, é preciso que o jornalista saiba narrar os fatos, de preferência com o elemento da criatividade. Nesse âmbito, ele pode tornar-se também um narrador.

O narrador – sim, porque aqui se sente a presença de um outro que vê – *conta* os detalhes da cena, do fato jornalístico. Ele é contundente e faz enxergar o que se passa. Não há qualquer preocupação com a questão da objetividade, por exemplo, e, no entanto, é difícil pensar em uma cena mais objetivamente descrita. Escapamos nós mesmos da visão do jornalista, olhamos o fato e, com aquele narra a história, nos tornamos parte dele [...] *contar* e fornecer os dados factuais/fatais (portanto, objetivos e subjetivos) do acontecimento (RESENDE, 2006, p. 177).

Essa necessidade de narrar os acontecimentos de maneira menos uniforme promoveu outras formas de construção da notícia, uma delas foi a do jornalismo literário, que será estudado a seguir.

4.2 OUTRAS FORMAS DE NARRAR: JORNALISMO LITERÁRIO

Se as técnicas redacionais já estão consolidadas no meio jornalístico, porém, em constante transformação, é possível que haja espaço a estilos próprios de escrita dos jornalistas e novas formas de construção das notícias. Uma dessas formas, bastante discutida, é o Jornalismo Literário. O jornalismo e a literatura já tiveram encontros e desencontros pelo caminho da história da imprensa.

O fato do jornal impresso estar ligado historicamente à expansão da literatura, a interpenetração entre um e outro (através dos folhetins e da participação dos escritores nos jornais), a mútua influência entre as técnicas jornalísticas e literárias, tudo isso criou uma confusão que ainda persiste (GENRO FILHO, 1987, p. 199).

Após a implantação das técnicas redacionais jornalísticas, a literatura ficou afastada, mas, posteriormente, na década de 1960, aparece em alguns veículos como alternativa de escrita.

As divergências quanto ao que seria o Jornalismo Literário são muitas, alguns autores o colocam como um conceito do *New Journalism*, ou o Novo Jornalismo contemporâneo dos anos 60, a qual pretende fugir dos padrões da objetividade, do uso do lead e da pirâmide invertida, para utilizar uma linguagem mais próxima da literária, “investindo justamente na revelação de uma práxis humana não teorizada, busca apreender a essência do fenômeno aplicando técnicas literárias na construção de situações e episódios narrados” (LAGE, 2012, p. 108).

Seguindo pelo caminho da subjetividade, o jornalista descreve cenários e personagens perante diversos pontos de vistas, há uma intimidade com os fatos, captação de diálogos e até expressões faciais. Segundo Genro Filho (1987), com descrição objetiva, mas profunda, o novo jornalismo pretende proporcionar ao leitor uma vivência subjetiva e emocional em relação ao fato e aos personagens. Nesse caso, as entrevistas também se diferenciam na profundidade, tornam-se um diálogo e a observação precisa ser mais rigorosa quanto às características da situação e até do próprio entrevistado.

As diversas crises dos anos 60, que deram lugar a formas do novo jornalismo não só nos Estados Unidos, como também em toda a América Latina e a Europa, são um excelente exemplo de como a ruptura de fronteiras (também neste âmbito) fecundou a criatividade informativa no âmbito do jornalismo (SCLIAR, 2002, p. 20-21).

Alguns principais nomes desse movimento foram Gay Talese, antigo repórter do *The New York Times*, com obra famosa intitulada *Fama e Anonimato*; Truman Capote que atendeu a esse estilo com a obra *A Sangue Frio* que, baseado em fatos reais, conta a história de um assassinato por meio do estilo jornalístico e técnicas literárias; e Tom Wolfe, considerado um dos fundadores do estilo, ganhou um prêmio quando trabalhava para o jornal *Washington Post* pela cobertura que realizou de

Cuba em 1961, já utilizando desse novo estilo, a intenção era dizer o que não estava sendo dito pelo jornalismo em outras formas.

Ao contrário do que vários autores pregam, Lima (1995) afirma que o *New Journalism* foi apenas uma manifestação do Jornalismo Literário, que existiu antes desse movimento e continua existindo até hoje.

Outros autores colocam o Jornalismo Literário como somente um período na história da imprensa brasileira, há, ainda, aqueles que afirmam ser apenas as críticas a obras literárias, como biografias ou ficções-jornalísticas. Pena (2006) o prefere classificar como um gênero, em que a narrativa abrange informar e entreter. “Assim, defino Jornalismo Literário como linguagem musical de transformação expressiva e informacional” (PENA, 2006, p. 21).

O autor declara que o pioneiro na utilização deste estilo no Brasil foi Joel Silveira, que colocava a grande reportagem como uma válvula de escape para o que ficou reprimido no período do Estado Novo. O jornalista cobriu a Segunda Guerra Mundial para os *Diários Associados* e era um dos correspondentes estrangeiros mais novos da Europa, quando conviveu com Ernest Hemingway, um dos mais célebres do jornalismo mundial. Quando retornou ao Brasil, Silveira realizaria uma matéria que cobria o casamento da filha de Francisco Matarazzo, então inimigo de Chatô. Já quando terminava as laudas de sua matéria, soube do casamento de um casal de operários da fábrica dos Matarazzo, no mesmo dia. Chateaubriand passou ordens de que ambos os casamentos deveriam ter o mesmo espaço.

Ordens cumpridas, o *Diário da Noite* trazia duas páginas inteiras sobre os casamentos, face a face. Na esquerda, o casamento de Filly e João Lage; na direita, o casamento de Nadir e José. É claro que Silveira não perderia a oportunidade de frisar que todo luxo e ostentação do primeiro casamento foram apoiados no trabalho árduo e no suor do casal de operários (PENA, 2006, p. 66).

A matéria que contrastou as diferenças sociais dos casamentos, mesmo que por interesses do patrão, se tornou um dos livros mais famosos de Silveira, intitulado *A milésima segunda noite na Avenida Paulista*, sendo um exemplo do uso dos recursos da literatura na narrativa jornalística.

Uma das maiores representantes deste momento foi a revista *Realidade*, da Editora Abril, por Roberto Civita, ao comando de Sérgio de Souza como editor de textos e de Paulo Patarra como redator-chefe. A revista registrou somente uma

década de existência, de 1966 a 1976, mas foi marcante para a história do jornalismo brasileiro, chegando à tiragem de 500 mil exemplares. Havia outras importantes revistas semanais, mas a *Realidade* surgiu com o desafio de se manter como revista mensal.

A revista priorizava as entrevistas, grandes reportagens com textos longos e elegantes, e os perfis em profundidade. Segundo Corrêa (2011), *Realidade* tratava de temas tabus até então na imprensa brasileira. Em plena época de ditadura militar, ela trazia temas como: maconha, casamento de padres, fome, racismo e um dos assuntos mais polêmicos foi de uma edição dedicada à mulher brasileira, com padrões “modernos”. Uma das características marcantes da revista também era explorar assuntos quase inexistentes na imprensa, como os problemas das grandes cidades, o desconhecido da Amazônia e sobre o Nordeste. A intenção de Civita era que os temas fossem abordados com uma linguagem agradável de se ler e diferente do padrão que predominava na época.

Outra publicação revolucionária foi *O Cruzeiro*, que durou de 1928 a 1975, dos *Diários Associados*. O seu auge com a linguagem próxima ao jornalismo literário foi nos anos 50, e ficou ainda mais famosa após a cobertura do suicídio do então Presidente Getúlio Vargas, em 1954, rendendo tiragem de 720 mil exemplares, grande proporção se considerada a população do país na época. A revista teve grandes nomes do jornalismo e da literatura e ficou conhecida pelas grandes reportagens, sendo avaliada até hoje como um marco na história da imprensa do Brasil. E a publicação não fez história somente no país, uma vez que teve uma versão internacional.

O texto das revistas citadas se diferencia daquele encontrado nas revistas atuais de informação da grande imprensa. Araújo (2002) afirma que nesses veículos atuais há falta de narrativa e que as publicações consideradas ícones do jornalismo literário souberam inovar sem perder a essência jornalística.

Esse tipo de jornalismo, que chamo de narrativo porque dá ao jornalista a oportunidade de exercer o seu poder de percepção em torno da qual se insere o objetivo de sua matéria [...], era comum em grandes reportagens, como aquelas realizadas nos anos 60, principalmente pelas revistas *O Cruzeiro* e, depois, *Realidade*. Nunca, na história da imprensa nacional, os jornalistas foram tão escritores como naquele período. As reportagens, verdadeiras peças literárias. Sem prejuízo da informação, o texto encadeava uma história que seduzia o leitor. Sem a necessidade de definir, de cara, um lead ou um sub lead, agora falando o nosso jargão de jornal (ARAÚJO, 2002, p. 95-96).

Quanto ao lead, Noblat (2010, p. 99) afirma: “Se as pessoas gostam de ouvir ou de ler histórias, como contá-las e escrevê-las com graça e esmero, se formos servos do lead?”, assim, a questão não é a abolição do lead, mas a reformulação e a mescla libertária para com outras formas de narrativa.

Além das revistas, “os jornais brasileiros também se interessaram por textos capazes de cruzar as fronteiras com a literatura” (COSTA, 2005, p. 269). O maior exemplo deles foi o *Jornal da Tarde*, que pode ser descrito por quem foi dele repórter, redator e subeditor Marçal Aquino, em entrevista concedida a Costa (2005, p. 270): “O *Jornal da Tarde* naquele momento estimulava o texto de viés literário. Foi o melhor momento em termos de conciliação. O jornalismo era uma espécie de extensão da literatura”. O jornalista ainda relata que saiu do jornal quando este se tornou um veículo parecido com outros do mercado, que “se limitam a cobrir o dia a dia sem dar grande importância à qualidade do texto e à utilização das fotos”.

Outros jornais que aderiram a esse estilo foram o *Zero Hora* que, desde a década de 70 até hoje, utiliza reportagem narrativa, e a *Gazeta do Sul* que também possui um alto índice de reportagens que provém das técnicas literárias.

Outro nome importante desse exercício literário foi David Nasser, um dos principais repórteres de *O Cruzeiro*, que, aliado ao repórter-fotográfico Jean Manzon, produziu grandes reportagens para a revista, com grande repercussão. Sua estilística narrativa⁸ foi marca registrada deste que seria considerado um dos maiores jornalistas dos anos 50. Nelson Rodrigues, em texto publicado em 1945 e reproduzido por Carvalho (2001, p. 128-129), diz que Nasser nasceu sob o signo da reportagem, pois era um repórter de autenticidade e vocação e o comparou ao João do Rio, “que faz poesia da rua”. O escritor e jornalista também apontou Nasser como o maior repórter brasileiro. Como acréscimo, Carvalho (2001) traz o prefácio da

⁸ Narrativa com estilo próprio e diferenciado do padrão.

segunda edição do livro de Nasser, *O Velho Capitão*, escrito por Rachel de Queiroz, onde a escritora o chama de repórter excepcional e que, apesar de alguns reclamarem dos famosos excessos cometidos pelo jornalista, ele tinha a qualidade certa, sabia escrever bem.

David Nasser, conforme relatado no livro “Cobras Criadas”, escrito por Carvalho (2001), não tinha muito compromisso com a verdade dos fatos, o que é inaceitável para os princípios do jornalismo. E por esse motivo é que há também aqueles que não veem o “Novo Jornalismo” como uma mudança completamente positiva para a atividade jornalística, mas que, ainda assim, consideram que a linguagem jornalística no Brasil deve passar por um viés literário.

Não chego ao ponto de defender o new journalism, que em sua vontade de unir o jornalismo e ficção praticou não raro, especialmente Tom Wolf e ao contrário de Tay Gay Talese, mais um delírio ficcional que um testemunho jornalístico... Mas me parece claro que a crueza narrativa do jornalismo brasileiro é menos uma opção hemingwayana (pobre Hemingway...) que uma incapacidade verbal (PIZA, 2002, p. 135).

Mesmo com contestações sobre a veracidade de várias das matérias escritas pelo jornalista, David Nasser pode ser citado como exemplo do modo como o texto jornalístico pode usufruir de recursos narrativos criativos, uma das melhores definições dessa habilidade do jornalista foi feita por Amado (1962 apud CARVALHO, 2001, p. 42-43).

[...] um poder ainda maior, o de saber lidar com as palavras. Trata-as como deve, com respeito, com amor. Sabe que elas, as palavras, essas meninas levadas, podem proceder direitinho, sabem obedecer a quem tem música na alma e as chama para um baile bonito. Nasser tem música na alma. Sabe fazer as palavras dançarem.

Além de recursos da literatura para a narrativa, Pena (2006) declara que o jornalismo literário é um conceito mais amplo, pois ultrapassa os limites dos acontecimentos cotidianos, com visões mais abrangentes, maior profundidade nos relatos e até mesmo um modo de exercer a cidadania. Mas ressalva que “o jornalista literário não ignora o que aprendeu no jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo” (PENA, 2006, p. 13-14). Os princípios da redação se mantêm, a apuração e observação rigorosa, a ética e a clareza do texto são as mesmas; o que

esse jornalista faz é usar de novas estratégias profissionais. “A preocupação do jornalismo literário, então, é contextualizar a informação da forma mais abrangente possível, o que seria muito mais difícil no exíguo espaço de um jornal” (PENA, 2006, p. 14). Dessa forma, é preciso tratar a informação de forma diferenciada, fazer comparações com outras abordagens, relacionar fatos e situá-los em espaço temporal com longa duração.

Assim, um dos ingredientes desse estilo de fazer jornalístico é a imaginação, não em seu sentido de ficção, mas como aliada ao real no texto jornalístico, restrita somente a linguagem ou como impulso para a percepção do jornalista para possíveis desdobramentos reais de uma notícia.

Imaginação é a palavra-chave. Sem ela, o jornalista não enxerga além do fato. Por vezes, não enxerga o próprio fato. Não percebe que ele esconde ou que se esconde por trás dele. Não adivinha o que ele anuncia, o que está por vir, o que virá. Porque uma notícia não é apenas uma notícia. Ela não existe isoladamente: conecta-se com o passado e o presente (NOBLAT, 2010, p. 78).

Ponderando a potência do jornalismo literário, como até capaz de fazer o espectador se sentir participante e testemunha de fatos reais, Genro Filho (1987) também declara que esse é um gênero difícil de ser realizado, é preciso talento literário e técnicas apuradas de investigação e redação jornalística, não adianta saber somente uma das duas vertentes, o resultado desse tipo de texto deve ser harmonizado com ambos os efeitos.

Destarte, esses fatores justificam que as técnicas redacionais não permaneceram intactas desde os anos 50, quando foram implantadas no Brasil; outras formas de narrar, como o Jornalismo Literário, apareceram como alternativa para um texto informativo criativo e como rompimento aos padrões que se encontravam em crise.

5 PERCURSO METODOLÓGICO

A escolha e delimitação do tema acerca das formas de construção da notícia deste trabalho foram pensados conforme os critérios propostos por Barros e Junqueira (2010), sendo eles; Afinidade: já que parte de uma empatia e curiosidade sobre o assunto das técnicas de construção da notícia, principalmente, em relação ao contexto histórico do jornalismo; Oportunidade: visto que se pretende um posterior aprofundamento na pesquisa; Relevância: o trabalho pretende contribuir para a práxis jornalística e para o ensino acadêmico acerca do seu produto principal: a notícia; Propriedade: o tema está diretamente relacionado com a área de Jornalismo; Delimitação: as técnicas redacionais foram estudadas dentro do jornalismo impresso brasileiro e as entrevistas foram realizadas no âmbito da cidade de Bauru; Realismo: com um cronograma efetuado dentro do tempo possível de se realizar a pesquisa, de agosto a dezembro para a elaboração do projeto e pesquisas iniciais da Iniciação Científica e de janeiro a junho para continuação da pesquisa e confecção do trabalho.

A partir do tema, houve a formulação do problema da pesquisa, de acordo com o assunto a ser pesquisado: o lead e a pirâmide invertida são técnicas tão intrínsecas ao fazer jornalístico que já permitem novas formas de construção da notícia?

Para tanto, as hipóteses que, segundo Barros e Junqueira (2010), ajudam a encontrar o norte da pesquisa, foram formuladas tendo em vista o parâmetro de que o texto jornalístico reflete as mudanças da linguagem da sociedade, que, por sua vez, está em constante transformação, assim, figuram as seguintes hipóteses à questão norteadora deste trabalho: o uso dessas técnicas jornalísticas muda entre diferentes gerações de jornalistas; o cotidiano redacional interfere na qualidade do uso dessas técnicas e, a partir da incorporação dessas técnicas, outras formas de narrar a notícia têm sido adotadas nas redações.

Levando em conta que “são os objetivos que delimitam o foco do estudo” (BARROS; JUNQUEIRA, 2010, p. 43), e que são divididos em gerais e específicos, os objetivos dessa pesquisa foram definidos da seguinte forma: objetivo geral: avaliar como as principais técnicas de construção de notícia, denominadas lead e pirâmide invertida, são trabalhadas em duas redações de jornalismo impresso de Bauru, no interior de São Paulo, e os objetivos específicos: demonstrar como as

técnicas de lead e pirâmide invertida têm sido adaptadas no cotidiano do fazer jornalístico, indicando possíveis mudanças nesse uso; possibilitar aos profissionais do Jornalismo uma reflexão sobre a práxis; contribuir para a reflexão sobre o ensino das técnicas de lead e pirâmide invertida nos cursos de Jornalismo.

Para efetivação da presente pesquisa, que conta com método dedutivo, foram realizados os procedimentos para a pesquisa bibliográfica, conforme Marconi e Lakatos (2010) listam, iniciando pela identificação do assunto em fontes e a localização dessas fontes. Após o levantamento bibliográfico houve compilação e fichamento dos dados. Com todo o material em mãos, torna-se possível analisar e interpretar o material para que se realize a redação adequada da pesquisa bibliográfica, que:

[...] num sentido amplo, é o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção de bibliografia pertinente ao assunto, até a apresentação de um texto sistematizado, onde é apresentada toda a literatura que o aluno examinou, de forma a evidenciar o entendimento do pensamento dos autores, acrescido de suas próprias ideias e opiniões (STUMPF, 2010, p. 51).

A pesquisa bibliográfica, cujo resultado compõe os capítulos 2, 3 e 4, foi sucedida da realização de pesquisa de campo, dentro do modelo de entrevista em profundidade aplicada a corpus formado por jornalistas das redações dos dois jornais impressos diários bauruenses, Jornal da Cidade e Bom Dia Bauru, com grupos de faixas etárias diferentes. Tal conteúdo será explicitado no capítulo a seguir.

A opção por entrevistar gerações diferentes de jornalistas deve-se à hipótese que o uso dessas técnicas jornalísticas muda entre diferentes gerações de jornalistas, uma vez que suas atividades também passam pela aplicação da técnica a partir de um ponto de vista corporativo, mas ainda pessoal, sustentado em repertórios individuais. Isto porque, se “o jornalismo tem uma maneira própria de perceber e produzir seus fatos”, conforme Genro Filho (1987, p. 186), se sustenta em uma apuração de fatos constituídos de uma matéria objetiva, ou seja, que existe independente do sujeito, e de uma margem de escolha subjetiva. Como nos observa o autor, isto se dá por que:

O conceito do fato, porém, implica a percepção social dessa objetividade, ou seja, na significação dessa objetividades pelos sujeitos (...). No caso da realidade histórico-social há outra questão: os sujeitos humanos, com sua margem de arbítrio sobre o curso dos fenômenos, participam conscientemente na indeterminação objetiva do universo, à medida mesmo que podem determiná-lo subjetivamente [...]. Se o conhecimento das ciências naturais tende a expressar a objetividade, embora jamais consiga ser exaustivo, o conhecimento da sociedade converge para o momento de mútua criação entre a objetividade e a subjetividade, tendo a práxis como seu verdadeiro critério. Pelo conhecimento da práxis, a objetividade pode ser revelada em seu movimento, como tendências e possibilidades concretas (GENRO FILHO, 1987, p. 186-187).

Nesse sentido, compreender como os jornalistas de diferentes gerações e pertencentes a veículos de linhas editoriais diferentes utilizam o lead e a pirâmide invertida permite entender como esses profissionais produzem a objetividade do mundo na mesma medida em que são afetados por esse objeto, uma vez que, segundo Genro Filho (1987, p. 188), “o homem não só escolhe o seu destino ao atuar objetivamente sobre o mundo, mas também transforma o mundo à medida que escolhe seu destino, pois ele mesmo – corpo e espírito – é parcela desse mundo”.

Para tanto, entende-se, a partir da visão de Duarte (2006), que a entrevista em profundidade permite avaliar como os jornalistas utilizam as técnicas do lead e da pirâmide invertida dentro de um contexto real. Assim, “é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer” (DUARTE, 2010, p. 62).

Dentro do modelo de entrevista em profundidade, o autor classifica três tipos de entrevistas: aberta, semi-aberta e fechada. Para o presente trabalho, foi utilizado o modelo de entrevista semi-aberta, que possui um roteiro de questões-guia e, apesar desse roteiro servir de controle, é formado por questões não-estruturadas. Segundo o teórico, a entrevista se inicia com uma questão mais ampla e, diante das respostas do entrevistado com a relação de perguntas que tem em mãos, o entrevistador conduz a entrevista do modo mais conveniente.

Por ser uma pesquisa qualitativa, explora um assunto em busca de informações, percepções e experiências de informantes para análise (DUARTE, 2010). Dessa forma, o autor também afirma que esse tipo de entrevista também não exige que se tenham muitas fontes, mas elas devem ser qualificadas e

diversificadas, seja em relação ao cargo que ocupa, idade ou qualquer fator. Daí a opção pela seleção de seis jornalistas com diferenças na idade e tempo de profissão, além de indicados pelos editores-chefe como mais qualificados para responder às perguntas. O recorte, então, se refere ao exercício jornalístico praticado na cidade de Bauru com 344.039 habitantes, sendo considerada a 17ª cidade mais populosa do Estado de São Paulo, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (IBGE, 2011). O município conta, atualmente, com dois veículos impressos diários, emissoras e retransmissoras da TV Globo, Record, SBT, TV Unesp, Bandeirantes, além de canais locais distribuídos a cabo. Há, também, a Editora Alto Astral, sediada em Bauru e responsável por mais de trinta revistas de circulação nacional. São nove emissoras de rádio, sendo seis FM – Rádio UNESP e Veritas FM (educativas), 94 FM, Rádio Cidade (96 FM), Tupi FM e Universal – e três AM – Auri-Verde, Bandeirantes e Rádio 710 AM e, ainda, o Canal Mais FM, uma emissora comunitária.

Além de assessorias de comunicação, serviços de análise em mídias sociais e pequenos jornais atuantes na região complementam essa base de comunicação, que, somada à existência de três cursos de graduação em jornalismo (Universidade do Sagrado Coração, Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” e Universidade Paulista), acabam por tornar o município de Bauru polo de atração de jornalistas de várias partes do estado de São Paulo e do país.

O processo para realização das entrevistas seguiu o proposto por Marconi e Lakatos (2010), com um contato inicial e visita às duas redações para o pedido de autorização e observação do ambiente. Seguindo com a formulação das perguntas, a elaboração do instrumento de pesquisa teve como base considerações de autores estudados na pesquisa bibliográfica, perguntas acerca do cotidiano redacional e sua interferência no uso dessas técnicas, bem como do uso de outras técnicas de composição e narração da notícia, além das percepções dos profissionais sobre essa práxis.

A primeira entrevista foi realizada no dia 10 de abril de 2013, às 15 horas e 30 minutos no Jornal da Cidade, a segunda e a terceira entrevistas foram feitas no dia 16 de abril de 2013, às 15 horas, também no Jornal da Cidade. A quarta entrevista foi realizada no dia 1 de maio de 2013, às 16 horas, no Bom Dia Bauru. E a quinta e sexta entrevistas foram feitas no dia 2 de maio de 2013, às 15 horas, também no

Bom Dia Bauru. As respostas foram registradas em áudio e decupadas posteriormente.

Para a realização das entrevistas em profundidade, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Sagrado Coração, contendo todos os documentos solicitados através do Manual do Comitê de Ética em Pesquisa, inclusive a declaração de concordância do chefe de departamento onde será realizada a pesquisa, o termo de consentimento livre e esclarecido entregues aos editores-chefe de ambos os jornais, uma folha de rosto para pesquisa envolvendo seres humanos, entre outros. Com todos os documentos entregues dentro do prazo, que constava do dia 20 de novembro de 2012, o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da USC.

Depois de efetivada a pesquisa de campo e com os resultados obtidos, houve um tratamento dos dados, com análise e interpretação quanto à realidade das técnicas de construção jornalística na prática do jornalismo impresso diário. Segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 151-152) a análise “é a tentativa de evidenciar as relações existentes entre o fenômeno estudado e outros fatores”, como fase posterior, a interpretação “é a atividade intelectual que procura dar um significado mais amplo às respostas, vinculando-as a outros conhecimentos”.

Para uma análise mais eficaz, Duarte (2010) propõe que seja realizada uma divisão por categorias de cada unidade de análise completa.

Em cada categoria, o pesquisador aborda determinado conjunto de respostas dos entrevistados, descrevendo, analisando, referindo à teoria, criando frases colhidas durante as entrevistas e a tornando um conjunto ao mesmo tempo autônomo e articulado (DUARTE, 2010, p. 79).

No caso das entrevistas semi-abertas, as categorias se originam no marco teórico e se consolidam no roteiro das perguntas, mas não é uma regra fixa, duas perguntas podem englobar uma mesma categoria ou separar uma mesma resposta em duas categorias, por exemplo, conforme é realizado no presente trabalho.

Os dois jornais em que foram realizadas as entrevistas também se distinguem em alguns aspectos, sendo então jornalistas submetidos a diferentes linhas editoriais e cotidianos distintos. O Jornal da Cidade é mais tradicional em Bauru, conta com 46 anos de existência, o jornal inteiro possui cerca de 250 profissionais e a redação tem 47 profissionais, entre repórteres, editores, diagramadores e fotógrafos. E o Bom Dia

Bauru, faz parte da Rede Bom Dia que, recentemente, uniu-se ao Diário de S. Paulo, o jornal em Bauru possui 8 anos de existência e conta com 13 profissionais ao todo e 6 na redação.

6 ANÁLISES DAS ENTREVISTAS

Para análise das entrevistas realizadas com jornalistas de dois jornais impressos diários de Bauru, Jornal da Cidade e Bom Dia Bauru, os temas foram divididos de acordo com os aspectos mais pertinentes à pesquisa.

Foram escolhidos três jornalistas de faixas etárias e tempo de profissão distintos de cada jornal. Os entrevistados serão identificados, em primeira instância, com a palavra “Entrevistado” seguido de um número que vai do um ao seis e, posteriormente, somente serão identificados pela letra “E” e o número correspondente. As entrevistas na íntegra encontram-se no apêndice desse trabalho.

6.1 LEAD: O USO ATUAL

Para essa categoria, foram utilizadas as respostas sobre o uso do lead individual e, por parte dos jornalistas entrevistados, há uma tendência de reconhecimento da eficiência e importância da técnica, ao mesmo passo em que há também uma ponderação em relação às mudanças necessárias atualmente. O Entrevistado 1 relata que “ainda somos filhos do lead, embora saibamos as mudanças todas por que passa o jornalismo, em função das novidades tecnológicas” e acrescenta que o texto jornalístico se adapta a essas mudanças. No mesmo sentido, o Entrevistado 2 afirma que “é preciso reconhecer que ele foi eficiente mas, hoje, no caso específico do jornalismo impresso, há uma necessidade de discussão sobre esse tema”.

Sob esse aspecto, o lead foi eficaz na década de 50 após um jornalismo predominantemente opinativo e com linguagem rebuscada, a partir disso, houve a necessidade da busca pela objetividade e uso de técnicas redacionais. É importante frisar que essas reformas foram propiciadas pelo contexto que vinha pouco antes da década de 50, como as reformas advindas da Semana de Arte Moderna de 1922, e pelo próprio decênio de 50, conforme afirmam Lage, Sodré e Gonçalves.

Os outros entrevistados relatam utilizar o lead de formas próprias, sendo citado até mesmo o uso da técnica juntamente com o nariz-de-cera, caso do Entrevistado 3, ou um uso mais espaçado, sem restrições quanto a agrupar as informações somente no primeiro parágrafo, caso da Entrevistada 4 e Entrevistado

6, que revela até utilizar o lead somente no segundo parágrafo, destinando o primeiro para algum dado curioso, o que consolida a afirmação de Genro Filho em relação ao uso do lead em outros parágrafos do texto, já que este é tido como a singularidade do fato e, ainda reafirmando os pensamentos do autor, a Entrevistada 5 acentua a importância da contextualização e de não transformar a técnica em uma regra rígida.

6.2 ADAPTAÇÕES DO LEAD

Como já explicitado, por se tratar de entrevistas semi-abertas, as categorias não correspondem a uma pergunta, necessariamente. Assim, nessa categoria contempla o conteúdo das perguntas acerca do uso do lead de acordo com os tipos de matérias, de usos pessoais da técnica desde o início do exercício da profissão e atualmente.

Diante da mudança apresentada em relação ao uso atual do lead, verifica-se como se apresentam as notícias atualmente em relação à técnica por parte dos jornalistas entrevistados.

Há um acréscimo de mais duas perguntas ao lead, relatado pelo E1, as quais são: “e daí?” e “e eu com isso?”, questionamentos do leitor que o jornalista deve ter a perspicácia de imaginar e incluir tais respostas ao texto, sendo uma questão de orientar o leitor para a informação que é oferecida, nesse âmbito, entra a existência do jornalismo informativo e o jornalismo utilitário, dois gêneros em que Melo reconhece recentemente.

O relato dessa soma de novas perguntas também corrobora a defesa de Corrêa de que o lead já possua outras três questões: “a quem?”, “para quê?” e “com que desdobramentos”? Esses novos elementos do lead caminham para uma notícia mais interpretativa e transforma o sujeito de passivo para ativo, um agente do fato jornalístico, tal como coloca Genro Filho, o jornalista como sujeito sócio histórico. Essa afirmação do autor também pode ser amparada em relato do E2 acerca das adaptações do lead: “Eu acho que existe um lead clássico que está mantido ainda, continua tendo seu papel importante, mas também existe o lead do jornalismo mais literário e, no meio do caminho, é possível ter um lead em matérias que são mais noticiosas, mais quentes e factuais sem que necessariamente você tenha que abrir toda vez com a mesma estrutura, claro que essa estrutura continua existindo, mas

“você pode eventualmente quebrá-la ali, dependendo do talento do redator”, novamente, o jornalista como sujeito sócio histórico.

A preocupação com o diferencial da abertura da matéria também se origina da posição perante o concorrente, conforme E2 e E3 relataram, é preciso tentar dar um tratamento diferente ao que o concorrente possivelmente dará. A E4 afirma que o lead continua a nortear o texto inteiro, mas que sua estrutura se modifica do propósito inicial, o de compactá-lo. Nesse sentido, a afirmação de Erbolato acerca da valorização de elementos do lead é validada, já que a proposta original de compactação foi modificada pelo jornalista.

Conforme a E5, as adaptações podem mudar conforme a editoria, que pode pedir por mais desdobramentos, e o tamanho disponível para escrever a matéria, fator também citado pelo E6; ele aponta que quando o espaço é menor, precisa condensar um pouco mais o texto, sendo mais próximo ao jornalismo puramente informativo e, no caso de uma matéria mais complexa com mais espaço, há maior liberdade editorial, até mesmo para escrever curiosidades e no formato escolhido.

Dessa forma, há uma diferença quanto ao tratamento da informação e uso do lead conforme editoria, tema e espaço disponível, o que determina também os gêneros jornalísticos.

6.3 LEAD: UMA AMARRA?

Levando em consideração os pensamentos de Pena de que o lead pode ser uma amarra para o talento do jornalista, torna-se pertinente averiguar como os jornalistas do cotidiano redacional diário se avaliam perante a técnica, já que Genro Filho coloca que quem define isso é o próprio jornalista. Assim, as respostas correspondem aos questionamentos sobre os pensamentos de Pena e Genro Filho acerca do lead em paralelo com a realidade redacional.

Para o E1, o lead não precisa ser uma amarra, ele é um organizador ou parâmetro para o jornalista e não há a obrigatoriedade de usá-lo de forma burocrática e fria. O E2 coloca até que é possível utilizar de diversos tipos de lead, assim como diversos autores classificam, e acrescenta: “O lead, ele está aí pra ser respeitado, agora ele pode ser, no bom sentido, subvertido muito desse talento, da habilidade do redator e também de entender em que contexto ele está, se você está escrevendo uma matéria, em que contexto? É uma matéria especial, é uma nota, é

preciso entender esse contexto pra saber que lead vai ser mais eficiente.” Assim, declara que o jornalismo percorre ainda mais para o caminho da subjetividade, ambos os relatos reafirmam o que Genro Filho coloca sobre o redator e a potência da subjetividade jornalística para o texto.

A E4 declara que quando é preciso escrever notas policiais, situação quando está de plantão na redação, fica mais restrita ao lead e se torna um texto chato. Essa questão da escrita sob ritmo rápido também é declarada pelo E3, que afirma que o lead pode ser uma amarra nessas situações, já que em momentos de pressa, a técnica é a melhor saída por não demandar muito esforço, essa declaração entra em acordo com a Teoria Interacionista em que Traquina retoma os estudos de Tuchman que considera a influência desse rápido ritmo da atividade jornalística na forma de construção da notícia.

Ao mesmo passo, o E3 pondera que o jornal começa a precisar se aprofundar mais no fato, assim, o ritmo mais rápido assola mais a internet. Nesse mesmo sentido, o E6 afirma que se ficar preso ao padrão, produz um texto chato e o leitor do impresso já quer esse diferencial: “ele quer mais, ele quer ir além do fato, ele quer informação, mas ele também quer ir além, quer interpretação, emoção, quer saber o que vai acontecer, então vai além das seis perguntas”. Essas constatações vão ao encontro dos pensamentos de Erbolato sobre a nova “função” do meio impresso, que teve início desde a Primeira Guerra Mundial. Quanto ao tratamento da notícia, a E5 afirma que é preciso saber dosar e ter bom senso em relação ao veículo e público para qual está escrevendo, assim como coloca Amaral, para quem o lead pode tornar o texto monótono e a solução é obter uma dose equilibrada da técnica com percepções do jornalista.

6.4 A PIRÂMIDE ESTÁ MESMO INVERTIDA?

A definição comum da técnica pirâmide invertida é de que os fatos são ordenados dos mais importantes para os menos importantes, mas Genro Filho afirma que, na realidade, parte do singular, ou seja, o fato em si e sua especificidade, para o particular, contexto do fato e depois para a universalização, portanto, a pirâmide está assentada com sua base natural. Acerca de perguntas sobre o uso da técnica nas redações e sobre essa afirmativa do autor, as respostas não são unânimes, mas possuem uma ligação entre si.

O E1 afirma que é impossível obter um julgamento real do que seria mais importante e acrescenta: “O que a gente faz é colocar o que é mais objetivo do fato, responder às perguntas do lead, o fato isoladamente em si, pra depois enxergar, por exemplo, se um acidente está dentro de uma estatística”. Dessa forma, o pensamento do autor se comprovaria, já que tal afirmação demonstra a partida do singular para o particular e, posteriormente, o E1 ainda coloca que nessa mesma matéria sobre um acidente, seria discutido o problema em outras escalas geográficas, portanto, a universalização.

Também em conformidade com os pensamentos do autor, o E2 declara: “parece bem próximo da realidade esse tipo de enfoque, da questão da singularidade, acho que é possível, o que prova é que, por exemplo, o lead e a pirâmide invertida não são coisas estáticas, já foram talvez, quando surgiram, os Estados Unidos difundiu muito isso, que é isso e pronto, acabou. E você vê, você me trouxe outro enfoque e eu dei outros enfoques de que é possível você desconstruir o lead ou a pirâmide invertida sem deixar de ser o que são, quer dizer, de você mexer em elementos deles, sem que deixe de se comunicar adequadamente”. O que demonstra que houve modificações das técnicas conforme o contexto e de que é possível reconstruí-las, assim como também aponta os pensamentos de Hohenberg para quem a pirâmide invertida é uma herança ultrapassada dos tempos em que o jornal vivia da notícia em primeira mão.

Sobre essa reconstrução a E4 afirma até que o jornalista constrói sua própria pirâmide, já que escolhe quais elementos vai priorizar e coloca que “o singular pra mim, pode não ser pra você”, o que entra novamente na questão da subjetividade jornalística. Essa questão, segundo a E5, já se tornou automática, no momento de escrever o texto, não para pra pensar em como vai ordenar as informações, mas pondera que “tem que tentar aprofundar e contextualizar o máximo possível”, o que pode responder a questão de que as técnicas já são inerentes ao jornalista e se permitem novas construções.

Contrário ao que afirma Genro Filho, o E3 declara que a pirâmide invertida nasceu com o propósito de se relatar as informações mais importantes no início e acredita que isso se mantém. No caso do jornalismo diário, ele afirma que dificilmente faz o todo, não parte para o temático e a universalização. Mesmo assim, pondera que o impresso precisa ganhar uma diferença com o surgimento da internet.

Mesmo com faixa etária e tempo de profissão próximos ao E3, o E6 tem pensamento contrário ao primeiro e compatível ao de Genro Filho, afirmando que mesmo tendo estudado isso no período acadêmico, acredita que a pirâmide não é válida naquele formato estudado já que, para o jornalista, todas as informações do texto são importantes e a posição que as colocam tem algum objetivo, portanto, acreditar na premissa de que é possível “cortar” o último parágrafo sem prejuízo da informação, é algo ultrapassado: “Se você cortar pelo pé, vai cortar informação, então não tem como. É algo da década de 50, hoje em dia, isso não tem mais condição. O jornalismo evoluiu de um modo que não tem como cortar sem ler, acho que se profissionalizou tanto que até o fluxo de informação se profissionalizou, então eu acredito que já a preparação do repórter que vai saber o espaço que ele tem pra escrever”, novamente, transparece a figura do jornalista enquanto agente sócio histórico.

6.5 QUANDO SERÁ A VEZ DO JORNALISMO LITERÁRIO?

Se as técnicas redacionais ganham novas estruturas e reformulações, é preciso averiguar se o jornal pode abranger outros tipos de narrativas já existentes no jornalismo, ou até mesmo uma mescla entre os dois tipos de fazer jornalístico. As respostas dos entrevistados acerca de perguntas sobre a possibilidade do jornalismo literário em um jornal diário, pensamento acerca de marcas estilísticas e a mescla das técnicas redacionais, indicam que é possível haver jornalismo literário, ou elementos deste, no jornal impresso e que a dosagem é uma boa alternativa para o texto jornalístico ganhar um caráter diferente, mas com ponderações sobre o tempo, tamanho e habilidade do redator, fatores também mencionados por Amaral.

O E1 admite a possibilidade de haver elementos do jornalismo literário no jornal impresso diário e percebe um aspecto positivo na mescla entre ambos: “O jornalismo literário torna a leitura mais agradável, muito mais convidativa e eu acho que nós temos que saber mesclar, no mínimo saber mesclar o jornalismo literário com o jornalismo clássico do lead e da pirâmide invertida”. E acrescenta que nesse aspecto é que o jornalista exercita o seu lado reflexivo, criativo e perspicaz, pois precisa saber utilizar na dosagem e momentos certos, o que demonstra ser possível as afirmações de Bahia sobre a necessária fuga da rigidez das regras por parte do jornalista.

A E4 e a E5 afirmam que é preciso dosar e há espaço para isso no jornal diário, mas depende também do jornalista, que precisa ter um bom repertório, ler bastante e ter o dom para uma boa produção desse tipo de texto; sobre o tempo de experiência, a E5 considera que não é fator decisivo, já que demanda mais dos hábitos do jornalista, e alguns que não o possuem tentam esse tipo de texto e esquecem do fator primordial do jornalismo: informar. A E4 afirma ter um formato de texto diferente, atribui a isso uma marca textual pessoal, mas coloca que esse caminho exige até mais do jornalista, constatação também feita por Genro Filho.

Exatamente por exigir mais e demandar mais tempo, é que o E3 considera que mesmo obtendo espaço para o jornalismo literário no diário, torna-se mais difícil por conta do tempo, o que novamente leva aos estudos da Teoria Interacionista, mas que, em momentos possíveis, o jornalista precisa atrair o leitor para o texto com elementos diferentes e relata que ele sempre tenta fazer isso, mesmo que não seja todos os dias. Nessa questão, também coloca a existência de uma marca textual e o fato de que os leitores estão atentos a isso, pois o reconhecem pela sua escrita, um aspecto positivo para a venda da notícia. Mesmo que haja um padrão de unificação no jornal como um todo, é importante que os jornalistas tenham sua marca estilística.

O E6 também observa essa questão sobre seus próprios textos, colocando que as matérias de maior repercussão foram aquelas em que ele tentou fugir do padrão. Esse aspecto colocado por ambos e também pela E4 sinaliza o que já ocorria no jornalismo de outrora, a exemplo de David Nasser, tido como um dos melhores jornalistas da época por possuir sua marca estilística. O E6 também coloca que o jornalismo literário no formato de Gay Talese não teria espaço no diário, mas que uma linguagem próxima a isso, mais descritiva e diferente ou até emocionante, por exemplo, é possível. Os pensamentos do E6 entra em acordo com outros entrevistados de que é necessário um equilíbrio entre os dois estilos, não utilizar somente do jornalismo literário, tampouco utilizar somente o padrão lead da década de 50. E em conformidade com isso, Pena afirma que mesmo o jornalista literário, não esquece totalmente das técnicas redacionais, mas tem a missão de contextualizar a informação de forma mais abrangente e trata-la de maneira diferenciada.

Nesse sentido, o E2 coloca que pensar sobre isso é importante porque é necessário pensar sobre o amanhã e, nesse caso, é uma discussão sobre o futuro,

já que o papel do jornalista, em meio a essas mudanças do fluxo de informação, deverá ser rediscutido também. Coloca também que o jornalismo literário ainda está segregado a algumas revistas, como a Piauí e Caros Amigos, mas que alguns jornais possuem um espaço maior para uma discussão mais ampla, como o Estadão.

Ele também pondera que essa questão também deverá ser repensada, mas com um jornalismo literário que também atenda às exigências do leitor atual, com linguagem diferente mas não rebuscada, já que o jornalismo precisa repercutir e aquele que não atender a isso, tem um “caminho tortuoso pela frente”. Essa comparação é compatível com a realidade do jornalismo literário em outrora, a de uma maior presença em revistas, porém, há jornais que fizeram bom uso desse estilo, como o Jornal da Tarde, como traz Costa, também o Diário da Noite com reportagens de Joel Silveira, como lembra Pena, entre outros, e, atualmente, alguns continuam, a exemplo do Zero Hora e Gazeta do Sul, que atendem às características citadas pelo E6 acerca do jornalismo mais literário.

6.6 REFORMULAÇÃO DO JORNAL IMPRESSO: ANOS 50 E ATUALMENTE

As respostas utilizadas foram correspondentes às perguntas das mudanças do jornalismo impresso, os contextos dos anos 50 e atual e as reformulações do jornalismo e suas técnicas. Ao discutir todas as temáticas abordadas nas entrevistas e até mesmo em pesquisa bibliográfica, o fator da reformulação por que passa o jornalismo impresso atualmente ficou evidente. Diante disso, também há comparações com o contexto da implantação das técnicas, na década de 50, com o contexto atual.

O E3 afirma que o contexto influencia no texto jornalístico e, atualmente, a presença da internet é um motivador para as modificações no texto do jornal impresso. Para a internet caberá o texto mais factual, já que o leitor raramente lerá uma reportagem maior, como ele exemplifica, é desconfortável um texto “gigante” na tela do computador e, nesse sentido, o impresso passaria a ter uma função de se aprofundar mais nas notícias e até a “brincar” mais com o lead.

Com pensamentos semelhantes, o E6 afirma que o mecanismo de sobrevivência do jornal impresso é esse “algo mais” que, além da união das informações do lead e elementos do jornalismo literário, engloba também o uso de

personagens nas matérias, já que o meio que consegue fazer isso da melhor forma é o impresso, característica também citada por Genro Filho como capaz de estabelecer uma vivência subjetiva e emocional com o leitor. O E6 ainda reforça a necessidade de sempre buscar fazer algo de diferente, mesmo que seja em 1500 caracteres e acredita que o jornal não terá fim, somente passará por transformações que já começaram a ocorrer.

A E5 também acredita que o jornal impresso não vai acabar e afirma que ele precisa se redescobrir em diversos fatores, “desde a reconfiguração do hábito do leitor da notícia, da reconfiguração do jornalista, da reconfiguração da empresa, da reconfiguração dos diretores das empresas, dos jornais”. No momento, o jornal está na zona do caos e, a partir disso, se transformará em algo que a E5 aposta ser pós-noticioso, o que não significa eliminar o lead, mas trazer as consequências do fato, interpretá-lo e analisa-lo com uma abordagem diferente.

A E4 acredita que essa mudança abrange a comunicação como um todo, todos os meios terão de pensar como abordarão as notícias, quais as linguagens a ser utilizadas e por qual caminho a comunicação vai percorrer, mas aponta que para o jornal impresso será preciso esmiuçar mais a história e lançar um olhar diferente para a matéria.

Também relatando as transformações que passa o jornal impresso, o E2 afirma que, além de ter que se aprofundar mais e pensar em leads diferentes, o jornalista também terá de que se preocupar com outros recursos além do texto em si, como infográficos, box e dividir o texto em intertítulos, missões que estão passando do editor para o repórter. Tal relato se une ao da E4 sobre as reconfigurações gerais que serão necessárias no jornalismo.

O E1 coloca que é preciso romper com paradigmas antigos, se o mundo evolui, o jornalismo e o jornalista devem evoluir juntos. Para ele, o padrão do lead e pirâmide invertida foram eficientes, mas a partir das décadas de 80 e 90 já iniciou um processo de mudança no jornalismo, então, é preciso buscar novas respostas e para o jornal impresso, especificamente, está evidente que “não basta mais trazer apenas o fato como ele é, nu e cru, isso os veículos instantâneos, como a internet, o próprio rádio e a televisão já fazem”, é preciso se aprofundar mais na interpretação dos fatos, realizar matérias mais analíticas sem cair na expressão da opinião.

Essa unanimidade de pensamento entre os entrevistados pode ser ainda mais corroborada através de Erbolato e Dines que apontam as modificações do texto

jornalístico impresso perante o contexto histórico e a tendência de aprofundamento dos fatos e tratamento diferenciado na narrativa da notícia, sendo esse um fator positivo que esse meio possui frente aos outros meios de comunicação, conforme afirma Erbolato. Como início desse processo, o E1 cita que já são selecionadas as matérias que terão esse aprofundamento maior no jornal e, assim, a tendência é que o jornalismo ganhe ainda mais importância em meio a um caos informativo que vivenciamos.

Dessa forma, o E1 coloca que a crise que o jornalismo passa é uma questão de readaptação que também interfere no aspecto econômico: “Então, eu acho que a atividade jornalística não vive uma crise existencial hoje [...] a crise que vivemos hoje é uma crise financeira, as empresas não têm como transferir um modelo de negócio que é muito rentável da forma tradicional para um mundo digital, então isso é que está impactando negativamente na atividade e não a mudança de canal em si, de você deixar de escrever só para o papel e escrever também com bytes e bits, existe sim essas mudanças, mas a crise está mais na questão econômica”.

Como afirmou Sodré, em relação a segunda metade do século XX, o momento de crise em que a imprensa passou impulsionou mudanças econômicas e políticas, assim, foi um momento de transição, fator que influenciou a adesão das técnicas redacionais aqui estudadas, o E1 também coloca que o jornalismo vivencia outra crise e que esta provoca mudanças, portanto, os contextos são semelhantes mas impulsionam mudanças contrárias.

Diante de tais afirmações, é possível considerar que o jornalismo está revivendo a mesma crise dos anos 50, mas com consequências distintas, já que além dos fatores citados, como a influência das agências de notícias estrangeiras e repórteres correspondentes, houve situações semelhantes acerca do contexto sócio histórico: o jornal impresso foi predominante por muito tempo; com a Era de Ouro do rádio já inicia um processo de mudança na comunicação e, posteriormente, com o surgimento da televisão, o jornal passou por transições; tal qual ocorre hoje com o surgimento da internet e até das mídias sociais. Além disso, o processo de industrialização iniciado pelo Presidente Getúlio Vargas e continuado com o Presidente Juscelino Kubitschek traz um momento tecnológico que favorece a implantação das técnicas, o que pode ser comparado com a tecnologia desenfreada atual, que continua a ser fator apontado, tanto pelas pesquisas bibliográficas quanto

pelos entrevistados, para as mudanças que estão no início de um processo de mudança.

As transformações sociais e culturais da década de 50, consideradas como “divisor de águas” para a história brasileira, também influenciaram o fazer jornalístico, principalmente com a busca da objetividade. Essas mesmas transformações ocorrem hoje e uma das consequências é a mudança do fluxo da informação que está, em partes, no controle dos usuários, mesmo que não seja a informação organizada jornalisticamente como coloca o E1, dessa forma, a busca agora é pela autonomia e diferença da linguagem jornalística amparada pelo princípio da apuração citado pelo E2.

Enfim, assim como nos anos dourados e como afirma o E1 sobre o momento atual, “os jornais estão testando novas fórmulas, adaptações e evoluções na forma de apresentar a notícia no dia seguinte”, portanto, acrescenta que “é um momento de aprendizado ainda, então isso que nós estamos fazendo é o início de um processo novo que você está detectando com a sua pesquisa”.

Destarte, diante da pesquisa bibliográfica e das entrevistas, é possível constatar que o contexto histórico influencia no texto jornalístico e este caminha para uma dosagem entre as técnicas redacionais lead e pirâmide invertida com elementos do chamado jornalismo literário.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados obtidos a partir da pesquisa bibliográfica acerca das temáticas abordadas e das entrevistas em profundidade realizadas com jornalistas de dois jornais impressos diários de Bauru, é possível perceber que as técnicas de construção da notícia, denominadas lead e pirâmide invertida, embora já consolidadas no meio jornalístico, se alteraram conforme o contexto histórico-social.

Já iniciando com o pressuposto de que o jornalismo não é imutável e que possui diferenças quanto suas características de acordo com os diversos órgãos jornalísticos e os próprios jornalistas, se torna ainda mais pertinente avaliar as alterações que este toma em diversos períodos da história brasileira e como as técnicas redacionais surgiram e foram afetadas.

Embora tais técnicas tenham sido adotadas na década de 50 no Brasil, é perceptível, a partir das pesquisas bibliográficas, que desde a década de 20 despontavam as primeiras modificações na escrita jornalística, da aproximação da escrita com a fala, através do movimento modernista da Semana de Arte Moderna em 1922, e este foi o período em que o jornal tomava características evidentes de empresa, ou seja, a modernização através das tecnologias e a consequente rapidez na produção dos fatos, evoluíram, em mesmo grau, com o momento político e econômico brasileiro e refletiram nas adaptações do fazer jornalístico, principalmente na redação das notícias.

A adesão das técnicas redacionais no Brasil, talvez, tenha vindo somente nos anos 50, pelo fato de que, nesta época, surgiram fatores além das circunstâncias tecnológicas, como a existência de jornalistas correspondentes no exterior e a predominância das agências internacionais, bem como pelas transformações sociais, econômicas, políticas e culturais pelas quais o país passava. Estes fatores podem comprovar as teorias de alguns autores estudados de que a pressa e a tecnologia não são motivos exclusivos para a concretização do lead e da pirâmide invertida no jornalismo impresso e que tais técnicas podem ser alteradas conforme o contexto histórico e também pela “mão” – e criatividade - dos jornalistas. Este último ponto, aliás, pode ser apresentado como solução para as problemáticas lançadas por outros pesquisadores acerca do uso monótono, mecânico e aprisionado das técnicas jornalísticas.

Além disso, a proposta de acréscimo de mais três questões ao lead original, que transformam o sujeito da notícia de passivo para ativo, bem como as considerações de que o lead é a singularidade do fato, com possibilidade de estar em qualquer parágrafo do texto, e que a pirâmide invertida – que, na realidade, não está invertida – caminha do singular para o particular e depois para a universalização, colocando o jornalista como sujeito socio-histórico, reforçam ainda mais a ideia de que essas técnicas se modificam ao longo do tempo e, principalmente, por conta dos próprios jornalistas, já que esses profissionais precisariam se utilizar de plena objetividade para manter os mesmos padrões técnicos desde a implantação e essa é uma tarefa considerada impossível, ainda mais se levar em conta o jornalista enquanto sujeito socio-histórico, conforme o proposto.

As mudanças citadas pelos próprios entrevistados reforçam essa premissa, entre elas, as duas questões adicionais ao lead em um dos jornais, o tratamento diferenciado com linguagem mais próxima da literária e do maior aprofundamento dos fatos, bem como as adaptações necessárias de acordo com o cotidiano redacional, editoria e espaço disponível para a melhoria da apresentação da notícia.

Dessa forma, se com a potência da subjetividade o jornalista tem a possibilidade de conduzir o seu estilo próprio de escrita – mesmo que seja dentro dos diversos tipos de leads, – apresenta-se o caminho para qual as transformações da narrativa jornalística caminham.

Considerando que a imprensa mantinha laços estreitos com a literatura e os jornalistas de outrora eram os literatos, e que o lead e a pirâmide invertida passam por transformações e, ainda, a objetividade nunca é plena, é possível afirmar que as novas formas de construção da notícia se aproximam do jornalismo literário; ou até que, nesse estilo, o jornalista pode colocar sua percepção sobre o fato. Nesse sentido, considera-se o lead a singularidade do fato, de tal forma que o antagonismo colocado entre ambos pode não ser tão real na prática jornalística, o que é possível se comprovar com os relatos dos entrevistados acerca da necessidade de dosar as técnicas redacionais com uma linguagem mais literária.

Diante da pesquisa de campo, a hipótese de que o uso dessas técnicas jornalísticas muda entre diferentes gerações de jornalistas não pode ser confirmada, já que as respostas dos entrevistados não tiveram um padrão conforme a idade ou tempo de profissão, algumas percepções e usos podem ser distintos entre

jornalistas de mesma faixa etária, e semelhantes com profissionais de idades distintas, esse é um fator que depende mais do jornalista enquanto sujeito, bem como das suas habilidades e hábitos. Porém, esse critério de escolha visou compreender como os jornalistas de diferentes gerações e pertencentes a veículos de linhas editoriais distintas produzem a objetividade do mundo na medida em que são afetados por ele, já que Genro Filho coloca que o homem não só escolhe seu destino atuando objetivamente sobre o mundo, mas o transforma quando escolhe seu destino, por ser ele mesmo parcela desse mundo.

Em relação à hipótese de que o cotidiano redacional interfere na qualidade do uso dessas técnicas, é possível confirmá-la, pois, com as pesquisas bibliográficas, principalmente com a Teoria Interacionista, e a pesquisa de campo, fica evidente que o contexto histórico tanto do país quanto do jornalismo e, conseqüentemente, das redações e rotina jornalísticas foram fatores essenciais nas mudanças e adaptações das técnicas de construção da notícia. E, diante disso, a terceira hipótese de que, a partir da incorporação dessas técnicas, outras formas de narrar a notícia têm sido adotadas nas redações, também pode ser confirmada, já que as mudanças apontam para outras formas de narrar, assim como em outros momentos do jornalismo, bem como as respostas dos entrevistados indicam.

O surgimento de uma quarta hipótese sobre o jornalismo literário como alternativa ou como outra forma de narrar surgiu no decorrer das pesquisas acerca da ruptura do lead nos anos 60 e o espaço conquistado pelo jornalismo literário na época – sendo mais um fator que comprova as transformações das técnicas redacionais.

O levantamento bibliográfico nesse âmbito e as entrevistas em profundidade indicaram que, ao mesmo passo em que a tecnologia avança ainda mais, a demanda por rapidez na reprodução dos fatos torna-se maior e o contexto seja propício para um tratamento mais direto da notícia, também há a questão da sobrevivência do jornalismo impresso perante os outros meios de comunicação e, como coloca Noblat, o conteúdo é que faz vender o jornal, então, é fator que precisa ser reformulado em momentos de crise. Assim, a solução apontada, tanto por autores quanto pelos entrevistados, é apostar no diferencial do tratamento mais aprofundado dos fatos e redação mais interpretativa da notícia, o que indica o potencial da boa narrativa e que o caminho de que deverá seguir o texto jornalístico

será próximo ao jornalismo literário ou, ao menos, com maior profundidade de que demanda, originalmente, o lead.

Portanto, a questão norteadora da presente pesquisa que consiste em: o lead e a pirâmide invertida são técnicas tão intrínsecas ao fazer jornalístico que já permitem novas formas de construção da notícia? Pode ser respondida de forma afirmativa, pois, como explicitado, as pesquisas bibliográficas e de campo apontam que tais técnicas estão consolidadas na atividade jornalística de tal modo que mesmo que os jornalistas ainda as tenham como parâmetro, já utilizam outras formas de narrar e testam novos caminhos para as atuais necessidades do jornalismo.

Sustenta-se que este trabalho não pretende trazer uma conclusão definitiva, mas, entre outras constatações já citadas, consolida a ideia de teóricos como Genro Filho, aos quais afirmam que o texto está nas mãos do jornalista e que, portanto, ele não precisa ser um refém das técnicas, é um saber intrínseco ao jornalista. Esse fato também é confirmado nas explicitações das hipóteses e pelos jornalistas entrevistados, isto significa que o caminho da reformulação do texto jornalístico depende do profissional, o que está relacionado também a uma boa formação.

Destarte, este trabalho é uma contribuição para os jornalistas, no cotidiano do fazer jornalístico, e também para o ensino acadêmico, até mesmo apontando novos caminhos acerca das questões relativas à escrita jornalística.

REFERÊNCIAS

AMARAL, L. **Jornalismo**: matéria de primeira página. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

ARAÚJO, C. M. Amor à palavra. In: CASTRO, Gustavo; GALENO, Alex. (Orgs). **Jornalismo e literatura**: a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

BAHIA, J. **Jornal, história e técnica**. São Paulo: Ática, 1990.

_____. **Jornalismo, informação, comunicação**. São Paulo: Martins, 1971.

BARROS, A. T.; JUNQUEIRA, R. D. A elaboração do projeto de pesquisa. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2006.

BELTRÃO, L. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. 2. ed. São Paulo, Edusp, 1992.

_____. **Jornalismo Interpretativo**: filosofia e técnica. Porto Alegre: Sulina, 1976.

_____. QUIRINO, N. O. **Subsídios para uma teoria da comunicação de massa**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1986.

CARVALHO, L. M. **Cobras criadas**: David Nasser e O Cruzeiro. 2. ed. São Paulo: Editora SENAC, 2001.

CORRÊA, T. S. A era das revistas de consumo. In: DE LUCA, Tania R.; MARTINS, Ana L. (Orgs.) **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2011.

COSTA, C. **Pena de Aluguel**: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

COSTELLA, A. **Comunicação**: do grito ao satélite. 3. ed. São Paulo: Mantiqueira, 1984.

DE LUCA, T. R. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: DE LUCA, T. R.; MARTINS, A. L. (Orgs.) **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2011.

DEFLEUR, M. L.; BALL-ROCKEACH, S. **Teorias da comunicação de massa**. Tradução Octavio Alves Velho. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2006.

ERBOLATO, M. **Técnicas de codificação em jornalismo**: redação, captação e edição no jornal diário. 5. ed. São Paulo: Ática, 2008.

FRANÇA, V. V. O objeto da comunicação/ A comunicação como objeto. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (Orgs.) **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê, 1987.

GONÇALVES, M. A. **1922: a semana que não terminou**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

HOHLFELDT, A. As origens antigas: a comunicação e as civilizações. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (Orgs.) **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____; VALLES, R. R. **Conceito e história do Jornalismo brasileiro na “Revista de Comunicação”**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

KUNCZIK, M. **Conceitos de jornalismo: Norte e Sul: Manual de Comunicação**. Tradução por Rafael Varela Junior. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2002.

LAGE, N. **Ideologia e técnica da notícia**. 4. ed. rev. e atual. Florianópolis: Insular, 2012.

_____. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

LIMA, E. P. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

LAURENZA, A. M. A. Batalhas em letra de forma: Chatô, Wainer e Lacerda. In: DE LUCA, T. R.; MARTINS, A. L. (Orgs.) **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2011.

LETRIA, J. J.; GOULÃO, J. **Noções de jornalismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1986.

MARCONDES FILHO, C. **Comunicação e Jornalismo: A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

_____. **O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza**. São Paulo: Ática, 1989.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, Eva M. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINO, L. C. De qual comunicação estamos falando? In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (Orgs.) **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1971.

MELO, J. M. de. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

_____. **História do pensamento comunicacional**. São Paulo, Paulus, 2003a.

_____. **História social da imprensa: fatores socioculturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003b.

_____. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003c.

_____. **Para uma leitura crítica da comunicação**. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

MORAIS, F. **Chatô: o rei do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MOREL, M. Os primeiros passos da palavra impressa. In: DE LUCA, Tania R.; MARTINS, Ana L. (Orgs.) **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2011.

NOBLAT, R. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto, 2010.

PENA, F. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **Jornalismo literário: a melodia da informação**. São Paulo: Contexto, 2006.

PIZA, D. Jornalismo e Literatura: dois gêneros separados pela mesma língua. In: CASTRO, G.; GALENO, A. (Orgs.) **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

RESENDE, F. O jornalismo e a enunciação: perspectivas para um narrador-jornalista. In: BARBOSA, M.; BERGER, C.; LEMOS, A. (Orgs.) **Narrativas midiáticas contemporâneas**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

RIZZINI, C. **O jornalismo antes da tipografia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

SCLIAR, M. Jornalismo e literatura: a fértil convivência. In: CASTRO, G.; GALENO, A. (Orgs.) **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUSA, J. P. **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media**. 2. ed. revisada e ampliada. Porto, 2006. Disponível em: <<http://bocc.unisinos.br/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-teoria-pesquisa-comunicacao-media.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2013.

_____. **Elementos de jornalismo impresso**. Porto, 2001. Disponível em: <<http://chile.unisinos.br/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2013.

STRAUBHAAR, J.; LAROSE, R. **Comunicação, mídia e tecnologia**. Tradução José Antonio Lacerda Duarte. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

STUMPF, I. R. C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2006.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2008.

_____. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.

APÊNDICE A – ROTEIRO E ENTREVISTAS

Roteiro:

- 1) Você usa o lead?
- 2) Em quais matérias você mais utiliza: nas curtas e informativas ou nas aprofundadas e complexas?
- 3) E a pirâmide invertida, você hierarquiza as informações?
- 4) Desde quando iniciou no jornalismo usa as técnicas da mesma forma?
- 5) Um autor chamado Adelmo Genro Filho coloca que a pirâmide invertida não é do mais importante para o menos importante, mas do singular para o particular e depois para o universal. Você vê isso na prática?
- 6) Um autor chamado Felipe Pena fala que o lead pode ser uma amarra para o jornalista, já o Genro Filho diz que é o jornalista quem define isso e o lead é a singularidade do fato. Você concorda?
- 7) Há espaço para o jornalismo literário no jornal diário?
- 8) É possível mesclar as técnicas?
- 9) Você acredita que o contexto histórico influencia nas alterações do lead e pirâmide invertida?
- 10) O jornal impresso caminha para uma reformulação?

Entrevistado 1: João Jabbour

Diretor de redação do Jornal da Cidade de Bauru

52 anos

27 anos de profissão

- Você usa o lead?

Ainda usamos, ainda somos filhos do lead. Ainda somos filhos do lead, embora saibamos que as mudanças todas por que passa o jornalismo, em função das novidades tecnológicas, enfim, em função da crise que o meio vive, o jornalismo hoje vive a maior crise de sua história no nosso entendimento, e crise aí não é no sentido necessariamente negativo, uma crise é boa pra impulsionar as mudanças, mas é uma crise estrutural, não é uma crise pontual apenas de um ou outro aspecto da nossa atividade, é uma crise estrutural, ou seja, com principalmente a revolução digital de 15 anos pra cá, a internet, o www e tudo mais, os equipamentos, nós

tivemos que discutir vários aspectos da nossa atividade, que acabam, lá no final, chegando ao texto, que é a sua proposta de discussão, por que o texto? Porque o texto se adequa conforme a necessidade do momento, dos leitores, principalmente, no caso do jornal. Será que o leitor quer hoje um texto longo? Um texto curto no jornal? Quer um texto apenas informativo ou quer um texto analítico? Acho que esse é o ponto central, nevrálgico da discussão.

- E como é feito o uso do lead aqui? Tem diferenças quanto ao tipo de matéria, as mais curtas e informativas e as mais complexas e aprofundadas?

O lead tem que ser o clássico, apenas respondendo às seis perguntinhas? O que? Quando? Onde? Como? Por que? Quem? Nós aqui acrescentamos algo mais já a essas seis perguntas. Hoje nós vivemos um momento que face a instantaneidade da internet, nós entendemos que o jornal no dia seguinte deve trazer um algo mais, então aquelas seis perguntinhas tradicionais do lead: o que? Onde? Como? Quando? Quem? Como? E por que? Nós acrescentamos mais duas, que na verdade, foi até uma coisa bem interna isso, são o “e daí?” e o “e eu com isso?”, por que o “e daí?” e o “e eu com isso?”, essas perguntas, na verdade, não são os jornalistas que fazem, o jornalista tem que, mentalmente, imaginar o leitor fazendo essas perguntas quando se depara, pega o jornal e abre com a mão suja de tinta e “e daí? Por que eu preciso ler isso? E o que que eu tenho com isso, com essa notícia que você tá me apresentando?” Então, o nosso lead agora procura responder a essas duas indagações também que não são nossas, do jornalista, são do leitor, porque o leitor também evolui como todos nós evoluímos, somos seres humanos, a tecnologia permite uma circulação maior de informações, as pessoas são muito mais informadas, então, no jornal impresso, no dia seguinte, pra nós, não basta mais trazer apenas o fato como ele é, nu e cru, isso os veículos instantâneos, como a internet, o próprio rádio e a televisão já fazem, claro que nós ainda não conseguimos fazer isso com todas as notícias e talvez nem seja o caso, mas naquelas notícias que nós escolhemos diariamente pra serem as, vamos supor, eu vou te dar um número que é a média do JC, três matérias, pelo menos, de cada área maior do jornal, nós escolhemos pra trabalhar um pouco mais, pra dar um grau de profundidade e abrangência maior a elas, fazendo com que elas sejam um pouco analíticas ou bastante analíticas, tomando cuidados devidos pra não cair na expressão de opinião, na indução do leitor a acreditar nas nossas verdades, nós

temos todas essas cautelas. É um momento de aprendizado ainda, então isso que nós estamos fazendo é o início de um processo novo que você tá detectando com a sua pesquisa. A gente tá testando, vendo se é isso mesmo, o mundo inteiro, aliás, os jornalistas dos jornais estão todos testando novas fórmulas, novas adaptações, evoluções na forma de apresentar a notícia no dia seguinte, que corresponde às 24 horas anteriores, essa é a nossa diferença básica pra internet, a internet é um mundo sem fim, você começa uma notícia a rigor se você for acompanhar aquele fato, você tem que ficar na frente do computador e nunca mais sair da frente do computador, o jornal tem essa diferença, o jornal apresenta ao leitor um pacote que fecha com 24 horas anteriores, as 24 horas claramente definidas no jornal com começo, meio e fim, agora esse começo, meio e fim, não basta ser factual apenas, aquilo que as pessoas já sabem do dia anterior, tem que ter o algo mais, que é o “e daí?”, e o “e eu com isso?” é o que? É uma necessidade cada vez mais imperiosa de tentar dar instrumentos para as pessoas tomarem suas decisões, então poderia isso ser traduzido na questão do jornalismo de serviço, as pessoas cada vez mais querem informações pra que tomem as suas decisões desde a manhãzinha até as grandes decisões no final do dia ou no meio do dia, então nós entendemos que o jornal impresso precisa avançar o lead respondendo a essas duas questões.

- Então, o contexto histórico influencia diretamente na atividade jornalística, mais especificamente no texto jornalístico? Desde os anos 50 até agora, e isso se deve principalmente às novas tecnologias?

Sim, tem que romper com paradigmas antigos. Eu acho que sim, eu acho que o mundo evoluiu, por que o jornalismo não tem que evoluir? Por que o jornalista tem que seguir um modelo tradicional? Não tem que necessariamente seguir, não que seja ruim, foi bom até agora, até a década de 80, começo da década de 90, nós tínhamos alguns canais de informação que são os tradicionais, rádio, televisão e jornal, quem não ouvisse rádio, não visse televisão ou não lesse jornal, não se informava, hoje não, hoje as pessoas inclusive têm uma sensação de que controla a informação e de fato controlam a informação, não o jornalismo, não a informação organizada jornalisticamente, mas as pessoas, com essa sensação de que o mundo não é mais vertical de cima pra baixo, o mundo ficando horizontal com todos interagindo em termos de informação entre si, nós tivemos que encontrar novas respostas pra essa mudança de paradigma da comunicação que é uma das

principais ferramentas da vida, a comunicação entre os homens. E a partir do momento que a comunicação entre as pessoas se altera, a comunicação do órgão jornalístico também se altera, conseqüentemente, nós temos que nos adaptar, temos que responder a novas perguntas, aos novos desafios, aos novos questionamentos, eu acho que no caso do jornal, está muito claro isso, porque o jornal por ser um veículo do dia seguinte, ele precisa responder além daquilo que as pessoas já estão sabendo no próprio dia devido a essa instantaneidade toda da comunicação hoje, a essa horizontalidade toda, a essa troca frenética de informações entre as pessoas, aliás, o jornalismo ganha até mais importância nessa nova sociedade porque é preciso mais editores pra organizar para as pessoas esse caos informativo. Então, eu acho que a atividade jornalística não vive uma crise existencial hoje, embora não seja essa sua questão, a crise que vivemos hoje é uma crise financeira, as empresas não têm como transferir um modelo de negócio que é muito rentável da forma tradicional para um mundo digital, então isso é que está impactando negativamente na atividade e não a mudança de canal em si, de você deixar de escrever só para o papel e escrever também com bytes e bits, existe sim essas mudanças, mas a crise está mais na questão econômica, que não é sua questão, mas estou comentando a título ilustrativo.

- Tem um autor, o Felipe Pena, que coloca que o lead pode ser uma amarra para o jornalista, já o Adelmo Genro Filho acredita que quem define isso é o próprio jornalista, na prática, como acontece isso?

O lead pra nós aqui não é uma camisa de força e ninguém é obrigado a responder às seis questões do lead imediatamente, de forma que ele fique um parágrafo burocrático, frio e sem graça, não, nós temos matérias aí que têm leads que praticamente só instigam o leitor a buscar as outras informações no sublead e nos parágrafos seguintes, mas pra isso é preciso criatividade, um estilo, uma sacada muito boa, então nesse sentido pra nós o lead não tolhe a criatividade, deixa isso relativamente livre e aberto, mas o lead serve pra organizar, o lead é um ponto de partida, um parâmetro, nas matérias mais triviais, é bom que ele seja respeitado porque você não vai ficar fazendo um jornalismo literário em cima de um buraco de rua, embora até pudesse fazer, a imaginação dá asas, mas acho que aí é uma questão de bom senso. Mas a gente não engessa com o lead, os nossos profissionais, pelo menos, não são orientados pra em toda matéria ser obrigatório

responder as seis perguntinhas do lead ou mesmo escrever o local, qual horário, o nome das pessoas, o porquê, pode ficar uma ou outra fora, dependendo da circunstância, cada fato é um fato e requer um tipo de lead dentro dessa regra geral.

- Diante disso, o jornalismo literário teria espaço em um jornal diário?

Eu acho que elementos do jornalismo literário ou o próprio jornalismo literário, que eu confesso não sou especialista, mas eu acho que o jornalismo literário torna a leitura mais agradável, muito mais convidativa e eu acho que nós temos que saber mesclar, no mínimo mesclar o jornalismo literário com o jornalismo clássico do lead e da pirâmide invertida. Eu acho que alguns fatos pedem o jornalismo literário, praticamente imploram por ele e, as vezes, a gente não faz, mantém o padrão tradicional e perde grande oportunidade de trabalhar um assunto de forma muito mais, de forma muito mais instigante e, por outro lado, as vezes a gente quer fazer o jornalismo literário e acaba fazendo com o fato errado e não há um bom casamento aí, então aí é que entra o elemento humano né, que entra o lado criativo, o lado perspicaz, o lado reflexivo do jornalista e ainda bem que é assim, porque se o jornalismo fosse apenas uma forminha que você encaixa letrinhas e palavras, seria muito chato e não permitiria que a gente exercitasse aquilo que é o melhor da comunicação que é a literatura, o jornalismo é um subproduto da literatura, imagino. Então, nós temos que também beber da fonte do estilo e da elegância, isso é muito bom, as pessoas gostam disso, quem não gosta de uma obra de arte? Um bom texto, um texto escrito com leveza ou com objetividade mesclando com o detalhamento do jornalismo literário, com a contextualização atemporal, física, que faz o leitor penetrar no fato.

- Então, pode-se dizer que a objetividade do lead e o jornalismo literário não precisam ser antagônicos?

Eu acho possível trabalhar juntos. O jornal é algo muito amplo, no jornal você tem textos de vários tipos, você tem o texto opinativo, tem o texto analítico, tem o texto simplesmente informativo, o texto em forma de crônica, você tem o texto em forma de poesia, o jornal é algo muito vasto por isso não pode acabar. O jornal é uma coisa que comporta várias vertentes da palavra escrita, então também o jornalismo literário, claro que sim, por que não? Agora como regra geral, básica, tudo bem, vale ainda as regras clássicas, como eu disse lá no início, e elas são balizadoras,

principalmente pra quem ainda não detém a capacidade pra um texto literário, então ele tem que se apegar em algo, vai pela regra básica do lead com as seis perguntas, não precisa forçar a barra, e talvez nem seja o caso de fazer um jornal clássico como o nosso totalmente literário, talvez não atenda às expectativas do nosso leitor, então eu acho que mesclar é bom e a gente já teve retornos positivos em relação a isso, matérias que mesclaram foram muito bem comentadas, foram mais citadas pelos nossos leitores através de um feedback.

- Quanto a pirâmide invertida, o Adelmo Genro Filho coloca que não se parte realmente do fato mais importante para o menos importa, mas do singular, ou seja, o fato em si, para o particular, que seria o contexto e depois parte para a universalização, então ele diz que a pirâmide, na verdade, está assentada com sua base natural e não invertida, como você vê isso na prática redacional?

Então, acho que nessa questão começa por o que é a definição de mais importante? A contextualização geral do fato ou o fato em si? Ou os causadores do fato? O que é mais importante? De fato, não sei o que é mais importante. O que a gente faz é colocar o que é mais objetivo do fato, responder às perguntas do lead, o fato isoladamente em si, pra depois enxergar, por exemplo, se um acidente está dentro de uma estatística, hoje mesmo nós discutimos isso, teve mais uma morte por acidente de trânsito na cidade, então nós discutimos, vamos cobrir o fato, claro, uma pessoa estava internada faz uns dois ou três dias e, certamente, o jornalista vai fazer no lead o fato em si, que é a morte de uma vítima do trânsito e, em seguida, vai contextualizar, mas também é possível no lead você já dar um indicador pro leitor, “olha, eu estou tratando da morte dessa pessoa no trânsito, mas vou tratar também do fenômeno trânsito”, então, as vezes, no lead você começa falando “morreu ontem no hospital tal, a fulana de tal, que foi atropelada no dia tal, em tal lugar”, aí já no próprio lead, a gente tem usado muito isso, você já entra na questão mais ampla, tratasse da oitava ou da décima vítima deste ano no trânsito de Bauru que tem sérios gargalhos e problemas a serem resolvidos. Aí no sublead você volta no fato, “o enterro dela vai ser hoje, a família está revoltada e vai processar, o delegado disse que vai abrir o inquérito...”, aí em sub matérias, em box ou na própria matéria mesmo com intertítulo, você entra numa questão mais ampla que é discutir as estatísticas do trânsito e os problemas do trânsito de Bauru que originam as mortes, então acho que aí a gente acaba mesclando, no lead está tanto o fato

objetivamente falando, que é a morte da pessoa, quanto sinalização de que nós vamos discutir também o contexto, não só o contexto geográfico que é Bauru, mas o contexto do fenômeno em si, ou seja o trânsito e seus problemas que geram as mortes, então o lead contemplou as duas coisas, uma mais objetivamente e a outra indicando que a reportagem como um todo vai discutir a coisa mais ampla, inclusive contextualizando geograficamente, como é que São Paulo resolveu o problema, como Ribeirão Preto resolveu, enfim, assim acontece aqui na prática.

Entrevistado 2: João Pedro Feza

Editor Executivo do Jornal da Cidade

41 anos

20 anos de profissão

- Você usa o lead?

O tema “lead” é muito interessante, porque foi um sistema muito eficiente pra que você consiga captar a atenção do leitor num primeiro momento, pra que você consiga responder nesse primeiro momento as perguntas básicas que vão gerar o interesse pra que ele siga como leitor daquela matéria, então, é preciso reconhecer que ele foi eficiente, mas hoje, no caso específico do jornalismo impresso, há uma necessidade de discussão sobre esse tema porque assim, aquelas notícias que são realmente aquelas que a gente chama de factuais, enfim, que são aquele quente da redação, seja para o impresso ou para o site, o lead e a pirâmide invertida continuam sendo interessante pra que o jornalista possa se comunicar com o seu leitor, tanto para o impresso quanto para o site, são dois trilhos que caminham paralelamente. Então, aquela notícia que chega mais preliminar, que ainda será melhor apurada, realmente não dá pra você ter o inverso do lead e pirâmide invertida, o nariz-de-cera, porque não há mais tempo pra isso, hoje a comunicação está numa velocidade estonteante e é claro que os veículos têm que se adaptar a isso pra evitar perder um contingente de leitores que, obviamente, nenhum veículo de comunicação quer perder, isso também vale pro texto de rádio e o texto de televisão. Ocorre que a diferenciação que pode ser feita é que em outras circunstâncias, de outro tipo de reportagem, de matéria, é possível perverter um pouco a ordem da pirâmide invertida, por exemplo, e isso é possível quando você caminha um pouco para o lado do jornalismo um pouco mais literário e mais do que

isso, é possível você ter um lead que responda às perguntas clássicas sem que seja exatamente um lead óbvio, você pode ter um charme ali naquele texto, e hoje existe até mesmo essa exigência porque a concorrência de comunicação está em todos os meios, está todo mundo fazendo comunicação, hoje mesmo quem não é profissional de comunicação, quem não é estudante ou jornalista formado, quem não é radialista formado, todo mundo gerando comunicação o tempo todo pelas mídias sociais e, de certa maneira, a intermediação do profissional de comunicação se encurtou um pouco, porque é possível hoje alguém que não seja exatamente profissional do ramo, treinado tecnicamente pra isso, possa se comunicar sem intermediários, isso vem acontecendo nas redes sociais, mas também é claro que, quem está se comunicando nas redes sociais também não tem aquele estado de alerta que, obrigatoriamente, o jornalista tem que ter e em relação à apuração, que essa não mudou, o princípio da apuração continua o mesmo desde que o mundo é mundo, precisa ser muito bem apurado um fato pra que ele seja entregue ao leitor da maneira mais clara possível e com menos ruído. Enfim, seja como for, eu acho que existe um lead clássico que está mantido ainda, continua tendo seu papel importante, mas também existe o lead do jornalismo mais literário e, no meio do caminho, é possível ter um lead em matérias que são mais noticiosas, mais quentes e mais factuais sem que necessariamente você ter que abrir toda vez com a mesma estrutura, claro que essa estrutura continua existindo, mas você pode eventualmente quebrá-la ali, dependendo do talento do redator.

- Então, tem justamente um autor, Felipe Pena, que coloca que o lead pode se tornar uma amarra para o talento do jornalista e, por outro lado, o Adelmo Genro Filho diz que é possível fazer um texto criativo com o uso do lead.

Concordo que é possível, porque aí você vai escrever um texto e fala assim “bom, então vou tentar ser diferente, mas ao mesmo tempo eu preciso passar um recado”, porque você tem que entender o seu contexto, qual é o seu contexto? Se você vai escrever uma matéria de duas páginas pra edição de domingo de um jornal impresso, obviamente, essa pauta já é uma pauta diferente, ela já uma pauta trabalhada, pensada de uma forma diferente, com personagens que se diferenciam dos personagens do dia a dia, naturalmente numa matéria de página dupla ou página tripla, nessa matéria comporta você abrir de uma maneira diferente também, se pressupõe que o leitor que pegou essa matéria pra ler num domingo em casa, na

varanda de casa, sabendo que a matéria é uma matéria mais extensa, porque assim foi chamada na capa daquela edição, que gerou um interesse mais específico, então é possível que ali você possa ter um outro tipo de abertura, você pode experimentar outros tipos de lead, o que não se pode assim, mas aí cai muito no subjetivo e o jornalismo cada vez mais não é uma ciência exata, o jornalismo cada vez mais tem esse teor de subjetivismo e tal, vai muito dessa coisa da habilidade do redator, de conseguir um equilíbrio que você tenha um lead que não afaste o seu leitor, aqui no jornal já há um tempo que eu estou na condição de editor, então eu escrevo também mas mais recebo textos dos colegas do que escrevo textos novos, é muito comum, as vezes a gente fala “vamos fazer diferente”, aí chega pra você um texto que você vai começar a entender do que se trata o assunto no terceiro parágrafo, aí é um pouco demais, eu acho, o leitor não tem mais esse tempo, mas também você não precisa todo texto abrir “um caminhão tombou ontem na rodovia SP224, altura do quilômetro 370, em Pederneiras”, isso vai continuar existindo, não estou dizendo pra ser extirpado do jornalismo, mas vamos relegar esse tipo de estrutura pra essas notícias que estão aí, no quente, que precisam botar no ar no site agora ou que será uma nota na edição de amanhã, agora você tem um crime, um crime bárbaro, você pode abrir diferente, você pode pensar numa estrutura que você traga o leitor pra esse assunto sem que seja óbvio demais, você pode abrir alguma coisa do tipo assim “três tiros e muita correria: esse foi o cenário que se viu ou esse foi o cenário encontrado por vizinhos do estabelecimento de não sei de onde e tal”, quer dizer, aí você já abriu com uma estrutura diferente, sem na verdade espantar o leitor. Agora, você quer o mesmo assunto espantando o leitor? “Bauru anda cada vez mais violenta. Não é de hoje em que a polícia se depara com situações que desafiam a investigação e também o trabalho ostensivo da polícia militar. Especialmente nos bairros periféricos, por conta também da dificuldade social, a criminalidade...”, pronto, o leitor já foi embora. Então, é preciso achar esse equilíbrio. O lead, ele está aí pra ser respeitado, agora ele pode ser, no bom sentido, subvertido muito desse talento, da habilidade do redator e também de entender em que contexto ele está, se você está escrevendo uma matéria, em que contexto? É uma matéria especial, é uma nota, então é preciso entender esse contexto pra saber que lead vai ser mais eficiente.

- Tem uma dificuldade maior de se fazer essa mescla em um jornal diário?

É, assim, hoje infelizmente as redações vivem um processo de enxugamento e também hoje é um momento muito interessante pra gente rediscutir o nosso próprio papel, quer dizer, o próprio papel do jornalista, hoje, precisa ser rediscutido em função de que hoje você caminha pra uma informação sem intermediários, as redes sociais estão provando que isso é possível, com ainda distorções, falhas de apuração, porque quem ainda gera noticiário sem ser profissional da área não tem realmente compromisso com a apuração que a gente é obrigado a ter mas, enfim, o que acontece é que existe hoje uma realidade sem intermediários, hoje todos podem gerar conteúdo e não só informativo, eu posso chegar na minha casa, pegar meu violão, compor uma música, colocar na rede e ela chegar para o ouvinte, enfim, para o público interessado sem uma gravadora, quer dizer, isso já é uma coisa consolidada, isso não é nem de hoje não, é de ontem, a gente já tem que discutir o que vai ser o amanhã. Agora, isso num contexto quem as pessoas estão gerando conteúdos diretos e, ao mesmo tempo, as redações vem sofrendo um processo histórico de enxugamento, inclusive com fechamentos, essas especializações também precisam ser repensadas, o jornalismo literário, quem é que faz jornalismo literário hoje? Se você pegar a Folha de S. Paulo que tenta fazer um jornalismo dinâmico, não tem jornalismo literário ali dentro, mas já existiu, o Estadão ainda tem alguma coisa em relação a isso, porque mantém espaços mais generosos no jornal pra uma discussão mais ampla, então, assim, tá um pouco segregado à revista Piauí, revista Caros Amigos talvez, enfim, revistas mais especializadas. E mesmo assim, hoje é preciso fazer um jornalismo literário interessante, reconhecendo que hoje o seu leitor não é mais o leitor que lia Machado de Assis, por exemplo, eu tenho 41 anos, eu tenho dificuldades de ler um livro do José de Alencar, até hoje eu tenho, como estudante já tinha, porque, pra mim o que acontece, parece uma linguagem muito rebuscada, aquela época talvez fosse até vanguarda, mas hoje pra gente parece muito rico, muito rebuscado e tal, tudo bem, o livro está aí pra isso, se permite isso, agora o jornalismo você precisa passar sua mensagem, sua mensagem precisa repercutir, uma coisa que eu tenho dito muito é o seguinte: hoje o jornalismo que não repercute, tem um caminho tortuoso pela frente, precisa repercutir, o jornal precisa ser comentado, criticado, tem que ter os erros apontados, tem que ter as virtudes enaltecidas, mas ele tem que estar na boca das pessoas, precisa repercutir o jornal, o jornalismo, a tv, o jornalismo da internet, por que se não o que a gente está fazendo? Perde o sentido, né. E pra repercutir, você precisa se

fazer entender e pra se fazer entender, não dá, em algumas situações, praticar um jornalismo muito rebuscado ou excessivamente literário, é preciso ser direto na mensagem tendo bom senso de buscar alternativas de acordo, como eu disse, com cada contexto que a matéria vai ser veiculada.

- E quanto a pirâmide invertida, tem um autor, Adelmo Genro Filho, que coloca que ela não vai do mais importante para o menos importante, mas que parte do singular, o fato e sua especificidade, passa para o particular, que seria o contexto e depois parte para a universalização, e que então ela não está invertida. Você vê isso na prática?

É um aspecto interessante. Vê, um único aspecto do jornalismo que é o lead rende tese, rende livros, enfim, um único aspecto, mas é um aspecto muito importante. Não sei. Mas me parece bem próximo da realidade esse tipo de enfoque, da questão da singularidade, acho que é possível, o que prova é que, por exemplo, o lead e a pirâmide invertida não são coisas estáticas, já foram talvez, quando surgiu, os Estados Unidos difundiu muito isso, que o lead é isso e pronto, acabou. E você vê, você me trouxe outro enfoque e eu dei outros enfoques de que é possível você desconstruir o lead ou a pirâmide invertida sem deixar de ser o que são, quer dizer, de você mexer em elementos deles, sem que deixe de se comunicar adequadamente. Então, acho que é plausível uma tese dessa num jornalismo diário também.

- Como jornalista, você acredita que tem sua marca estilística, acredita que cada jornalista tem sua narrativa independente das técnicas redacionais?

Eu acredito que sim, embora isso fique um pouco mais restrito nesse jornalismo do dia a dia que a gente pratica, mas dentro dos nichos específicos, de matérias especiais, na tv de uma reportagem especial, mesmo na internet nos portais que são de notícias factuais, as vezes tem algumas reportagens especiais, nessas matérias você vê mais o exercício da redação, você vê uma marca mais pessoal, e é lógico que todos nós devemos procurar ter sim, uma marca mais pessoal, um vai gostar de seguir mais pelo literário, o outro um pouco mais pela questão dos detalhes. Também uma coisa que é muito importante dizer é que hoje, o jornalista, o repórter, se preocupa muito com a questão do texto, mas já é necessário que, a partir do momento que você vai desenvolver uma matéria, você pense no formato que aquela

matéria vai ganhar, isso não é mais função apenas do editor, isso já começa na pauta, porque o jornalismo está mudando, então é muito comum hoje nas redações, o colega entrega uma bela matéria, bem apurada, com um bom lead, com bons personagens, mas o formato que entrega a matéria é ainda o formato do textão corrido, e essa matéria já tem que chegar pro editor com outros tipos de divisão, ele já vai encaminhar a matéria retirando elementos que sejam do ego de jornalista dele e encaminhar com elementos já pra infográfico, porque hoje o jornalista também é visual e também tem que ter os textos mais divididos, com mais box, com mais intertítulos, mais janelas que a gente chama, mais aspas, uma matéria, por exemplo, pode ter um elemento adicional que seja de primeira pessoa do entrevistado contando o que aconteceu, isso é um pouco difícil romper com jornalistas que já estão há um tempo no mercado porque alguns confundem, com o que você perguntou, “ah, vou imprimir minha marca” e ficam só no “ela disse, ele disse”, e muitas vezes o impacto está no depoimento transcrito quase que na íntegra, e em algum momento a matéria pode ter esse elemento, pra enriquecer a matéria do jornalista, isso é um outro aspecto, mas que está associado.

- Mas que também são elementos importantes, elementos até não-textuais. E sobre essas matérias especiais...

Tem muitas matérias que são muito interessantes que estão fora da agenda, digamos, normal nossa. Há pouco tempo um site de notícias chamado Uai, que é lá de Minas Gerais, fez uma matéria sobre os loucos por bacon, quer dizer, enquanto o mundo inteiro está dizendo, e é verdade, que o bacon pode fazer mal, em Minas, que é a capital dos bares, tem um bar lá que chama “Clube do Bacon” e as pessoas se reúnem pra comer bacon, inclusive mulheres, jovens, pessoal mais adulto, e fizeram essa matéria falando da cultura do bacon e tal, mas é uma coisa que está fora do factual, essa matéria pensada assim trazendo um bom humor pra dentro da matéria pode ter essa marca pessoal, pode ter um lead diferente, não que as outras não possam, mas essa abre mais espaço pra isso. A do IG, lembrei, uma matéria diferenciada que eles fizeram, porque as vezes os sites de notícias estão fazendo isso, o que o jornal impresso caminha pra fazer, que é a questão de se aprofundar um pouco mais, e o IG semana passada fez uma matéria dos ateus convictos que praticam atos de fraternidade, que têm uma vida social ligada à comunidade, que têm uma vida social muito ativa, nos clubes sociais, no auxílio aos mais

necessitados e são ateus assumidos, quer dizer, aquele estigma de que o ateu não é uma pessoa de Deus, na verdade, o cristão sabe que Deus ama todos os homens, inclusive os ateus, e ser ateu é uma questão muito mais racional e essa matéria procurava mostrar isso, que os ateus também praticam bondade, com exemplos práticos, de gente feliz, de gente bem resolvida, bem casada, com uma vida comunitária interessante, mas são ateus. Essas pautas são muito interessantes, porque essas pautas mostram o outro lado das situações e elas permitem você ter uma abordagem diferente, um formato diferente.

- E essas pautas caberiam no jornal impresso diário ou seria somente aos domingos, por exemplo?

Não, cabe no diário também. É um pouco mais difícil, porque o jornalismo diário ainda é muito refém do factual, tanto que muitos repórteres lançaram livros pra contar aquele que não conseguiram contar em suas matérias, a começar pelo Pedro Bial, ainda nos anos 90, como repórter da Globo, que acompanhou a queda do muro de Berlim, como correspondente internacional, e ele também sentiu necessidade, ainda nos anos 90, lá atrás, ele lançou um livro de reportagens porque a reportagem de TV não permitia ainda avançar tanto, claro que num Globo Repórter você consegue ter mais espaço, mas noticiário normal é um pouco difícil, mas é possível ter essas pautas diferenciadas, e cada vez mais a gente vem buscando criar uma agenda diferenciada no jornal. A questão da reportagem em si, como é interessante achar saídas, no Rio de Janeiro, foi feito há pouco tempo uma matéria sobre o João Gilberto e a missão da repórter era tentar entrevistar o João Gilberto, claro que ela não conseguiu, ele vive recluso no Rio, ele não fala com ninguém, e ela fez uma matéria brilhante simplesmente ficando ali embaixo do apartamento dele, quer dizer, ela ouviu o dono da locadora onde ele pegou filme e não pagou, ouviu o dono do supermercado que leva comida lá pra ele e água lá em cima que, inclusive, cometeu uma indiscrição, mas jornalisticamente é interessante, de contar como é o apartamento do João Gilberto por dentro, dizendo inclusive que havia pilhas de louça pra lavar, há semanas, ela ficou sabendo de uma briga que ele teve no auge dos seus 80 anos com um vizinho de apartamento, enfim, ela construiu uma matéria muito interessante, sem ter uma entrevista, uma palavra com o cara, descrevendo o dia a dia dele, e aí é muito da observação, certamente essa matéria também teve um lead diferenciado, ela pode começar essa matéria com algo do tipo “Leblon, 19

de março, às 18:40, mais uma vez, pelo terceiro dia seguido, a espera de João Gilberto e ele não aparece”, é um começo de matéria que não tem nada a ver com o lead clássico que a gente conhece, mas que esse tipo de matéria permite.

Entrevistado 3: Vitor Oshiro

Repórter no Jornal da Cidade

26 anos

3 anos de profissão

- Você usa o lead?

Eu uso o lead, só que não uso só o lead, eu tento sempre usar o lead e alguma coisa diferente, o famoso nariz-de-cera. Sempre tento colocar o nariz-de-cera, mas com todas as informações do lead, porque eu vejo muito que colocam o nariz-de-cera, mas não colocam as informações do lead, então, inclusive uma coisa que a gente conversa aqui é que a galera vai saber quem é o cara que assassinou no quarto parágrafo, quem é a vítima no quinta parágrafo, então sempre tento usar algumas informações do lead, as principais, junto com alguma coisa que deixa um pouco menos fria a matéria.

- E isso varia conforme a matéria, por exemplo, nas mais curtas e informativas de uma forma e as mais complexas e aprofundadas de outra forma?

Sim, varia sim. Até porque nas mais curtas, a gente tem pouco espaço pra escrever, então se a gente ficar floreando muito, o nariz-de-cera vai ficar maior que a própria matéria, então varia bastante e, as vezes, o tema dá pra fazer e as vezes não, tem temas que são mais sérios, diretos, que você tem que ir um pouco mais direto, falar ali uma denúncia, está acontecendo isso e aquilo, e acabou. Só que, geralmente, quando é um tema que dá mais pra você brincar, ou até temas um pouco sérios mas que dá pra você chamar de uma forma diferente, eu sempre tento começar de uma forma diferente pra dar uma atraída mesmo pra matéria, pra não ficar igual do concorrente amanhã, sabe, pra ficar um pouco diferente.

- E tem um autor, Felipe Pena, que diz que o lead pode se tornar uma amarra para o jornalista e tem outro, o Adelmo Genro Filho, que diz ser possível fazer

um texto criativo com o uso do lead. Pra você, é uma amarra e o jornalista tem que escapar disso ou ele não chega a ser uma amarra?

Eu acho que é uma amarra, acaba sendo uma amarra, porque eu acho que é mais fácil você usar o lead do que pensar num jeito diferente, porque a gente começa a escrever 6 e meia, 7 horas da noite, geralmente começa a escrever a matéria, então, se você for usar o lead, você sabe que tem que usar: O que? Quem? Quando? Onde? Como? Por que?, só que quando você pensa de um jeito diferente, como começar sua matéria, você tem que pensar um pouco mais, não tem jeito, você tem que pensar um pouco mais pra não ficar também uma coisa ridícula também, não pode exagerar, várias vezes já errei a mão, sabe, eu li no dia seguinte e pensei: “poxa, não acredito que escrevi isso aqui”, as vezes a gente erra a mão sim, só que eu tento sempre fazer, eu acho que é uma amarra nesse ponto, quando você acaba entrando pra isso, acaba se acostumando e não pensa mais nisso, só que eu acho que aí, as duas respostas, eu acho que o jornalista que tem que fugir disso, só que eu conheço muita gente também que obedece o lead e tem textos ótimos, que é o padrão, a pessoa não gosta de tentar fugir um pouco daquilo, a pessoa acha que é o correto aquilo, que tem que ser aquilo, justamente porque hoje em dia a galera têm menos tempo pra ler, quer já saber o que está acontecendo e acabou, e eu já tenho uma opinião um pouco diferente por ser impresso, eu acho que no impresso você tem que aprofundar um pouco mais e você pode escrever um pouco mais que na internet, vamos supor.

- E falando de jornalismo literário, você acha que ele tem espaço no jornalismo diário?

Eu acho que tem. Eu acho que é mais difícil, por conta do tempo, é difícil fazer, mas eu tenho exemplos que já consegui fazer próximas, não o jornalismo literário, mas próximas ao jornalismo literário, coisas muito legais que dá pra você aprofundar, mas nem sempre, não que dê pra fazer todo dia, é difícil, até tem que ter um tema que caiba o jornalismo literário. E, as vezes, você tem três ou quatro pautas por dia e não dá pra você pensar “vou escrever desse jeito”, “vou contar a história sob essa percepção”, “vou puxar essa frase que, aparentemente, não tinha nada a ver e fazer uma conexão”, mas eu acho bem legal quando a gente consegue fazer isso, eu acho que tem muito resultado, tanto que foi engraçado porque eu sempre tive essa proposta, e eu fiz acompanhamento no Bom Dia e o João Pedro era do Bom Dia na

época, e lá eles têm uma proposta um pouco assim, de você fazer um pouco diferente do só factual e tentar um pouco florear mesmo, até os títulos deles são um pouco diferentes, e aí é uma coisa que a gente conversava bastante porque eu sempre achei legal, tentar atrair de um jeito diferente, não só a notícia, e aconteceu uma coisa bastante interessante porque a gente acredita que as pessoas não percebiam esse estilo seu, sabem que é seu mas não percebiam, e aconteceu uma coisa que outro dia eu estava no fórum, à paisana, não podiam saber que eu era repórter, era uma audiência que a gente não podia acompanhar, e eu estava lá tentando passar despercebido, e chegou o oficial de justiça e falou assim: “você é repórter, né?” aí eu falei que era, né, e ele falou “ah, você é o Vitor Oshiro, sei que é o japonês que sempre começa os textos diferente”, então a galera acaba percebendo um pouco, tem alguns amigos e amigas meus que assim, tem algumas matérias que a gente não pode assinar até por questão de segurança, e daí eles falam: “ah, essa matéria foi você que fez, né” ou “essa matéria eu sei que foi você que fez pelo jeito que você começou, o jeito que você escreveu”, então a gente acha que não, mas percebem.

- E você acredita que o leitor acaba preferindo isso, que cada jornalista tenha sua marca estilística?

Eu acredito que sim. Eu acho que é legal, e acho que tem que ter um padrão, principalmente no Jornal da Cidade, que é um jornal conservador, tem uma certa história, uma marca, um padrão, eu acho que tem que ter essa unificação, não pode ser também cada um fazer o que quer, coloca um título numa palavra, outro coloca em duas, acho que tem que ter um padrão que a gente não pode fugir muito, só que eu acho legal você ter estilo até pra quando você não tiver aqui, sei lá, “eu quero escrever uma crônica? Eu tenho estilo próprio”, eu conheço jornalistas que são muito bons em textos do dia a dia, mas se tiver que escrever uma crônica, não dá, porque sabe que teria que começar do lead, esse parágrafo é isso, esse é aquilo, acaba muito engessado igual a todo mundo, só que no texto informativo são ótimos. Só que eu sinto isso, tem uns que ficam engessados e não conseguem sair dali.

- Tem um autor, o Adelmo Genro Filho, que coloca que a pirâmide invertida não seria do mais importante para o menos importante, seria a singularidade,

que seria o fato em si, depois ele parte para o particular, que é o contexto, pra depois partir pra universalização. Você vê isso na prática?

Não, acho que não. A pirâmide invertida nasceu justamente da necessidade de você dar a informação mais importante no começo, foi na Guerra, né, então nasceu dessa necessidade e isso foi mantido. Eu acho também que no caso do particular pro todo, o jornalismo diário dificilmente faz o todo, eu terminei a especialização agora e a gente discutia isso, por exemplo, um caso de estupro, que é um caso particular dificilmente a gente sai do caso do estupro pra discutir a violência sexual com as crianças, então não chega no todo. Então, geralmente, fica no factual mesmo, dificilmente no diário vai pro temático, a partir de um caso discutir toda a violência sexual dos adolescentes, vamos falar, vamos procurar quem pode falar, quantos dados tem sobre isso, quantas crianças são abusadas em Bauru, então, eu acho que o jornalismo diário não chega nessa etapa, mas agora ganha uma diferença com a internet, que o jornal precisa se aprofundar mais e na internet também acredito que a pirâmide muda, porque tem a questão dos hiperlinks, você começa com uma informação, aí já tem um hiperlink pra você ir pra próxima notícia, se achar que é importante vai pra aquela, aí qualquer coisa você volta pra outra. E mesmo com o jornalismo literário no diário, o lead ainda é usado, eu acho necessário ainda usar as informações do lead.

- Então, pensando no contexto, desde os anos 50 pra cá, muita coisa mudou, principalmente em relação a tecnologia, como você colocou a questão da internet. Você acredita que isso influencia diretamente no texto jornalístico, então?

Eu acredito que sim. Eu acredito que bastante. Aqui ainda é um jornal conservador que mantém a estrutura do impresso, mas a gente percebe muito isso agora, porque a gente está começando a investir no site, na plataforma digital, então já percebe a diferença gritante, não adianta fazer uma coisa para o impresso e jogar lá no site, a leitura é mínima, o modo como o texto aparece na tela é gigante, é muito ruim de visualizar, então isso evolui, hoje em dia se eu for construir um texto para a internet é muito mais interessante ir linkando com outras informações. E também na internet o leitor já quer ter as informações e pronto, só os links pra navegar e facilitar. No impresso, vai caber mais a interpretação, no próprio texto mesmo, aí que você também pode brincar mais com o lead.

Entrevistada 4: Luly Zonta

Repórter do Bom Dia Bauru

41 anos

19 anos de profissão

- Você usa o lead?

A gente procura o usar o lead, as informações do lead, acho que assim, sempre saem no começo da matéria, mas aquela estrutura, eu faço uma bagunça no lead, eu não gosto daquela coisa: Que? Quando? Onde? Como? Por que?, na integra, até porque o tipo de texto que eu faço, me dá essa liberdade. Então, como eu não faço o dia a dia, o arroz e feijão, como na editoria de cultura a gente tem essa liberdade, então, assim, eu procuro colocar todas as informações do lead logo no começo da matéria, mas elas não vêm agrupadas.

- E você vê uma diferença de uma matéria mais informativa para uma matéria mais aprofundada?

Isso, você faz divisão, obviamente que as perguntas do lead norteiam o texto como um todo, mas não necessariamente a gente precisa ter aquele leadzinho compacto.

- Tem um autor chamado Felipe Pena que fala que o lead pode ser uma amarra para o jornalista, já o Genro Filho diz que o lead pode estar em qualquer parágrafo em um texto criativo, sem ser uma amarra. Você já se sentiu amarrada pelo lead?

As vezes, assim, quando você tem que fazer alguma coisa mais pontual, você fica “ai, mas vai ficar chato”, ou então quando você faz plantão na redação e você acaba tendo que fazer aquelas notinhas de polícia, e fica tudo no mesmo formatinho, é complicado, fica chato.

- E a pirâmide invertida, você hierarquiza do mais importante para o menos importante?

Aí acho que depende do gancho que eu vou dar pra matéria, aí a pirâmide, ou o lead, depende do rumo que você vai dar pra aquela conversa. As pessoas que me conhecem, falam: “nossa, muito engraçado, a gente lê um texto seu e você tá

falando, ouve a sua voz”, quem conhece fala que ouve a voz. Então, tem essa coisa de você priorizar alguma coisa e trabalhar por aquela prioridade, até pra poder ficar diferente, principalmente quando você sabe que é uma pauta que não é só sua, por exemplo, você vai numa coletiva de fulano de tal, então ele vai falar as mesmas coisas, aí você fica pensando: “ah, eu vou usar isso, mas fulano vai usar aquilo”, então, aí você vai construir a tua pirâmide.

- Até pergunto isso porque tem um autor, Genro Filho, fala que a pirâmide invertida não está invertida, porque você não parte do mais importante para o menos importante, seria do singular, o fato em si, para o particular, que é o contexto e depois a universalização. Você vê isso na prática?

É, eu acho que também a gente faz uma bagunça, né, do particular, do singular, porque o singular pra mim pode não ser pra você, e eu acho que até por essas formas de abordagem que a gente tem os jornalistas que a gente gosta mais ou menos.

- Seria a marca estilística de cada um?

É, isso.

- Diante disso, tem a questão do jornalismo literário que permite uma forma mais livre, talvez, de narrar os fatos.

Sim, e também daí é aquela coisa, o jornalismo chega naquela coisa de você ter repertório pra fazer isso, porque por exemplo, muita gente fala “ahh, mas texto de tv é muito chato”, ah, não é não, você pega um texto do Ernesto Palha, você é bem mais nova, mas aqui em Bauru a gente tinha um repórter, que na época era TV Globo, Rede Globo Oeste Paulista, depois TV Modelo, chamado Lucius de Mello, ele trabalhou um tempo na Futura, na Cultura e tal, o texto dele, mesmo pra TV, era poesia pura e, as vezes, pra dar uma notícia, mas ele sempre acrescentava alguma coisa ao fato, uma referência, uma coisa que você falava assim: “olha só”.

- Então, tem espaço para o jornalismo literário até mesmo em um jornal diário?

Tem, claro que tem.

- Isso se acentua pelo fato de a internet já trazer o factual e o jornal ter de trazer algo a mais no dia seguinte?

Sim, o jornalismo diário tem que trazer, a gente tá vendo uma mudança na comunicação em geral, assim, de todos os jornais, de todas as abordagens, até essa coisa de apresentar e ver o que as pessoas querem ver no jornal, o que querem ver na televisão e o que querem ver na internet, a notícia que atenda à expectativa e cada qual com a sua linguagem, então eu acho que de repente pode até haver uma migração de algumas coisas, “ah, isso vai ser pauta só”, sabe uma coisa assim? Eu acho que a comunicação ainda está procurando, Tateando esses caminhos e as próprias linguagens, de como agora você vai abordar tal coisa na revista, no jornal, na televisão.

- Então, você acredita que o jornal impresso diário vai ter essa mudança no texto jornalístico, de ser talvez mais interpretativo?

Eu acho que sim, porque hoje a internet é muito imediatista, então, a gente brinca: “ah, poxa, no dia seguinte a notícia...”, antes a gente brincava com essa história que no dia seguinte o jornal não vale mais e hoje a gente tem que vencer essa coisa de que na mesma edição a notícia já não é mais a mesma, que todo mundo já sabe, então se você não esmiúça a história, pra que aquilo ali está ali? Pra que aquilo vai existir? E, assim, existe uma grande preocupação porque o Brasil é um país que se lê pouco, então, de repente “ah, eu não sou jornalista, mas vou escrever um livro”, mas quem vai comprar meu livro? O livro também é caro.

- Realmente. E você mesma já experimentou do jornalismo literário?

Olha, tem até uma professora que usou uma vez um material meu e do Tiago Roque pra fazer uma dissertação falando dessa questão do texto, do meu texto ser bem diferente do cotidiano, e eu percebo que isso também, até dentro dos próprios colegas, acaba criando um... porque tem aquela turma que é mais: “não, a informação tem que ser assim, assim e assim”, “não, tá viajando”.

- Você vê alguma característica em comum de quem prefere escrever mais informação pura ou mais literário?

Eu acho que conforme você vai trabalhando, você vai lendo, você vai desenvolvendo o texto, eu acho que o curso natural para as coisas é isso, mas ao mesmo tempo,

também tem aquela coisa do jornalista que apura muito, que tem muita informação, então acho que acaba tendo que ser mais objetivo, não sei se, por exemplo, em algumas editorias dá pra fazer literatura, acho que em economia não dá pra fazer literatura, entendeu? Por mais que de repente você possa brincar com alguma situação cotidiana, “o preço da cesta básica” e coisas do gênero, uma alta repentina, a história do tomate, tão recente, que surgiu tantas filosofias, e aí você pode lembrar, você pode juntar o Ratatouille com aquela coisa que vai o tomate na receita do Ratatouille que tem a lembrança da gastronomia de infância, aí você passa pela cultura e pela psicologia e tudo mais, pra fazer um texto pra falar que o preço do tomate, esse sonho e esse devaneio todo hoje custa tanto e você tem que acordar pra realidade, por que? Entendeu? Mas, por exemplo, o dia a dia de um jornalista de economia não sei se dá, quem, por exemplo, bebe da música e da poesia é mais fácil fazer isso do que... E até, por exemplo, teve uma vez que eu estava de plantão e eu tive que fazer uma coluna de política, falei “Jesus amado”, tinha um encontro de partidos, e aí aparece Romeu Tuma, na época, pouco antes de ele morrer, todo elegante e tal, sapato prata, aí eu falei: “moda”, ah, falei da roupa, do cabelo, do cheiro, enfim, fiz a coluna de política, aí o povo fala né: “o que é isso?”, “ah é a Luly fazendo coluna de política”.

- E faz tempo que você está na mesma editoria?

Acho que faz pelo menos uns 15 anos. Mas eu também faço basquete ou alguma coisa de esporte. E eu percebo que o meu texto é diferente e tanto é que o Gustavo que escreve esporte, eu cobri as férias dele e quando ele voltou, foi divertidíssimo, porque assim, eu sempre me refiro ao pessoal do basquete, eu já fiz assessoria, eu acompanho o clube, enfim, falo os “meninos”, mas eu me policio o máximo pra nunca deixar escapar “os meninos” no texto e aí ele voltou e teve uma vitória que jamais imaginou que ia ganhar o jogo e a gente brinca que ele é pé frio e a gente falava “ele vai voltar justo naquele jogo”, e os meninos ganharam, e aí, obviamente, ele fez um texto “Valeu, meninos”, ele faz um texto como se fosse eu, assim, ele quase assinou meu nome, porque quando ele leu, ele falou “tá muito do jeito seu”, e quem acompanha falou: “mas quem escreveu? Foi a Luly, não foi você”.

- E quando você não escreve dessa forma mais própria, você percebe diferença na repercussão de uma matéria pra outra?

Eu acho que assim, as matérias acabam repercutindo até pelo próprio assunto, mas é claro que tem sempre essa coisa do texto ser um chamariz, “ah, vou ler o que fulano escreveu, vou ler o que a Camila escreveu porque ela escreve de tal forma”. Em São José do Rio Preto, a gente tem um colunista que é super ácido, super bem humorado e, ao mesmo tempo, você conversando com ele, jamais ele é do jeito que escreve, é todo sério, mas você olha o texto dele, é uma coisa que ferve e você quer estar lá o tempo todo.

- E você mudou desde quando começou ou era assim desde o início?

Olha, eu sofri bullying na faculdade, porque assim, eu sempre já quis, eu entrei na faculdade querendo fazer notícia boa, diferente, até tentei publicidade antes. E, dependendo, eu fico mal com as coisas, sou característica de pessoa mais sensível, então fica aquela coisa e aí o pessoal que estudava todas aquelas teorias, que defendia um jornalismo militante, eu era a gatinha da Capricho, era meu apelido e tinha esse preconceito. Depois, quando comecei a trabalhar, você vai percorrendo vários caminhos. E, assim, não é mais simples de fazer não, exige até mais.

Entrevistada 5: Camila Turtelli

Repórter do Bom Dia Bauru

32 anos

9 anos de profissão

- Você usa o lead?

Uso. Acho que depois de um tempo você não para direito pra pensar. Você pensa que poxa, você tem que começar contextualizando bem, é claro que não é uma regra tão rígida assim, porque se não seu texto fica muito engessado e muito chato. Mas não dá pra você pitar muito, dá até, mas você tem que ir construindo ali, contextualizando, se não o leitor fica muito perdido, ele nem sabe o que ele está lendo. E depende também de qual editoria que você está escrevendo, pra você poder brincar ou não, fazer algo mais complexo, mais diferente.

- Exatamente nesse ponto, você nota diferença da maneira como você escreve uma matéria mais curta e informativa pra uma mais complexa e aprofundada?

Ah, sem dúvida. Não só em relação ao tamanho dela, mas muito também em relação a editoria, por exemplo, na polícia até dá também, mas acho que na polícia você tem que começar o texto um pouco mais rígido, você vai cobrir um assassinato e tem mil maneiras de você começar esse texto, mas por mais que você comece a história daquela pessoa, contando o que a pessoa fez naquele dia, você tem que trazer algumas informações básicas, na minha opinião.

- E a pirâmide invertida, você hierarquiza as informações do mais importante para o menos importante?

Então, não paro muito pra pensar mais.

- Tem uma diferença pra quando você começou?

Acho que depende muito do caso, da situação. Não paro muito pra pensar. Vamos pegar esse caso que está bombando agora, do padre Beto, por exemplo, primeira matéria de todas é uma história que foi evoluindo, com várias viradas, guinadas importantes ao longo da semana. Então, a história começou quando a Diocese publicou a determinação pra ele se retratar. Em um primeiro momento, você tem que começar contando certinho o que está acontecendo, quem é o padre Beto, o que está acontecendo, o que é Diocese, o que o bispo mandou ele fazer, o porquê disso, quando ele mandou isso. E daí as novidades são as informações mais importantes. Então, depende muito da situação, “ah, a Diocese mandou o recado excomungando”, então, você coloca na primeira linha “Diocese excomungou o padre”.

- E, assim, tem um autor, o Felipe Pena, que coloca que o lead seria uma amarra para o jornalismo e tem outro autor, o Adelmo Genro Filho, que fala que não, que pra um redator criativo, o lead não precisa nem estar no primeiro parágrafo. Como você vê?

Então, eu acho que vai do que eu te falei, do seu bom senso sobre onde você está escrevendo, pra que tipo de veículo você está escrevendo, pra que tipo de público, que tipo de editoria e qual o tamanho de texto que você tem disponível pra escrever. Se você embaça muito, você acaba fazendo um nariz-de-cera, acaba deixando o leitor meio perdido, então acho que tem que dosar um pouco.

- Teria que mesclar, então?

É, dá pra pirlar, né, você pega textos aí que... mas, depende muito de onde você está, com quem você está falando. Você está numa revista ou num jornal diário?

- Nesse caso, teria espaço para o jornalismo literário, por exemplo, num jornal diário?

Tem sim, bastante. Tem pessoas que sabem fazer isso muito bem, têm jornalistas que qualquer coisa que eles fazem, você pode considerar um jornalismo literário. Tem um dom pra coisa.

- Você utiliza elementos do jornalismo literário?

Ah, eu tento, as vezes. Não sei se eu tenho muito dom pra isso, se eu consigo fazer isso. Mas, por exemplo, a Cristina Camargo que trabalhava aqui até ano passado, o texto dela sempre é bem literário e eu acho que ela faz isso com naturalidade, ela não para pra pensar, ela não fica tentando lapidar o texto depois, sabe. Tem gente que tem, e tem muitos que tentam e não dá certo, e daí você vê que a coisa fica forçada e fica uma matéria ruim, omite uma informação, o leitor fica perdido, você acaba não informando nada, porque “ah, é legal fazer? É bacana? Você chama mais atenção? Você torna a leitura mais agradável? Mais rica?” Torna, mas você tem que informar, eu trabalho num jornal, não estou escrevendo um livro. Então, aqui a função primordial é informar.

- Embora alguns coloquem como antagônicos, você acha que é possível mesclar o padrão da objetividade do lead com o estilo de escrita do jornalismo literário, na prática?

Eu acho que sim, mas tem que ser um jornalista muito bom.

- Você acha que talvez por tempo de experiência?

Nem tanto por tempo de experiência, porque o cara pode estar há anos na redação e estar acomodado com aquilo ali, acostumado com aquele texto e não lê mais, não lê nada mais e tem gente que chega na redação detonando, tem uma menina que entra muito bem, porque são pessoas interessadas, são pessoas que leem muito e acompanham muita coisa.

- E para o leitor, você acha que vende mais?

Isso eu já não sei te dizer. Porque fica mais interessante, mas ao mesmo tempo, se você vai ver o Meia Hora, tem “Malandro é pego com a boca na botija”, vende muito isso aí. Então, sei lá, aí já é aquele jornalismo popular.

- E assim, a internet já está cumprindo o factual, talvez o impresso sofra uma reestruturação nesse sentido de ter que trazer matérias mais interpretativas?

Eu acho que desde que a internet surgiu, o jornalismo passou a entrar na zona do caos, que é aquela zona de tudo ficar perdido até a gente voltar a se reencontrar e se reorganizar e eu acho que a gente ainda está nessa zona do caos, tanto que é uma crise, a gente está passando por uma crise, as redações estão cada vez menores, tem jornais fechando e não é só no Brasil, não, no mundo inteiro. A gente ainda não descobriu, ainda não entendeu como continuar sendo algo sustentável, ninguém deixou de precisar do papel do jornalista, tem gente que fala que o jornal vai acabar mas você vê que a pessoa está o tempo inteiro lendo notícia. Não acho que o jornal em papel vá acabar, mas eu acho que ele precisa se reconfigurar, ele precisa passar por uma reconfiguração, isso é uma coisa bastante complexa, porque passa desde a reconfiguração do hábito do leitor da notícia, da reconfiguração do jornalista, da reconfiguração da empresa, da reconfiguração dos diretores das empresas, dos jornais, então, eu acho que a gente ainda não está começando a caminhar pra uma reconfiguração, eu acho que a gente ainda está no caos, apesar de que tem surgido por aí projetos bem bacanas de jornalismo online, móvel, mas acho que tem um tempo ainda pra gente voltar nos trilhos, por exemplo, a produção musical já voltou para o trilhos, já aprendeu.

- E pensando nessa crise de agora, na época em que as técnicas redacionais surgiram também havia uma crise, e a tecnologia é fator presente nos dois momentos. Isso talvez tenha ligação direta com o texto jornalístico?

Ah, sem dúvida. O que as pessoas falavam é que o jornal precisa ser pós-noticioso, então você vai cobrir o jogo Bauru e Franca, basquete, a última coisa que você vai trazer no seu texto, é o resultado, porque o resultado todo mundo já viu na internet. E isso não seria matar o lead, porque o pós-noticioso você vai trazer a consequência do fato, e pra você analisar o que é a consequência do fato você tem que interpretar,

sua interpretação do que você vai buscar da consequência do fato, e ela também tem o quando? Onde? Por que?

- Então, o lead não precisaria estar necessariamente no primeiro parágrafo?

É, então, vamos voltar para o caso do padre Beto, então, o padre foi excomungado, o jornal pós-noticioso vai trazer o que? A análise de um especialista em direito canônico, um histórico de padres excomungados, a opinião das pessoas sobre isso, sobre os ministros da igreja, das pessoas bastante ligadas à igreja, a opinião política em relação a isso, o que o padre vai fazer da vida. Trazer os desdobramentos, só que o padre foi excomungado, não vai satisfazer.

- Um autor chamado Adelmo Genro Filho fala que a pirâmide invertida não é do mais importante para o menos importante, mas do singular, ou seja, o fato em si, para o particular, o contexto, e depois vai para universalização. Você concorda?

É, eu vejo dessa forma, a gente tem que tentar aprofundar e contextualizar o máximo possível, isso seria o certo. Por exemplo, no jogo de basquete, qual foi a consequência do empurrão que o jogador tomou, qual foi a opinião e o que isso vai trazer para o time.

Entrevistado 6: Gustavo de Araújo Longo

Repórter no jornal Bom Dia Bauru

25 anos

3 anos de profissão

- Você usa o lead?

Eu evito usar o lead da forma que seria. Aqui no Bom Dia, a gente tem, apesar do pouco espaço do texto, muito pouco espaço do texto, a gente tem a liberdade para escrever do jeito que achar melhor, eu, por exemplo, já escrevi texto em formato de carta, então, eu sempre fujo do lead, realmente, o lead pra mim é no segundo parágrafo, no primeiro parágrafo eu acabo contando uma historinha, um fato curioso, pra chamar a atenção e aí no segundo parágrafo eu trago mais as informações, por exemplo, no meu caso sou repórter de esportes, horário do jogo, jogo contra quem, as informações básicas de uma matéria sobre algum jogo, então geralmente faço

isso no segundo parágrafo, no primeiro parágrafo que é o lead, eu deixo pra alguma outra curiosidade, algum fato novo, pra tentar atrair a atenção do leitor.

- E tem uma diferença na hora de escrever uma matéria mais curta e informativa e outra mais aprofundada e complexa?

Então, tem diferença, né, porque matéria curta, põe aí uma matéria de mil caracteres que no Bom Dia não é raro ter essas matérias, o espaço é curto e, assim, por mais que você goste de escrever, você tem que pensar que a informação tem que estar acima de tudo, então, seu espaço pra você divagar é menor, aí nesses casos eu tento condensar um pouco mais o texto e aí sai bem mais informativo que uma matéria, por exemplo, mais complexa, de 3 mil caracteres ou 4 mil caracteres, vez ou outra eu tenho esse espaço, e aí nesses casos, eu tenho mais liberdade editorial, mais liberdade de espaço mesmo pra escrever as curiosidades e os formatos que eu quiser, quando é espaço menor, informação em primeiro lugar, então, vez ou outra acabo recorrendo direto ao lead, não gosto, mas é necessário. Lembrar que não sou escritor, sou jornalista.

- E a pirâmide invertida? Você costuma usar?

Engraçado, pirâmide invertida, eu aprendi isso no primeiro ano da faculdade, em 2007. Aí você começa a analisar as notícias de jornais, mas não tem muito isso. Quando você começa a escrever matérias, que você se sente um pouco autor, pra você, toda parte do texto é importante, a última fala, você não vai colocar por colocar, você vai colocar porque você achou que seria ideal e tinha seu valor pra ser colocado naquela posição. Terminou o texto, o último parágrafo do texto, eu não vejo como algo que possa ser desprezado, se você fez a construção, tudo que foi colocado, você colocou com alguma intenção, com algum objetivo, então, eu não acredito assim: “ah, corta pelo pé”, não dá. Por isso que aqui no Bom Dia, a gente tem a liberdade de, quando a gente estoura o espaço e sempre acontece, nós mesmos editamos, porque como nós escrevemos o texto, a gente sabe o que pode ser resumido, o que pode ser cortado, o que pode ser condensado, por exemplo, você pode falar a mesma frase de várias maneiras, e aí você acaba optando pela mais curta, acaba diminuindo, cortar o pé da matéria acho bizarro, assim, hoje em dia, século XXI, mesmo com essa coisa de internet e ninguém sabe muito bem o que que é, não dá pra simplesmente ir lá e cortar o último parágrafo, exige uma atenção,

uma leitura do texto, porque ainda mais no Bom Dia, espaço curto, então, tudo que tiver, é importante, porque se é um espaço curto, se você cortar pelo pé, vai cortar informação, então não tem como. É algo da década de 50, mas hoje em dia, isso não tem mais condição. O jornalismo evoluiu de um modo que não tem como cortar sem ler, acho que se profissionalizou tanto que até o fluxo da informação se profissionalizou, então eu acredito que já a preparação do repórter que vai saber o espaço que ele tem pra escrever, ele já não vai alongar tanto, se ele tiver com o horário de fechamento apertando e já também o planejamento pra eventuais pautas em cima da hora, não ser na página que vai primeiro pra gráfica, então já passa esse intuito, isso valia na década de 50, mas hoje em dia, com internet e tal, isso era com o linotipo.

- Diante disso, tem um autor, Adelmo Genro Filho, que coloca que a pirâmide invertida não é do mais importante para o menos importante, seria do singular para o particular, o fato em si para o contexto e depois partir pra universalização. Você enxerga isso na prática?

No jornalismo diário sim, do singular para o particular, do contexto pra prática, porque como eu falei, nós gostamos de escrever, mas jornalismo diário é informação, ninguém compra o Jornal da Cidade ou o Bom Dia aqui em Bauru só pra ler uma crônica. Então, é você tem que partir da informação, do contexto, e jornal diário você tem que partir da informação quente, vamos supor, no meu caso, jogo de basquete, eu tenho que partir de quem ganhou o jogo, ou melhor, vou partir de Bauru, se Bauru ganhou ou perdeu o jogo, e aí no seu texto, você começa a descrever o jogo, no final, a última bola que confirmou a vitória ou confirmou a derrota. Então, não tem mais importante ou não, você vai cortar o pé? É onde vai estar a decisão do lance, talvez até mais importante que o primeiro parágrafo que traz o resultado do jogo, entendeu? Então, eu concordo com ele, é bem por aí, você parte do fato para o contexto.

- Você falou que o último parágrafo pode até ter mais importância, e ele coloca mesmo que o lead não é só a resposta às seis perguntas básicas, seria a singularidade do fato, então ele pode estar em qualquer parágrafo...

É, se você parar pra pensar, as seis perguntas básicas: "Paschoalotto Bauru ganhou ontem de tanto a tanto de Franca, pelo segundo jogo, das quartas de final da NBB",

é chato. Não, se Bauru ganhou na última bola, eu posso começar assim: “Foi no limite. Por algum momento, a torcida imaginou que perderia, mas faltando um segundo, Bauru conseguiu a virada. Ontem, o time ganhou por tanto de Franca, no Ginásio Panela de Pressão”, aí no segundo parágrafo, eu trago: “Foi o segundo jogo das quartas de final da NBB, Bauru empatou a série um a um”, isso é legal, fazer com que o torcedor que esteve lá e o que não esteve no ginásio possa reviver essa emoção, “puxa, eu presenciei esse jogo”, ou “puxa, eu perdi esse jogo”, é isso. E aí, o contexto aí é essencial, aí você traz uma fala, aí você vai pro contexto do jogo, traz algumas curiosidades do jogo em si, detalhar a partida e aí, se ganhou na última bola, como eu falei no início do texto, então o torcedor já vai no último parágrafo pra saber como que foi essa bola, então não são só seis perguntas, tem que ter mais. Para as seis perguntas, eu vou na internet, na internet, são dois parágrafos, a gente faz isso aqui, a gente volta e escreve dois parágrafos pra internet, “Paschoalotto Bauru ganhou o jogo” e aí a turma já sabe, tem transmissão de rádio, então, provavelmente, quem gosta, já vai ter acompanhado, já vai saber que ganhou, e ele quer mais, ele quer ir além do fato, ele quer informação, mas ele também quer ir além, quer interpretação, emoção, quer saber o que vai acontecer, então vai além das seis perguntas.

- E, então, teria espaço para um jornalismo literário no jornal diário?

Complica um pouco, por causa da questão do tamanho, mas isso pensando no jornalismo literário formato Gay Talese, então daí não teria muito espaço, porque reportagem do Gay Talese nunca vai ter menos de dez páginas, começa por aí, são livros-reportagens. Mas eu, pessoalmente, acredito que tem, não no formato Gay Talese, no formato, alguns parágrafos, com linguagem mais descritiva, eu enquadraria no jornalismo literário, alguns professores, acadêmicos, não enquadrariam, mas acho que assim não cabe livros-reportagens, no jornalismo diário, não cabe crônicas, não cabe conto-reportagem do João Antonio, mas cabe você dar uma mexida no texto, não precisa também ser quadrado, ou é isso ou é aquilo, você muda o texto, você traz o primeiro parágrafo mais descritivo, mais emocionante, mais triste, mais alegre, mais curioso, ou um outro caso que eu fiz, já comecei texto com uma citação bíblica numa matéria de esportes, foi uma coletiva, o técnico do Noroeste evangélico, fizeram uma pergunta e ele refez uma citação bíblica, eu achei legal e comecei assim. Acho que você melhorar seu texto não é

ruim, não pode ser quadrado, não pode ser seis perguntas básicas, descrição do jogo, mas também não pode ser todo cheio de contornos e esquecer de dar o resultado do jogo, tem que ter um equilíbrio, ainda mais no jornalismo diário tem que ter esse equilíbrio, não dar só espaço para o jornalismo literário, mas não dá pra também ser padrão lead década de 50, que aí a gente tá falando de 60 anos atrás, né.

- Alguns colocam os dois como antagônicos, mas talvez a saída seja essa junção mesmo?

Não, não acredito que sejam antagônicos e pode ter essa junção sim. Dá pra convergir, se fosse uma revista, aí caberia um texto de dez, quinze ou vinte páginas, mas no diário, ainda mais no Bom Dia, que é um pouco maior que um tabloide, então você não pode querer esquecer informação, mas não pode querer ser quadrado. É uma união dos dois.

- Aí vem até a questão de que a forma como você apresenta as notícias interfere diretamente na venda dessas notícias?

Exato. As minhas melhores matérias, que deram mais repercussão, foram as que eu fugi do padrão do lead. Porque assim, nota que é onde eu geralmente uso mais o lead, ninguém percebe. O leitor lê as maiores matérias e é onde você tem a chance de escrever melhor, com técnicas melhores e de trazer não só trazer a informação, mas trazer um algo a mais. O leitor de diário, na minha opinião, quer sempre algo a mais da informação, porque ele já teve a informação por outros meios instantâneos, o próprio Bom Dia está com novo horário de fechamento, às 7 horas, então quem receber o jornal amanhã, vai receber notícias, no mais tardar, com exceção de esportes, das 7 horas da noite. Até brinco, se o Rodrigo renunciar às 8 da noite, a gente corre o risco de não dar a notícia. Porque informação só ele não vai satisfazer, tudo bem que em Bauru é um pouco diferente ainda, é uma cidade mais provinciana e tal, mas está mudando, vamos supor, trazer amanhã que a festa dos trabalhadores foi boa, reunião tanta gente, não adianta, isso aí o cara vai ver hoje na TV Tem às 7 da noite ou ele já foi lá e viu.

- Esse “algo mais” seria até um mecanismo de sobrevivência do impresso?

Exato, exato. Você pode trazer, por exemplo, “a festa dos trabalhadores discutiu isso e pode entrar em greve”, opa, ninguém sabe disso, entendeu? E aí também parte do singular para o particular, do fato para o contexto. Você pode trazer um personagem, quando eu entrei aqui, me falaram isso, e tem que ter personagem, é difícil na correria você sempre achar personagem, mas sempre quando achar, tem que saber valorizar, porque tv não vai atrás de personagem, rádio não vai atrás de personagem e internet não vai atrás de personagem, com exceção também do Globo Repórter, por exemplo, que é um outro formato, mas quem vai atrás de personagem ainda é o impresso. Então, eu não acredito que vá acabar. Tudo indica que acaba, as redações não estão mil maravilhas, mas acho que é essencial, não acaba. Pode diminuir a parcela, diminuir a fatia no mercado, não ter importância de antes, mas sempre vai ter, pode ser algo de colecionador até, mas ainda vai existir jornal e esse jornalismo de personagem. Tudo, livro, jornal, rádio, tv e internet vão convergir, claro que internet a tendência é ganhar importância e o impresso perder, mas assim, não imagino um mundo sem livros, com seus tablets lendo Machado de Assis, não acredito nisso. Não acredito também que os jornais vão acabar, que simplesmente não vai mais existir jornal, vai existir, pode não existir na importância que eles têm hoje e na importância que tiveram no passado, mas eles vão existir, continuar, e como eu falei, eles precisam se redescobrir, na minha opinião como um cara que está há pouco tempo no meio, eu acho que a forma de redescobrir é através desse algo mais, através de personagem, e de algo a mais, e nisso, é claro, com informação do lead e também com as técnicas do jornalismo literário. E sempre que eu puder, vou tentar unir, e dá pra conseguir, mesmo com “ah, 1500 caracteres”, dá pra fazer algo diferente, sempre dá.

**ANEXO A – CERTIFICADO DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM
PESQUISA DA USC**



COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

CERTIFICADO

Baseado em parecer competente este Comitê de Ética em Pesquisa analisou o Projeto **“REFLEXOS DA IMPLANTAÇÃO DO LEAD E DA PIRAMIDE INVERTIDA NO JORNALISMO IMPRESSO BRASILEIRO - UM ESTUDO BAURUENSE”**, sob o protocolo nº 081/12, tendo como responsável a pesquisadora DANIELA PEREIRA BOCHEMBUZO e o considerou Aprovado.

Bauru, 06 de março de 2013.



Prof. Dr. Rodrigo Ricci Vivan
Presidente Comitê de Ética em Pesquisa – USC